



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CAMPUS REITOR JOÃO DAVID FERREIRA LIMA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Daniel da Silva Miranda

Fragmentos discursivos de Kant: Foucault lendo *O que são as Luzes?*

Florianópolis

2023

Daniel da Silva Miranda

Fragmentos discursivos de Kant: Foucault lendo *O que são as Luzes?*

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Pedro de Souza.

Florianópolis

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Miranda, Daniel da Silva

Fragmentos discursivos de Kant: Foucault lendo O que
são as Luzes? / Daniel da Silva Miranda ; orientadora,
Pedro de Souza, 2023.
105 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós
Graduação em Linguística, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Linguística. 2. Aufklärung; Iluminismo; Ontologia;
Discurso; Foucault; Kant. 4. Pedro de Souza, Programa de
Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa
Catarina. I. Souza, Pedro de. II. Universidade Federal de
Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística.
III. Título.

Daniel da Silva Miranda

Fragmentos discursivos de Kant: Foucault lendo *O que são as Luzes?*

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado em 28 de abril de 2023 por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Pedro de Souza, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Prof. Atilio Butturi Junior, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Prof. Celso Kraemer, Dr.
Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB)

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Prof. Pedro de Souza, Dr.
Orientador

Florianópolis, 2023

A meu pai Macario Miranda (*in memoriam*)

AGRADECIMENTOS

A Deus, Criador nas suas diferentes manifestações, ao meu orientador Prof. Dr. Pedro de Souza, que sempre se fez presente nos momentos bons e nem tão bons que atravessaram as minhas memórias e experiências durante o percurso de escrita desta dissertação.

À minha esposa Jordana Sanz que é a expressão do amor incondicional mais pleno em minha vida.

Aos membros das bancas de Qualificação e de Defesa, Prof. Dr. Atilio Butturi Junior e Prof. Dr. Celso Kraemer.

À minha mãe Cleuza Nelci da Silva Miranda; à minha irmã Jucélia Miranda; aos meus sobrinhos Bianca Miranda Corrales, Bruno Roberto Miranda Corrales e Bernardo Corrales; à minha sogra Loiva de Factima e meus cunhados Daniela Sanz e Joaquim Sanz.

Aos meus amigos e companheiros de longa jornada: o grande poeta, Zé Amorim, Oberdan Longhi, Letícia Assunção, Luís Fernando Taborda, Maurício Zahn, Sandro Ferreira, Adriano Buigo, Déh Lemos, Luciano Medeiros, Fabiano Romero, Aline Alves, Marcus Ucha, Sílvio Somer, Suelen Antunes, Rosangela Calza.

Às minhas leitoras: Tatianne Vieira, Manoela Moraes, Paola Scheifer.

Aos Ninos, Marias, Plume e a Meg.

Aos membros do grupo de estudos: Adriano, Fernanda, Leo e Raphael.

À comunidade online Composição na Prática.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); ao Centro de Comunicação e Expressão (UFSC); ao Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Enfim, a todos que, de uma forma ou de outra, motivaram a realização desta pesquisa acadêmica.

Na substituição de Nara Leão por Maria Bethania, há sim a manutenção desta potente singularidade, mas nunca a tal ponto de eliminar o que há de repetível no discurso a que suas vozes deviam se submeter. Nara surpreendeu pela emissão de um fio de voz em que sustentou a força de seu dizer; Bethania pela intensidade do drama na voz assentada em um corpo franzino de adolescente. Mas o discurso a que vieram essas duas vozes permaneceu dominante e indiferente a materialidade vocal da enunciação a que vinha dar lugar (SOUZA, 2010, p. 02).

RESUMO

A partir da leitura que faz Michel Foucault do artigo de Immanuel Kant *Was ist Aufklärung?* (1985), esta dissertação tem como objetivos I) examinar, por meio da história das práticas discursivas de Foucault, o que ele diz acerca do *Iluminismo*; II) descrever como os indícios e discursos kantianos sobre o *Iluminismo* emergem e são deslocados, no interior da análise crítica foucaultiana, do plano do universal para o plano da ontologia do presente; III) descrever as relações de assimilação e resistência em Foucault-Kant no que envolve a delimitação entre o sujeito da enunciação e discurso no tempo presente. Nossa hipótese é de que Michel Foucault adota uma estratégia enunciativa, convertendo os fragmentos do discurso de Kant em acontecimentos discursivos do presente. Para tanto, metodologicamente, situado no campo dos estudos discursivos e enunciativos, vamos tomar a leitura que Foucault fez de Kant na materialidade da linguagem detectável na escrita do filósofo no seu texto *O que são as Luzes?* observando aí e descrevendo marcas e fragmentos do discurso de Kant em Foucault. Como resultado final, esta dissertação levanta elementos para compreender de que modo Foucault, em relação ao projeto da *Aufklärung*, diferencia-se de Kant quanto ao itinerário kantiano de abordagem analítica.

Palavras-chave: Aufklärung; Iluminismo; Ontologia; Discurso; Foucault; Kant.

ABSTRACT

As from the reading that Michel Foucault does of Immanuel Kant's article "*Was ist Aufklärung?*" (1985), this dissertation has as its objectives I) examine, by means of Foucault's discursive practices history, what he says about Illuminism; II) describe how the indications of Kantians' speech about Illuminism emerge and are dislocated, in the interior of Foucault's critical analysis, from the universal realm to the present ontology realm; III) describe the relations of assimilation and resistance in Foucault-Kant wherein involves the delimitation between the subject of enunciation and speech in the present time. Our hypothesis is that Michel Foucault adopts an enunciative strategy, converting the fragments of Kant's speech into discursive events in the present. Therefore, methodologically, situated in the realm of discursive and enunciative studies, we are going to take Foucault's reading of Kant in the spotable speech materiality in the philosopher's writing of his text "*What is Enlightenment?*" observing and describing traces and fragments of Foucault's speech on Kant. As a final result, this thesis raises elements to comprehend in which way Foucault, in relation to the *Aufklärung* project, differs from Kant as Kantians itinerary of analytical approach.

Key-words: Aufklärung; Illuminism; Ontology; Speech; Foucault; Kant.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	BASES: ARCABOUÇO TEÓRICO.....	23
2.1	CENÁRIO DA ARTE	23
2.1.1	Itinerário de Kant em Foucault.....	35
2.1.2	A antropologia do discurso.....	37
2.1.3	Análise do discurso	41
3	MICHEL FOUCAULT: O QUE SÃO AS <i>LUZES</i>?.....	44
3.1	FOUCAULT LÊ KANT: ILUMINISMO.....	44
3.1.1	As condições materiais da linguagem e a ontologia do presente	58
4	FOUCAULT LÊ KANT: O QUE É O ESCLARECIMENTO?	79
4.1	DAS ANÁLISES DO SUJEITO FOUCAULTIANO.....	79
4.2	A EXPERIÊNCIA VERSUS AO RACIONALISMO KANTIANO	84
4.2.1	Análise dos enunciados	92
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
	REFERÊNCIAS.....	103

1 INTRODUÇÃO

No momento em que defini o meu objeto de pesquisa em 2020, sentia-me bastante intrigado com uma suposta relação, sob o ponto de vista teórico-discursivo, entre Immanuel Kant e Michel Foucault. Seria uma relação de aproximação ou de afastamento? Essa pergunta referia-se à maneira de pensar desses dois autores no que diz respeito às suas produções críticas, especialmente sobre o século XVIII, momento histórico também conhecido como *Século das Luzes*.

O primeiro texto em que me detive para tentar entender essas possíveis similaridades entre Immanuel Kant e Michel Foucault foi o chamado “texto menor”¹ de Kant, *Was ist Aufklärung?* (1985),² escrito, em abril de 1783, para o periódico alemão *Berlinische Monatsschrift*, como resposta à interrogação dirigida aos seus leitores, em dezembro de 1784: *O que é o esclarecimento?* O jornal recebeu diversas respostas, sendo, a de Kant, a que ganhou mais notoriedade, em razão de Kant refletir sobre o *Iluminismo* europeu de maneira distinta e inovadora para o século XVIII, sugerindo que o período das *Luzes* era o momento privilegiado para o sujeito ousar no uso da razão, buscando superar os equívocos do passado pela decisão autônoma de fazer uso do próprio saber, da própria capacidade de entendimento.

Na sequência, pude percorrer a história da arte por intermédio do arcabouço teórico de Michel Foucault, percebendo que há várias pesquisas que apontam, em seus escritos, indícios de discursos kantianos, os quais aparecem especialmente na defesa de seus juízos críticos e, sobretudo, no que se refere à descrição dos enunciados e à argumentação metodológica em produções como *O que são as Luzes?* (2008), no qual é feita uma análise sobre o *Iluminismo*. Nessa perspectiva, observamos que Foucault (2011) procura mostrar ou situar o discurso de Kant, a partir do modo como se marca uma forma de sujeito, apropriando-se das palavras e

¹ Michel Foucault faz uma análise crítica do artigo de Kant, chamado *Was ist Aufklärung?* (KANT, 1985) e qualifica-o como “texto menor”. Essa caracterização não é no sentido de menosprezar o artigo de Kant, mas porque Foucault considera o artigo de Kant um ponto fundamental para pensar o presente, sobretudo, devido às potencialidades teórico-críticas que esse artigo suscita nos mais variados campos de investigação científica como, por exemplo: Filosofia, Linguística, História, Antropologia, Direito e várias outras áreas do conhecimento.

² Essa nomenclatura relacionada a palavra *Aufklärung*, durante o desenvolvimento analítico dessa dissertação, ora recorrerá à tradução, ora ao texto em alemão. Para fins de trabalho crítico a ideia é a mesma “metacrítica” que Foucault efetua no texto kantiano.

expressando-se no tempo da sua enunciação. Não se trata da simples “proeminência de um a priori universal”, como propõe o filósofo alemão, mas da própria articulação do discurso em relação ao momento do dizer. Aludo ao tempo da enunciação, em que o sujeito se coloca ancorado, não no plano do universal, mas no plano da ontologia do presente. Em síntese, interessa-me investigar, na escrita de Michel Foucault, este plano da ontologia do presente.

A partir de Foucault (2011), sabe-se que é nesse ato de tomada da palavra que o discurso se produz. Por vezes, é aí que o sujeito coloca-se enquanto uma relação de forças contidas no enunciado. Porém, mesmo estando o sujeito de posse desse enunciado, em uma sociedade como a nossa, sabe-se bem que ele não tem o direito de dizer tudo, que não pode expressar tudo em qualquer circunstância, enfim, não pode falar de qualquer coisa em qualquer tempo ou lugar, afinal,

Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é a interdição. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa (FOUCAULT, 2011, p. 9).

Partindo dessa problemática, pretendo nesta pesquisa, trabalhar esses traços marcadores da relação entre o sujeito da enunciação e o discurso que autoriza o que e como dizer em circunstâncias históricas precisas. Para isso, retomo a própria reflexão de análise que Foucault fez do texto de Kant, no qual o autor francês pensa o sujeito a partir da singularidade, algo que contrasta com o pensamento do filósofo alemão, que entende o sujeito a partir da noção de universalidade. Assim, o objetivo dessa dissertação consiste em analisar a leitura que Michel Foucault faz de Kant mediante uma analítica que considera, na materialidade da linguagem, as marcas discursivas da ontologia do presente.

O quadro geral da análise que proponho aplica-se à relação Foucault – Kant, particularmente a Kant tematizando o *Iluminismo*. Apesar de o questionamento do filósofo alemão ter sido feito no século XVIII, referindo-se às condições históricas específicas de produção, ainda é possível observar seus fragmentos discursivos na textualidade linguística contemporânea. É exatamente essa operação histórica que me interessa explorar, pensando o que Foucault busca examinar quando lê o artigo de Kant *Was ist Aufklärung?* e partindo do fato de que o filósofo francês toma a perspectiva da ontologia do presente como recurso metodológico para interpelar a

realidade em que habitamos, intentando, dessa maneira, colocar sob suspeita os próprios gestos do homem na contemporaneidade.

Em termos metodológicos, essa análise deve focalizar a estratégia de montagem do texto *O que é o iluminismo*. Isso requer analisar precisamente como Foucault trabalha os tempos linguísticos, ou seja, linguisticamente, pretendo deter-me na maneira de o filósofo francês marcar pontos de referência temporal, situando o presente como eixo axial de sua enunciação histórica. Essa referência temporal é muito bem observada por Émile Benveniste em *A linguagem e a experiência humana*, artigo escrito em 1965 e publicado em *Problemas de Linguística Geral II* (1989). Nesse artigo, Benveniste compreende que a temporalidade linguística compõe a experiência enquanto subjetividade no discurso, configurando algumas diferenciações em relação ao tempo de proferimento desse discurso como ponto fundamental das subjetividades. Trata-se do “tempo físico”, que ele denomina como tempo do mundo, o qual é caracterizado por expressar “um contínuo uniforme, infinito, linear, segmentável à vontade” (BENVENISTE, 1989, p. 71). Esse tempo difere-se de outro tempo, o “crônico”, designado pelo autor como “o tempo dos acontecimentos”, que é “congelado na história, admite uma consideração bidirecional, enquanto que nossa vida vivida corre **[é a projeção imagética que obtemos]** num único sentido” (BENVENISTE, 1989, p. 71, grifo nosso).

Ao ler o texto de Kant em relação ao projeto de *Aufklärung*, Foucault faz sua análise deixando de lado a dimensão universalista do projeto kantiano. Não se trata, porém, de se opor à análise kantiana, visto que o interesse de Foucault é desenvolver seu procedimento crítico sem se desfazer do procedimento kantiano, ou seja, fazer incidir sobre o projeto racionalista kantiano uma outra perspectiva, um outro olhar, uma outra hipótese analítica. Segundo o filósofo propõe,

deixemos de lado esse texto. Não pretendo absolutamente considerá-lo como podendo constituir uma descrição adequada da *Aufklärung*; e nenhum historiador, penso, poderia se satisfazer com ele para analisar as transformações sociais, políticas e culturais produzidas no fim do século XVIII (FOUCAULT, 2008, p. 340, grifos nossos).

Assim, Foucault imediatamente demarca o seu modo de fazer análise crítica: não adota o ponto de vista universalista de Kant como parâmetro crítico para descrever a razão iluminista, sinalizando que operará textualmente de maneira diferente. E que maneira é essa?

A maneira de Foucault considerar criticamente o *Iluminismo* é propor uma investigação discursiva pautada no que concebe como ontologia do presente, não tomando Kant como arauto de *Aufklärung*. Ou seja, Foucault não compactua com o modo kantiano de descrever o presente abordado desde uma perspectiva universalista. Nesses termos, não acata a integralidade das ideias de Kant, propondo como método uma crítica do presente. Em síntese, como historiador, Foucault não valida a crítica universalista de Kant, já que a história que lhe interessa é outra: a história a partir do singular, a partir de acontecimentos verificados na história tal como experimentada no presente, não a história universal, como é o prisma kantiano.

Aufklärung é um recurso para o pensamento do sujeito traçar não apenas modelos teórico-científicos, mas também para trazer à tona diversas condições de entendimento confiadas ao domínio da razão. Foucault correlaciona esses espaços de saberes das *Luzes* às credulidades que eram atribuídas à razão de maneira bastante “pueril”, afetando o imaginário científico da imensa maioria dos sujeitos da ciência. Foucault trouxe luz a esses meandros no sentido de que ele não se contentou em apenas ratificar os discursos iluministas, as formas de pensar providas do *Século das Luzes*. Enquanto a grande maioria dos ditos “homens da ciência” pensava em produzir ciência ou em explicar as inovações no *Século das Luzes*, Foucault atentase ao tipo de pensamento gerado naquele meio, naquele conjunto de pesquisas. Seu interesse resumia-se em compreender como essas investigações afetavam o ser humano, sua integralidade pensante, na sua condição ontológica.

Desse modo, o objetivo é mostrar o quanto Foucault busca ressignificar o protagonismo do sujeito na ação, no ato discursivo. Ele não trabalha suas análises a partir de um *eu* universal, mas a partir da atitude crítica do *nós*:

É preciso considerar a ontologia crítica de nós mesmos não certamente como uma teoria, uma doutrina, nem mesmo como um corpo permanente de saber que se acumula; é preciso concebê-la como uma atitude, um *êthos*, uma via filosófica em que a crítica do que somos é simultaneamente análise histórica dos limites que nos são colocados e prova de sua ultrapassagem possível (FOUCAULT, 2008, p. 351).

Esse emprego do *nós* não é ocasional, não é mera estratégia de argumentação do autor. Trata-se de uma marca linguística na análise de Michel Foucault, sinalizando um posicionamento discursivo diferente do de Kant. No texto de Kant, esse *nós*, serve para marcar a presença desse sujeito que Foucault, por sua vez, concebe a partir da

diversidade no *eu* kantiano. Aqui Foucault diferencia-se de Kant operando na linguagem mediante o emprego plural da primeira pessoa.

Segundo Foucault (2008, p. 351), “[é] preciso considerar a ontologia crítica de nós mesmos”, quem é ou quem são este/estes *nós mesmos*? A quem ele se refere no texto? Cabe aqui uma observação importante e necessária: é que *nós* estamos duplamente situados: no tempo da escrita de Foucault e no tempo da escrita de Kant. Assim é que Foucault faz surgir no texto, na mesma cadeia enunciativa, a categoria do pronome pessoal *nós*, 1ª pessoa do plural, incluindo “ele” mesmo enquanto enunciador e dirigindo-se a todos aqueles situados como seus destinatários no tempo da sua escrita. Dessa forma, Michel Foucault radicaliza a perspectiva singular da própria escrita de Kant. Esse procedimento da ordem do singular, apropriado por Foucault, certamente o distingue em relação a Kant, quem não costuma agir assim nos seus textos justamente por sempre enunciar a partir da universalidade. Comentando o texto kantiano, Foucault mostra que, pela primeira vez, Kant está muito atento ao tempo de sua enunciação, entretanto, o filósofo francês não se coloca como sujeito universal, enunciando-se na posição de sujeito marcado no seu tempo histórico.

Ao empregar essa estratégia enunciativa, Foucault leva às últimas consequências o procedimento kantiano justamente para caracterizar uma perspectiva de subjetivação. Essa maneira foucaultiana de enunciar não obedece aos trâmites do *a priori* histórico transcendental de Kant – os trâmites da razão universal –, mas à razão do presente, da ontologia do presente. Nesse aspecto, Foucault não nega a crítica kantiana em relação às *Luzes*, mas a vislumbra a partir de referências ancoradas na atualidade temporal de sua enunciação.

Ao longo dessa dissertação, mediante o exame das estratégias textuais operadas por Michel Foucault ao comentar *Was ist Aufklärung?* (KANT, 1985), pretendo mostrar o que há de raro na crítica analítica que o filósofo empreende a respeito do artigo kantiano, a saber, nunca dissociar a operação do pensamento do trabalho da escrita. Assim procedendo, Foucault põe-se a verificar as possibilidades de leituras do artigo de Kant no sentido de tomá-lo enquanto materialidade de discurso. O objetivo do pensador francês é que esse texto do filósofo alemão possa ser lido na atualidade como uma tomada de posição diante das narrativas tradicionais,

já cristalizadas em nosso imaginário e, também, como fragmento de ordem discursiva referente aos enunciados filosóficos até então documentados.

Dessa maneira, enquanto para Kant, o procedimento da *Aufklärung* consiste, basicamente, na ousadia e coragem de compreender os limites específicos do conhecimento humano, para Foucault, a *Aufklärung* consiste num acontecimento histórico, uma vez que o filósofo francês compreende o saber histórico como aquele a partir do qual é possível elaborar a crítica do presente. Trata-se do saber que se apoia em certo modo de ser histórico, definindo a própria elaboração de si na condição de sujeito autônomo, na sua particularidade. Portanto, a *Aufklärung* é o que constitui no sujeito uma atitude, um conjunto sintético de comportamentos, crenças, costumes, ou seja, um êthos situado em nós pela crítica na história.

Nesses termos, pretendo me ater às marcas enunciativas da textualidade de Michel Foucault que aparecem em trechos como este que recorto aqui

Kant diz que essa *Aufklärung* tem uma “divisa” (*Wahlspruch*): ora, a divisa é um traço distintivo através do qual alguém se faz reconhecer; é também uma palavra de ordem que damos a nós mesmos e que propomos aos outros. E qual é essa palavra de ordem? *Aude sapere*, “tenha coragem, a audácia de saber”. Portanto, é preciso considerar que a *Aufklärung* é ao mesmo tempo um processo do qual os homens fazem parte coletivamente e um ato de coragem a realizar pessoalmente. Eles são simultaneamente elementos e agentes do mesmo processo. Podem ser seus atores à medida que fazem parte dele; e ele se produz à medida que os homens decidem ser seus atores voluntários (FOUCAULT, 2008, p. 338).

Nota-se como Foucault adota uma perspectiva inclusiva ao interpor o seu modo próprio de pensar os limites e suas estratégias de proceder nos enunciados da fala. Isso é feito pelo emprego do sintagma *nós mesmos*, conforme já expusemos anteriormente. Essa estratégia enunciativa, marcada pelo emprego da primeira pessoa no plural, funciona na proposição de incluir a si e ao outro na atitude crítica. Vê-se, nesse trecho, como o funcionamento enunciativo adotado expõe a diferença entre a maneira de filosofar de Kant e de Foucault. Isso posto, fica claro o trabalho discursivo foucaultiano sobre a necessidade de proceder a uma análise de *nós mesmos* acerca da *Aufklärung*. Eis aqui a forma de uma analítica crítica tomada no sentido de melhor nos conduzir contra ou a favor de *nós mesmos* em face do que somos hoje enquanto sujeitos históricos. O intuito de Michel Foucault não é o de reforçar, em *nós mesmos*, os valores do humanismo, mas expor uma significativa tensão desencadeada pela própria *Aufklärung*. Esse princípio opõe-se ao *eu* que Kant

universaliza e, até por isso, Foucault expressa-se em primeira pessoa do plural para tensionar *Aufklärung* e o humanismo, negando a presença de uma identidade entre essas duas perspectivas:

Ora, creio que justamente se pode opor a essa temática, tão frequentemente recorrente e sempre dependente do humanismo, o princípio de uma crítica e de uma criação permanente de nós mesmos em nossa autonomia; ou seja, um princípio que está no cerne da consciência histórica que a *Aufklärung* tinha tido dela mesma. Deste ponto de vista, eu veria mais uma tensão entre a *Aufklärung* e o humanismo do que uma identidade (FOUCAULT, 2008, p. 346-347).

O legado da *Aufklärung* implica, assim, uma singular atualização de forças históricas atuantes no pensamento analítico de Foucault, em que faz valer certas circunstâncias específicas de produção que são as próprias condições e possibilidades, expostas pelo momento presente, atuando em suas análises.

Desse modo, a *Aufklärung* aparece reconstruída no pensamento foucaultiano como uma potência singular do acontecimento que se circunscreve em contextos distintos ao longo do tempo e se materializa em tópicos históricos nos dias de hoje. Nessa relação entre a *Aufklärung* e a história, põe-se a própria questão do sujeito, o qual é concebido como indivíduo independente, como fundamento da apreciação crítica, ou seja, coloca-se efetivamente como o sujeito da análise crítica, aquele que sinaliza para o âmbito da liberdade enquanto acontecimento histórico, isto é, de um modo de ser sujeito imbuído das reações de forças de poder e saber. Assim, esse modo de ser sujeito autônomo compreende, no espaço ético e textual do discurso, uma maneira própria de ser e expressar os acontecimentos enquanto existências.

O sujeito, na produção dos enunciados em Foucault, mostra-se em construção permanente. Especialmente em *As palavras e as coisas* (FOUCAULT, 2000), o sujeito é tomado enquanto uma elaboração do seu tempo, não por meio de uma vinculação direta entre a posição de sujeito e a realidade propriamente dita, mas através de vestígios, resíduos, ruínas. A esse respeito, é possível observar a maneira pela qual Foucault (2000) apresenta esta forma de sujeito que é tomada no plano da textualidade, particularmente, pelas marcas da linguagem, pelos efeitos de sentidos produzidos e autorizados pelo próprio texto e pela força dos enunciados atuantes em distintas materialidades discursivas ao decorrer das vozes:

Na época clássica, o ser bruto da linguagem — essa massa de signos depositados no mundo para aí exercitar nossa interrogação — desvaneceu-se, mas a linguagem estabeleceu com o ser novas relações, mais difíceis de

apreender, porquanto é por uma palavra que a linguagem o enuncia e o atinge; do interior de si mesma, ela o afirma; e, contudo, ela não poderia existir como linguagem se essa palavra, por si só, não sustentasse de antemão todo discurso possível. Sem uma forma de designar o ser, não há linguagem; mas sem linguagem, não há verbo ser, o qual é apenas uma parte dela (FOUCAULT, 2000, p. 113).

Foucault (2000) demonstra em *As palavras e as coisas*, essas condições materiais de atuação do sujeito que se faz na e pela linguagem, em consonância, ainda, com os seus procedimentos de escrita. Ou seja, o autor imprime sua maneira particular de proceder durante a elaboração de suas composições textuais. Essa estratégia analítica de Foucault nos faz perguntar pela ontologia do sujeito enquanto operação enunciativa: quem é o sujeito no discurso? Ao que Foucault responde:

Antes do fim do século XVIII, o homem não existia. Não mais que a potência da vida, a fecundidade do trabalho ou a espessura histórica da linguagem. É uma criatura muito recente que a demiúrgia do saber fabricou com suas mãos há menos de 200 anos: mas ele envelheceu tão depressa que facilmente se imaginou que ele esperara na sombra, durante milênios, o momento de iluminação em que seria enfim conhecido (FOUCAULT, 2000, p. 425)

Essa pesquisa, portanto, propõe-se a investigar, sob o ponto de vista analítico-discursivo, a relação entre Foucault e Kant, no que se refere à produção dos enunciados de Michel Foucault em contraste ao modelo de enunciado de sujeito Immanuel Kant. Essa é, reitero, a questão central desta pesquisa. Por essa razão, decidi utilizar o texto *O que são as Luzes?* (2008) e não *As palavras e as coisas*, uma vez que o artigo traz mais elementos, mais subsídios para analisar esta relação, a qual se manifesta pela materialidade linguística do discurso foucaultiano, no interior do qual quero marcar a presença kantiana.

Ainda com relação a Foucault, leitor de Kant, o professor de filosofia Robert Loudon, no artigo intitulado *El Kant de Foucault* (2013), ressalta que

Naturalmente, a tarefa de reavaliar a relação de Foucault com Kant já foi realizada antes, muito provavelmente na esteira da publicação de "O que é o Iluminismo?" em 1784, logo após sua morte. Neste último ensaio e em vários escritos relacionados, Foucault fala de Kant de uma forma muito mais positiva do que em *A ordem do discurso*, abordando explicitamente a concepção kantiana do Iluminismo (LOUDON, p. 2013, 163, tradução nossa).³

³ Naturalmente, la tarea de reevaluar la relación de Foucault con Kant se ha emprendido antes, muy probablemente a raíz de la publicación de "¿Qué es la Ilustración?" en 1784, poco después de su muerte. En este último ensayo y en varios escritos relacionados, Foucault habla sobre Kant de una manera mucho más positiva de lo que lo hizo en *El orden del discurso*, abordando explícitamente la concepción de la Ilustración en Kant (LOUDON, p. 2013, 163).

Louden chama a atenção para “uma espécie de neokantismo característico em Foucault”. Contudo, Michel Foucault indica que ele não é o continuador teórico da *Aufklärung*, ao menos não é essa a sua principal preocupação analítica no momento.

Em *O que são as Luzes?* (2008), ao comentar o texto de Kant, que serviu de resposta à *Was ist Aufklärung?*, Foucault afirma que

A hipótese que eu gostaria de sustentar é de que esse pequeno texto se encontra de qualquer forma na charneira entre a reflexão crítica e a reflexão sobre a história. É uma reflexão de Kant sobre a atualidade de seu trabalho. Sem dúvida, não é a primeira vez que um filósofo expõe as razões que ele tem para empreender sua obra com tal ou tal momento. Mas me parece que é a primeira vez que um filósofo liga assim, de maneira estreita e do interior, a significação de sua obra com relação ao conhecimento, uma reflexão sobre a história e uma análise particular do momento singular em que ele escreve e em função do qual ele escreve. A reflexão sobre “a atualidade” como diferença na história e como motivo para uma tarefa filosófica particular me parece ser a novidade desse texto (FOUCAULT, 2008, p. 341).

De sua parte, Foucault apresenta a ontologia do presente, a fim de superar o olhar transcendental, o *a priori* histórico constitutivo do imperativo kantiano, sendo possível verificar uma relação levemente destoante entre Foucault e Kant, especialmente no que concerne aos esboços de traços discursivos. Essas diferenças entre os dois filósofos, aponto textualmente no decorrer da dissertação, partindo da constatação de que Foucault tem uma preocupação mais específica na leitura do texto *Was ist Aufklärung?* (KANT, 1985), explicitada na seguinte observação:

No texto sobre a *Aufklärung*, a questão se refere à pura atualidade. Ele não busca compreender o presente a partir de uma totalidade ou de uma realização futura. Ele busca uma diferença: qual a diferença que ele introduz hoje em relação a ontem? (FOUCAULT, 2008, p. 337).

Para Foucault, distintamente de Kant, “As *Luzes*” assumem outras significações, tal como: um recurso importante para questionar a realidade. Trata-se, nesta dissertação, de evidenciar as formulações linguísticas precisas que, na escrita de Foucault sobre o artigo de Kant, tomam atualidade como eixo axial do tempo de sua enunciação. Qual seriam as marcações enunciativas da diferença em relação ao hoje e ao ontem? Por certo, Foucault reorganiza o discurso da *Aufklärung* e conduz os seus textos no sentido de recolocar os sujeitos em diálogo, potencializando, com isso, os discursos críticos e facultando um novo arranjo aos enunciados que atravessa os indivíduos e os constitui como sujeitos no tempo presente. Nesse sentido, Paul Veyne (2011), no que se refere ao pensamento de Foucault, afirma que

Só atingimos, portanto, **[os discursos, os fatos humanos, os atos ou as palavras]**, como “fenômenos”, pois não podemos separar a coisa em si do discurso por meio do qual ela está cingida em nós, “Encaçada”, gostava de dizer Foucault (VEYNE, 2011, p. 22, grifo nosso).

Aludindo ao discurso enquanto objeto, em sua materialidade, em suas molduras formais por meio das quais o conhecemos, Paul Veyne explica que o **discurso** “é a descrição mais precisa, mais concisa de uma formação histórica em sua nudez, é a atualização de sua última diferença individual” (VEYNE, 2011, p. 16-17, grifos nossos). Logo, Foucault trabalha com a história por meio da arqueologia no espaço das “epistémès”, as quais, em suas potencialidades de práticas, no limite, podem fornecer as configurações e procedimentos da racionalidade enquanto efeitos das expressões do homem na atualidade.

As palavras de Foucault em relação ao *Iluminismo* são provenientes, sobretudo, de *Was ist Aufklärung?* (KANT, 1985). O filósofo francês não se preocupa em retomar os juízos kantianos de maneira linear ou de modo a resgatar o seu arcabouço teórico, pois elas não fazem parte de suas buscas. O que realmente interessa a ele é pensar os fenômenos associados aos processos da história como acontecimento, ou seja, a maneira que o mundo ocidental organizou o modo de refletir, o jeito de atribuir verdades aos eventos ocorridos ao longo de seus momentos presentes.

Devo, portanto, compor a minha pesquisa no quadro da análise do discurso tal como Michel Foucault desenvolve ao longo de sua obra. Para tanto, pretendo colocar em relação o texto *Was ist Aufklärung?*, de Kant (1985), e o texto *O que são as Luzes?* (2008), de Foucault, incluindo também algumas passagens de *As palavras e as coisas* e *O governo de si e dos outros*. Além desses objetos textuais de aplicação de minha análise, considero necessário recorrer a alguns comentadores de Foucault, no sentido de fortalecer os alicerces teóricos do discurso e a fim de melhor ancorar esta pesquisa. Nesse quadro, escolho primeiramente comentadores como Dreyfus e Rabinow (1995), Daniele Lorenzini e Arnold I. Davidson (introdução aos escritos de Michel Foucault (2015), Guillaume Paugam (2008), entre outros estudiosos de Foucault.

Entre as principais fontes de sustentação do corpus desta pesquisa, é preciso indicar a importância de tomar Émile Benveniste como ferramenta analítica

fundamental. Refiro-me sobretudo ao texto *A linguagem e a experiência humana*, artigo de 1965, que tomo como base para abordar a materialidade da escrita de Foucault como espaço da enunciação. Este deve ser o fio condutor da investigação proposta nesta pesquisa. Em síntese, esta dissertação pauta-se pela necessidade de descrever as estratégias linguísticas particulares pelas quais Foucault diferencia-se de Kant. Isso se dará fundamentalmente pela consideração da tomada da palavra como ponto da singularização do sujeito no discurso. Analiticamente, devo me ater à maneira pela qual Foucault toma o *nós* no discurso e o diferencia do *eu* universalizado por Kant.

A dissertação está organizada em quatro capítulos. O primeiro será composto por essa introdução inicial. No segundo capítulo, apresentarei o itinerário de Kant em Foucault, o arcabouço teórico no qual se ancora essa pesquisa de dissertação e a análise discursiva que Foucault faz de Kant a partir do texto *Was ist Aufklärung?* (KANT, 1985), tomando por embasamento crítico a ontologia do presente. Na sequência, serão apresentadas algumas leituras de comentadores de Foucault – Kant que corroboraram a leitura que Foucault faz de Kant.

Na sequência, faço a análise dos enunciados de Kant acerca do *Iluminismo* e retomo a tensão do Foucault com o Kant. O ponto de partida será a tese que Michel Foucault escreveu, *Gênese e Estrutura da Antropologia de Kant*. Incluo ainda recortes de alguns cursos dos anos 1980, principalmente *Governo de si e dos Outros*, em que Kant é apresentado por Foucault como o moderno no tocante à crítica do presente. Bem como os resultados preliminares dessa pesquisa analítico-discursiva, desde as primeiras abordagens de Foucault frente ao texto kantiano até os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa.

E por último, apresento as considerações finais e as referências que embasaram a presente investigação.

2 BASES: ARCABOUÇO TEÓRICO

A partir da leitura que Michel Foucault faz do, já denominado, “texto menor” de Immanuel Kant, *Was ist Aufklärung?* (1985), o objetivo deste capítulo é percorrer o cenário atual de pesquisas que centram-se na relação Foucault – Kant. Assim, a partir de *O que são as Luzes?* (2008), de Michel Foucault, e de *Was ist Aufklärung?* (1985), de Immanuel Kant, desenvolvo uma análise e um recorte sistemático de cada um deles, lançando mão de comentários críticos de Foucault acerca da *Aufklärung*, bem como de alguns pesquisadores e comentadores de Foucault e Kant, como: José Guilherme Merquior, Huber Dreyfus, Paul Rabinow, Daniele Lorenzini, Frédéric Gros, Guillaume Paugam, entre outros.

2.1 CENÁRIO DA ARTE

A já aventada hipótese de que existem vestígios de enunciados de Kant nos trabalhos de Foucault não é inédita de modo algum, uma vez que há notáveis pesquisas que se propõem a investigar essa relação cíclica entre os dois autores. Tais estudos transpassam distintas e quase inumeráveis áreas de estudos, dentre elas: a Filosofia, a História, a Sociologia, a Antropologia, a Linguística e tantos outros espaços de investigação científica.

Pesquisas sobre aproximações e/ou distanciamentos entre Foucault e Kant na área da Filosofia são facilmente encontradas, sobretudo nos portais de publicação, no Brasil e no exterior, entre teses, dissertações, artigos e comentários de especialistas em geral. Entretanto, especificamente, na área da Linguística, a partir do recorte de estudos da análise do discurso, as produções, ao menos no Brasil, tendem a ocorrer em proposições bem menores do que em relação à Filosofia principalmente. Os principais trabalhos analíticos que retomam, de modo particular, a tensão Foucault – Kant sob a perspectiva da análise linguística aplicada ao texto de Foucault *O que são as Luzes?* (2008), são, primeiramente, *Michel Foucault ou o niilismo de cátedra* (1985), de José Guilherme Merquior; o texto de Michel Foucault, *Qu'est-ce que la critique? suivi de La culture de soi*, em cuja introdução, de Arnold

Davidson e Daniele Lorenzini, os autores, discutem a atitude crítica de Foucault acerca do artigo de Kant *O que é o Iluminismo (1784)?*

Em se tratando do momento presente ou especificamente da modernidade, Michel Foucault observa em Kant as condições de racionalidade⁴ dos sujeitos e faz isso ao retomar a interrogação feita ao próprio Immanuel Kant, pelo jornal alemão *Berlinische Monatsschrift* e cuja resposta foi publicada, em dezembro de 1784. Explica Foucault que,

no século XVIII, se preferia interrogar o público sobre problemas para os quais justamente ainda não havia resposta. Não sei se era mais eficaz; era mais divertido. Assim, em virtude desse hábito, um periódico alemão, a *Berlinische Monatsschrift*, publicou, em dezembro de 1784, uma resposta à pergunta: *Was ist Aufklärung?* E essa resposta era de Kant (FOUCAULT, 2008, p. 335, grifo nosso).

Porém, o mesmo Foucault, ao tratar das condições que implicam a ética nos processos de subjetivação e dessubjetivação, é absolutamente radical ao dizer, de acordo com César Candiotto (2013, p. 218), que: “na modernidade é impossível a formulação de qualquer moral, posto que: ‘todo imperativo está alojado no interior do pensamento e de seu movimento para captar o impensado’⁵”. Foucault observa, de maneira muito atenta, em Immanuel Kant, a constituição do sujeito, ou seja, o modo como o sujeito está disposto nos textos do filósofo alemão. Essa, portanto, é uma das constantes preocupações do francês ao ler Kant porque Foucault considera fundamental o propósito do sujeito tomado como fundamento prático em si mesmo. Desse modo,

de um lado, a perspectiva de Foucault toma distância de quaisquer sistemas éticos que proponham um fundamento válido e legítimo para a ação moral, tais como a natureza ou a razão; ainda que ela também tente se afastar das morais religiosas cujo fundamento é a Revelação; de outro lado, para entender minimamente a genealogia da ética foucaultiana é preciso situá-la em relação àqueles sistemas éticos e a essas morais religiosas. Não se trata de encontrar normas de regramento das condutas a partir das quais são estabelecidos critérios de correção e obrigação (Kant, Rawls), tampouco propor princípios como os de “bem” e “felicidade” (Stuart Mill, Aristóteles), elevados a finalidades últimas a partir das quais são estabelecidas as avaliações éticas. Foucault não está preocupado em como o indivíduo está

⁴ O tema da *racionalidade* configura-se um assunto bastante caro e muito trabalhado nos textos de Michel Foucault, ao ponto de o filósofo dizer que as suas pesquisas não propõem o poder e sim o discurso como prática de uma história das instituições, ou seja, “uma história da racionalidade, tal como ela opera nas instituições e na conduta das pessoas” (FOUCAULT, 2006, p. 319). Assim, Foucault considera que as racionalidades são uma prática nos mais variados domínios dos poderes e dos saberes humanos.

⁵ Candiotto cita Michel Foucault: FOUCAULT, M. **Les Mots et les choses: une archéologie des sciences humaines**. Paris: Gallimard, 1966 p. 339.

obrigado a agir diante de certos princípios éticos ou como ele precisa se comportar em razão dos códigos morais. Não obstante, afirmar que ele não se preocupa com os princípios éticos ou códigos morais de conduta seria, no mínimo, uma conclusão apressada (CANDIOTTO, 2013, p. 218).

O que cativa, realmente, a atenção de Foucault são as condições práticas de composição de sujeitos, atreladas ao modo como cada indivíduo pensa e elabora as condições objetivas para a sua própria constituição enquanto sujeito vivente no tempo presente. Interessa, assim, a Foucault compreender o sujeito no espaço ético, sendo a ética entendida por ele como um campo complexo de tensões e questionamentos ao que envolve o domínio dos seres humanos na sua constituição ontológica.

Mas, levando em conta essas precauções, é preciso evidentemente dar um conteúdo mais positivo ao que pode ser um êthos filosófico consistente em uma crítica do que dizemos, pensamos e fazemos, através de uma ontologia histórica de nós mesmos (FOUCAULT, 2008, p. 347).

De acordo com Candiottto (2013), Michel Foucault assume a sua compreensão de sujeito ao afirmar a ontologia histórica de *nós mesmos*, especialmente, a partir das leituras de autores como: Sade, Nietzsche, Artaud, Bataille, Marx e Freud. Um ponto intrigante disso é que Foucault não se restringe tentando parafrasear esses autores, isto é, Foucault não repete os métodos estratégicos deles em relação ao entendimento da modernidade e a compreensão do sujeito ético. Ao contrário, ele utiliza suas próprias ferramentas analíticas que se apoiam, sobretudo, nas investigações críticas genealógicas e propõem-se a examinar o sujeito por intermédio de suas incursões e trajetória ética, na busca de problematizar os seus entornos e considerando, para isso, a superação e a renúncia das suas origens enquanto *arquê*, enquanto base fundante. Porque a busca constante foucaultiana ocorre fundamentalmente na problematização do sujeito, nos seus entornos, isto é, ela transcorre nos processos de elaboração dos sujeitos no âmbito de cada ação desses seres humanos em particular.

No aspecto de base moral, por assim dizer, Foucault diferencia-se dos juízos kantianos que têm, por costume, defender um modo de filosofar em que: a sustentação material do método filosófico utilizado pelo autor alemão ampara-se em princípios gerais, nos quais, os enunciados são elevados a categorias universais, ou seja, os pilares na construção do argumento moral em Kant são de características universais. Então, esses suportes morais trabalhados no pensamento kantiano são assegurados e resguardados pelas Leis, pelos códigos, pelas tradições, pelos valores,

pelas regras, pelos costumes e, por sua vez, são protegidos pelas individualidades pessoais de cada sujeito e também pelas instituições, como famílias, escolas, igrejas, etc.

Estas prescrições proíbem, aconselham ou exigem condutas quando explicitamente formuladas em uma doutrina coerente; elas ainda estabelecem critérios de valores positivos ou negativos para condutas possíveis ao permitir comportamentos fugidios, quando transmitidas de maneira difusa. Portanto, moral no sentido de regras de conduta (CANDIOTTO, 2013, p. 221-222).

Nesses meandros, os estudos antropológicos de Foucault, de acordo com Candiotto, esforçam-se para definir a moral como a

função da moralidade dos comportamentos. Ela concerne ao comportamento real dos indivíduos, em que medida suas ações são conformes às regras e aos valores que lhe são propostos por meio das diferentes instâncias prescritivas. Moral aqui diz respeito às condutas que se podem medir àquelas regras, se elas obedecem ou resistem a uma prescrição, respeitam ou negligenciam um sistema de valores (CANDIOTTO, 2013, p. 222).

Entendo que, ao voltar seu olhar para essas grandes temáticas da humanidade enquanto processos que regem os comportamentos dos indivíduos em geral, como a genealogia da ética, Michel Foucault prioriza as relações interpessoais entre os sujeitos, as quais são produzidas, nutridas e acalentadas por uma ética de âmbito social, amparada não somente nos códigos de base moral, mas essencialmente nas liberdades humanas individuais. No que se refere ao panorama de entendimento ético-moral dos sujeitos a partir da compreensão de Foucault,

(...) busca-se elaborar a história das diferentes maneiras pelas quais alguém se relaciona consigo diante do valor da fidelidade. Assim, alguém pode ser fiel levando em consideração quatro elementos constitutivos das relações consigo. Na verdade, são os quatro elementos constitutivos da ética, tal como a entende Foucault: a substância ética (ontologia), o modo de sujeição (deontologia), o trabalho ético (ascética) e a teleologia do sujeito moral (teleologia) (CANDIOTTO, 2013, p. 225).

A partir desse entendimento exposto por Candiotto, assumimos que a genealogia ética de Michel Foucault é intensa ao trabalhar as relações que os sujeitos retêm no momento em que se apropriam de si mesmos por meio das vinculações de poder. Desse modo, o próprio corpo do sujeito torna-se lugar privilegiado de apropriação de si mesmo enquanto edificação deste sujeito moderno que assume as suas responsabilidades em um ato de consistência ético-moral. Ao afirmar esse ato, o sujeito assegura o cuidado dele próprio e dos outros seres humanos, buscando

continuamente o cuidado de si, o qual não vem de si próprio, mas vem do outro. É o outro que age sobre o sujeito em um ato movido pela conduta, a qual lhe diz o que deve ser feito e como deve ser feito no sentido de que o sujeito é levado a cuidar de si e dos demais, ou seja, alguém rege a minha conduta na sociedade.

Em *Michel Foucault ou o niilismo de cátedra*, José Guilherme Merquior (1985) refere-se a Foucault como um pensador moderno: “Foucault pode não ter sido o maior pensador de nossa era, mas foi, certamente, a figura central da filosofia francesa desde Sartre” (MERQUIOR, 1985, p. 11). Na sequência, retoma a tensão entre o estatuto próprio da ética e a instituição da verdade na modernidade. Considerando que há sujeitos para cumprir e executar as prerrogativas desses atos de verdade na sua ação diária, incorporando essa verdade à sua conduta (verdade no *Século das Luzes*), o *Iluminismo* instaurou a verdade da razão esclarecida e essa razão sobrepõe-se ao raciocínio, fazendo com que cada sujeito se convença de que o esclarecimento é a melhor atitude diante das vivências da atualidade. Nesse sentido, o autor identifica em Foucault um pensador de significativa originalidade no trato com as questões da atualidade, um autêntico crítico do presente, preocupado com os acontecimentos que circundam os sujeitos nos dias de hoje. Foucault não é o estudioso que usa das vias das razões históricas para justificar o presente, mas utiliza o imaginário histórico para refletir acerca do que envolve as tensões atuais.

Partindo desse olhar, no ensaio *O que são as Luzes?* (2008), Foucault aponta que a concepção kantiana sobre a *Aufklärung* não está ao todo equivocada, de sorte que constitui uma descrição universal do sujeito no uso de sua razão. No entanto, Foucault entende que a perspectiva kantiana de elevar o sujeito à universalidade em termos de autonomia e liberdade não pode servir de parâmetro aplicável a todos os indivíduos nas suas condições materiais de experiências éticas, ontológicas e de transformações históricas, políticas e sociais que ocorrem na modernidade. Isso porque a liberdade é compreendida no pensamento de Foucault como uma condição urgente à ética. O autor defende que a “liberdade é a condição ontológica da ética. Mas a ética é a forma refletida assumida pela liberdade” (FOUCAULT, 2006, p. 267).

Para este filósofo, a liberdade não é absorvida nos sujeitos por um conjunto de normas universais, mas pelas práticas contínuas de liberdade, por meio das relações com si mesmo e com os demais sujeitos. O primordial dessas práticas de

liberdade é o cuidado de si, sem esse cuidado, o exercício da liberdade perde o seu valor: “(...) A ética como prática racional da liberdade gira em torno do imperativo fundamental: cuida-te de ti mesmo” (FOUCAULT, 2006, p. 268). Por isso, em Foucault não há imperativo lógico de liberdade, o sujeito não pode ser livre totalmente diante de um “vácuo” entre os saberes e o poder. É justamente nesse entrecruzamento saber/poder que surge enquanto efeito a condição da liberdade humana.

O filósofo francês pondera que, em *Was ist Aufklärung* (1985), Kant demonstra, ainda que indiretamente sob o ponto de vista analítico, as correlações existentes entre os elementos da história e as questões realçadas pelas observações provenientes da crítica do presente. Foucault reforça que o pensamento de Kant sobre a *Aufklärung* ou a razão iluminista é importante porque assevera o quanto o sujeito é crucial na atualidade, especialmente no aqui e no agora, sendo ainda mais fundamental no momento em que faz uso das suas singularidades e autonomia, a qual é oriunda da razão. Dessa maneira, entende-se que, ao pensar a *Aufklärung*, Kant, de algum modo, tentou associar a reflexão crítica às condições históricas e, assim, forjar um sujeito instruído na modernidade. Para o filósofo alemão, o *Iluminismo* implica na plena utilização da razão e essa estrutura é integral, universal e intrínseca à constituição humana. Nesse sentido, Kant afirma que todos os objetos do entendimento humano, tudo aquilo que os sujeitos conseguem apreender do mundo não é produto da mera experiência ou especulação, mas elementos assimiláveis pela iniciativa da razão humana que, na medida em que age orientada pela inteligência, não nos dará somente pensamentos, mas conhecimento absoluto. Ou como diz Foucault (2008, p. 337, grifo nosso) “[...] a *Aufklärung* é definida pela modificação da relação preexistente entre a vontade, a autoridade e o uso da razão”.

Daniele Lorenzini e Arnold Davidson, ao introduzirem *Qu'est-ce que la critique? suivie de La culture de soi* (2015), realizam uma reflexão analítica, examinando o texto de Foucault *O que são as Luzes?* (2008), e destacam o fato de Foucault recusar-se a aceitar a definição de que devemos nos colocar sempre em uma posição de “contra” ou “a favor” da *Aufklärung*, como se não tivéssemos outra alternativa. Foucault afirma que,

em todo caso, creio que é preciso escapar tanto da chantagem intelectual e política de “ser a favor ou contra a *Aufklärung*”, como também da confusão histórica e moral que mistura o tema do humanismo com a questão da *Aufklärung* (FOUCAULT, 2008, p. 347, grifo nosso),

cabendo à razão iluminista ser tratada como acontecimento histórico, o qual diz muito em relação à maneira pela qual somos governados e como nos posicionamos diante de *nós mesmos*. Desse modo, a *Aufklärung* deve servir como um “eixo propulsor” para pensar a *nós mesmos* e a nossa condição no presente.

Em *A atualidade como questão: ontologia do presente em Michel Foucault* (2015), Rafael Nogueira Furtado propõe-se a analisar a ontologia do presente em Michel Foucault e considera relevante ou mesmo fundamental para a ontologia foucaultiana os eventos da atualidade, ou seja, os acontecimentos, aos quais ele nomeia de questão ontológica e que expressam um conjunto de bases e subjetividades históricas, de processos ontológicos do presente. Furtado explica que a

ontologia do presente consiste em uma crítica dos dispositivos de assujeitamento e dominação, engendrados pelas sociedades disciplinares e de controle. Através dessa crítica, o filósofo buscará por instrumentos de análise da atualidade, vislumbrando a possibilidade de transformação dos processos históricos de subjetivação (FURTADO, 2015, p. 144).

Assim, a ontologia do presente compreende uma construção analítica e reflexiva desenvolvida por Michel Foucault e compartilhada na primeira aula do curso *O governo de si e dos outros*, ministrado no Collège de France, em 1983. Em suas observações acerca do tema, o filósofo francês desenvolve a seguinte ponderação:

existe, no interior da filosofia moderna e contemporânea, outro tipo de questão, outro modo de interrogação categórica: a que vemos nascer justamente na questão da *Aufklärung* no texto sobre a Revolução. Essa outra tradição crítica não coloca a questão das condições em que um conhecimento verdadeiro é possível, é uma tradição que coloca a questão de: o que é a atualidade? Qual é o campo atual das nossas experiências? Qual é o campo atual das experiências possíveis? Não se trata, nesse caso, de uma analítica da verdade. Tratar-se-ia do que poderíamos chamar de uma ontologia do presente, uma ontologia da atualidade, uma ontologia da modernidade, uma ontologia de *nós mesmos*. E me parece que a opção filosófica com a qual nos vemos confrontados atualmente é a seguinte. É preciso optar ou por uma filosofia crítica que se apresentará como uma filosofia analítica da verdade em geral, ou por um pensamento crítico que tomará a forma de uma ontologia de *nós mesmos*, de uma ontologia da atualidade (FOUCAULT, 2010, p. 21-22, grifo nosso).

O entendimento de Foucault em relação à ontologia do presente configura um pensamento bastante caro a todo o conjunto de ideias filosóficas e linguísticas desenvolvidas por ele. Por meio dessa noção de ontologia do presente, Foucault (2010) dissemina as suas concepções críticas e analíticas para outros espaços de

problematizações, tais como: o mundo greco-romano, o cristianismo; ele explica que: o *Iluminismo* e a compreensão tecnológica de governo de si e dos outros, trazendo à superfície de suas reflexões questões como: quem somos nós hoje? Quais são as nossas vivências no tempo presente? O que conjecturamos e buscamos para materializar as nossas expectativas e as nossas resistências no tempo em que vivemos?

Esses questionamentos, postos à luz do pensamento de Foucault, são essenciais para pensar os procedimentos de poder e as formas de saber que atuam na vida dos indivíduos e como esses mecanismos de poder e seus controles de forças regulatórias exercem o controle sobre os corpos e os domínios de saberes dos sujeitos neste tempo histórico do presente. Assim, como esses procedimentos de poder atuam em nossas condutas e comportamentos, em nossos horizontes de subjetivação? Afinal, é por meio dos processos de subjetivação dos sujeitos que a ontologia do presente vislumbra seu horizonte de transformação. Ademais, conforme já citamos, para Foucault (2006),⁶ a liberdade é a condição ontológica da ética. O conceito de liberdade não se faz como uma alternativa ao poder, uma vez que a concepção de liberdade e de poder operam distintamente no contexto prático de atuação nas pesquisas foucaultianas.

Primeiro: a liberdade é a ação prática dos indivíduos que agem sobre a natureza humana. É um exercício potencialmente desenvolvido e não acabado, a liberdade não tem limites em si mesma, exceto, os limites que nós atribuímos a ela. Nesse sentido, é que o conceito de liberdade está associado à composição ética; apesar de que, diante da ética, a liberdade é bastante díspar e, às vezes, até inoperante.

Ao olhar para o tema da ética e liberdade em Foucault – Kant Kraemer (2011), faz ver que a ética pressupõe a liberdade, não como acontecimento dos sujeitos, mas como condição da própria moralidade ou eticidade do agir humano. O que as aproxima, ética e liberdade, são os acontecimentos dos sujeitos, de modo que só há relações de poder entre os seres humanos porque há liberdade entre eles.

⁶ Este é um postulado kantiano que Foucault se utiliza, sem “remeter o crédito” a Kant. Quem faz essa importante observação é o professor Celso Kraemer em *Ética e Liberdade em Michel Foucault: uma leitura de Kant*, (KRAEMER, 2011, p. 288-289), nota de rodapé 65.

A condição de escravidão e o encarceramento do indivíduo são atos físicos, corporais, e não relações coercitivas de poder. Esta condição, a de privação de liberdade, gera no sujeito uma expectativa de liberdade; é na espera pela liberdade que se constitui a relação de poder, ainda que, dessemelhante e não perpétua porque para Foucault o poder nunca é eterno, é sempre uma relação de forças de atuação. Mas, por não haver poder perpétuo, as conexões de poderes são maleáveis e até um poder mais forte poderá desfazer-se.

Por sua vez, o poder, em contraste com a liberdade, potencializa-a enquanto gesto, enquanto atitude crítica. A liberdade coloca-se como recurso histórico ao qual os sujeitos recorrem para sua edificação na condição de sujeitos forjados pelos traços substantivos no decorrer dos acontecimentos históricos, lembrando que o poder é sempre uma força correlata à liberdade dos sujeitos porque ele não é entendido por Foucault como uma entidade exclusiva e de atuação individualizada. Poder é sempre uma relação de forças e efeitos, que está relacionado aos acontecimentos históricos e vinculado aos sujeitos individuais e coletivos porque são, os sujeitos, os elos que exercem suas condutas e geram os polos modulares de circulação e vivência do poder.

Segundo: em todos os casos, para Foucault, o poder não implica necessariamente em algo depreciativo, apesar de que, pode provocar uma supressão de forças de um lado mais forte dos polos, acarretando na supremacia de uma força em detrimento das demais. Ainda assim, Foucault esclarece que o

poder não é o mal. O poder são jogos estratégicos. Sabe-se muito bem que o poder não é o mal! Considerem, por exemplo, as relações sexuais ou amorosas: exercer poder sobre o outro, em uma espécie de jogo estratégico aberto em que as coisas poderão se inverter, não é o mal; isso faz parte do amor, da paixão, do prazer sexual. Tomemos também alguma coisa que foi objeto de críticas frequentemente justificadas: a instituição pedagógica. Não vejo onde está o mal na prática de alguém que, em um dado jogo de verdade, sabendo mais do que um outro, lhe diz o que é preciso fazer, ensina-lhe, transmite-lhe um saber, comunica-lhe técnicas: o problema é de preferência saber como será possível evitar nessas práticas – nas quais o poder não pode deixar de ser exercido e não é ruim em si mesmo – os efeitos de dominação que farão com que um garoto seja submetido à autoridade arbitrária e inútil de um professor primário: um estudante, à tutela de um professor autoritário etc. Acredito que é preciso colocar esse problema em termos de regras de direito, de técnicas racionais de governo e de êthos, de prática de si e de liberdade (FOUCAULT, 2006, p. 284-285).

O fator que age no espaço do poder e desestabiliza esses potenciais acúmulos de forças ou acúmulos de poder é justamente a liberdade. Nesse aspecto,

para Foucault, a liberdade humana é o fator crítico, de resistência e de desobediência, que dilacera o acúmulo unilateral de forças que eventualmente segura, aprisiona, reprime os sujeitos e lhes mantém assujeitados. Por isso, as práticas de liberdade são essenciais e necessárias às vivências humanas, ou seja,

[...] a liberdade aparecerá como condição de existência do poder (ao mesmo tempo sua precondição, uma vez que é necessário que haja liberdade para que o poder se exerça, e também seu suporte permanente, uma vez que se ela se abstraísse inteiramente do poder que sobre ela se exerce, por isso mesmo desapareceria, e deveria buscar um substituto na coerção pura e simples da violência); porém, ela aparece também como aquilo que só poderá se opor a um exercício de poder que tende, enfim, a determiná-la inteiramente (DREYFUS e RABINOW, 1995, p. 244).

Ao instaurar a concepção do cuidado de si, o que envolve a relação de ética e liberdade, podemos entender que Foucault atribui um domínio mais produtivo para a noção de poder, em que ele desenvolve e amplia o conceito de uma ética de si mesmo voltada para a questão do cuidado por meio das práticas da liberdade no espaço social de convivência dos sujeitos.

O que realmente interessa sobre a ontologia para Foucault (2006, p. 267) é a liberdade como condição ontológica da ética. Assim, ele faz não uma crítica às epistemologias modernas, mas propõe um recurso metodológico, ou seja, precisamos observar como Foucault opera suas análises de pesquisa, seu modo de lidar com as peculiaridades de cada texto diante de condições, muitas vezes, adversas de saber e poder impostas pela modernidade, as quais podem ser observadas de um jeito bastante peculiar no texto de Immanuel Kant, *Was ist Aufklärung?* (1985), objeto central desta pesquisa. Nesse texto, Kant trabalha a noção de *Aufklärung* como um estado de menoridade, em um tom provocativo e de convite à reflexão.

Michel Foucault lê as exposições kantianas e observa, nos argumentos do filósofo alemão, alguns traços críticos muito próximos aos desenvolvidos por ele na ontologia do presente, dado que as circunstâncias são bastante semelhantes no que se refere às problemáticas do momento presente, a saber: as incidências históricas, a composição dos indivíduos como sujeitos independentes, o olhar assíduo acerca das condições e experiências práticas da vida presente de todo ser humano.

Ao tomarmos como ponto de análise a perspectiva enunciativa de Michel Foucault sobre os discursos postos ou juízos apriorísticos kantianos, entendemos que Immanuel Kant problematiza, no método de sua abordagem filosófica, a questão do

prisma do presente, ou seja, aquilo que Michel Foucault denomina de ontologia do presente, Kant descreve como pontos de vista filosófico em relação à atualidade. Porém, há uma distinção entre a abordagem crítica de Kant e o parecer discursivo de Foucault. Enquanto Kant valoriza mais a crítica universal, Foucault apropria-se da crítica singular:

Contudo, apesar de seu caráter circunstancial e sem querer lhe dar um lugar exagerado na obra de Kant, creio que é preciso enfatizar a ligação existente entre esse pequeno artigo e as três *Critiques*. Ele descreve de fato a *Aufklärung* como o momento em que a humanidade fará uso de sua própria razão, sem se submeter a nenhuma autoridade; ora, é precisamente neste momento que a Crítica é necessária, já que ela tem o papel de definir as condições nas quais o uso da razão é legítimo para determinar o que se pode conhecer, o que é preciso fazer é o que é permitido esperar (FOUCAULT, 2008, p. 340, grifo nosso).

Assim, Foucault trabalha a filosofia e a vida dos sujeitos historicamente edificados. Nesse aspecto, o texto de Foucault traça uma linha itinerante entre os sujeitos e os diálogos filosóficos existentes, entre os fenômenos e as condições da vida material de cada sujeito vivente, entre os indivíduos e as construções críticas do presente.

O que temos é que Michel Foucault, ao estudar o texto de Kant, atualiza as dificuldades presentes do mundo moderno demonstrando que, para compreender uma perspectiva discursiva, não basta apenas o sujeito absorver o sentido literal do que está sendo enunciado no texto, não é suficiente apenas adquirir a representação mental de um determinado texto. É necessário realmente o sujeito atentar para as vivências práticas dos indivíduos e suas enunciações, seus pontos de vista. Lembrando que as opiniões jamais consistem somente de juízos, mas também de percepções, capacidades, expressões, elaborações, evocações, etc.

Michel Foucault apropria-se do “fazer filosófico” kantiano para, a partir dali, capturar a abordagem filosófica do autor alemão. Para esse propósito, Foucault necessita, em alguns momentos, nem tanto repetir a perspectiva textualizada de Kant, mas, no limite, delinear o aparato de experiências das mais diversas ordens subjetivas que comporiam o estatuto dos argumentos kantianos e, assim, realizar a análise dos enunciados verbais expressos nas memórias das pessoas, intercalando experiências e modos de expressões de cada sujeito para, dessa maneira, esboçar as vivências o mais próximo possível dos indivíduos no seu tempo presente.

E nós, como conseguimos viver isso? Quais obstáculos enfrentamos para realizar a experiência do presente? Talvez o maior obstáculo seja justamente compreender esses processos discursivos que permitem aos indivíduos viver na prática as experiências da atualidade. O que Foucault lê do filósofo alemão que indicaria uma “saída”, uma “diferença”? De acordo com Foucault,

Kant define a Aufklärung de uma maneira quase inteiramente negativa, como uma Ausgang, uma “saída”, uma “solução”. (...) Ele [Kant] não busca compreender o presente a partir de uma totalidade ou de uma realização futura. Ele busca uma diferença: qual a diferença que ele introduz hoje em relação a ontem? (FOUCAULT, 2008, p. 337, grifo do autor).

Assim, em todas essas investigações sobre a questão do presente desenvolvida a partir de Michel Foucault leitor do artigo de Immanuel Kant, percebe-se a busca pela condição do presente, da própria antologia de *nós mesmos* no qual esse presente acontece.

Foucault apropria-se de *Was ist Aufklärung?* (KANT, 1985), para pensar, a partir de uma perspectiva crítica, a atualidade, questionando a condição da atitude crítica e procedendo no sentido de particularizar as interrogações, olhando a partir da condição distinta de cada circunstância de ação e propondo as suas próprias interrogações, como o que nós somos hoje? Observa-se, assim, contrastes entre os modos de proceder de Kant em relação a Foucault no que envolve a questão *Was ist Aufklärung?*

Mais adiante, vamos nos ater aos diferentes modos de pensar a crítica em Kant e Foucault, considerando como esses procedimentos mostram-se em termos de linguagem nos textos de cada um. Fiquemos, para o momento, na comparação entre as perspectivas críticas dos dois filósofos. Por um lado, Immanuel Kant elabora um entendimento filosófico de que a crítica deveria ser realizada plenamente na Aufklärung por meio do esclarecimento do juízo lúcido dos indivíduos que, ao fazer uso de sua razão esclarecida, poderiam tornar os seus conhecimentos plenos, isentos do obscurantismo e elevar-se à razão explícita. De outro lado, Michel Foucault compreende tanto a crítica quanto a Aufklärung a partir de uma outra possibilidade de entendimento, ou seja, apropriando-se da noção de crítica como um ponto, um prolegômeno de uma verdade dada num momento histórico em particular, a saber, fins do século XVIII.

No próximo capítulo, retomo essa dimensão enunciativa e adoto o procedimento que consiste em tomar como objeto de análise as escritas foucaultiana e kantiana e investigo as marcas enunciativas que interdiscursivamente ligam Foucault e Kant. No terceiro capítulo, retomaremos esse assunto de maneira mais central.

2.1.1 Itinerário de Kant em Foucault

Um pequeno resumo para terminar e retornar a Kant. Não sei se algum dia nos tornaremos maiores. Muitas coisas em nossa experiência nos convencem de que o acontecimento histórico da *Aufklärung* não nos tornou maiores: e que nós não o somos ainda. Entretanto, parece-me que se pode dar um sentido a essa interrogação crítica sobre o presente e sobre nós mesmos formulada por Kant ao refletir sobre a *Aufklärung*. Parece-me que esta é, inclusive, uma maneira de filosofar que não foi sem importância nem eficácia nesses dois últimos séculos (FOUCAULT, 2008, p. 351, grifo nosso).

A *Aufklärung* demarca um jeito analítico *sui generis* para examinar as questões do tempo presente, perpassando o contexto histórico-crítico naquele momento histórico, nomeadamente o *Iluminismo* do século XVIII, e opinando sobre as circunstâncias das atividades do saber nos acontecimentos da modernidade. Para Foucault, é esse olhar *raro* sobre o presente que precisa ser considerado sob o ponto de vista da análise metodológica. Nesse aspecto, Foucault ocupa-se do artigo de Kant não para retirar desse texto uma analítica da verdade, mas para forjar a sua crítica do presente, ou seja, a crítica da ontologia do presente, de uma ontologia de *nós mesmos*.

Na sequência dessa pesquisa, gostaria de pontuar algumas considerações expressas na tese complementar que Michel Foucault defendeu em 1961, sob a orientação de Jean Hyppolite. Em *Gênese e Estrutura da Antropologia de Kant* (2011), Foucault faz uma análise bem detalhada da Antropologia de Kant, atentando-se para o quanto há de Antropologia no pensamento kantiano.

(...) a arqueologia do texto, se fosse possível, não permitiria ver nascer um “homo criticus”, cuja estrutura diferiria no essencial do homem que a precedeu? Isso significa que a Crítica, ao seu caráter próprio de “propedêutica” à filosofia, acrescentaria um papel constitutivo no nascimento e no devir das formas concretas da existência humana. Haveria certa verdade crítica do homem, filha da crítica das condições de verdade. Porém, não esperemos respostas indubitáveis a interrogações também unívocas. O texto da Antropologia nos chegou em sua forma terminal (FOUCAULT, 2011, p.17-18, grifos do autor).

Segundo Foucault, Kant desenvolve a concepção do sujeito como ponto central de toda sua reflexão antropológica, estando esse sujeito, de acordo com o filósofo alemão, prescrito, em síntese, como: I) habitante do mundo; II) marcado por secessões sobre conhecimento antropológico e a análise crítica; e III) regido por diferenciações entre a antropologia filosófica e a psicologia racional. Nessa pesquisa, elaborada entre os anos de 1959 e 1960, na cidade de Hamburgo, local em que o filósofo francês dirigia o Instituto Francês, ele correlaciona a sua concepção antropológica num ponto de entendimento arqueogenealógico, forjando o olhar do discurso numa perspectiva em que ele, Foucault, lê Kant como um pensador moderno, um filósofo do presente. Ao referir-se à descrição inaugural da antropologia de Kant, Foucault diz que “[a] Antropologia nasceu no decurso dos anos que parecem fechar o período pré-crítico e anunciar a revolução copernicana” (FOUCAULT, 2011, p. 24). Com isso, ele concebe outro Kant, não aquele autor da filosofia universal, mas o Kant crítico do presente, bem diferente do Kant da *Aufklärung*, da razão iluminista.

Entretanto, estudiosos como Louden (2013) consideram arriscado trabalhar os textos de Kant a partir de uma divisão de perspectiva do autor: "Meu ponto de vista é que multiplicar Kant, quando a interpretação se torna difícil, não é uma estratégia prudente" (LOUDEN, 2013, p. 164, tradução nossa).⁷

Conforme argumenta Louden (2013), a antropologia de Michel Foucault, em *Gênese e estrutura da Antropologia de Kant* (2011), é lida a partir da compreensão da flexibilidade do discurso. Para o Louden (2013), o discurso é uma força de signos, efeito de signos; o discurso é aquele “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever, o discurso é um tecido de relação que se expressa pelas práticas discursivas que são atividades objetivas, práticas nos acontecimentos diários da vida dos indivíduos. Sob o panorama do discurso,

neste momento Foucault se pergunta se a afirmação de Kant segundo a qual toda as ocupações da filosofia estão preocupadas com a questão O que é o homem?” (LOUDEN, 2013, p. 172, tradução nossa).⁸

⁷ “Mi punto de vista es que multiplicar a Kant, cuando la interpretación se pone difícil, no es una estrategia prudente” (LOUDEN, 2013, p. 164).

⁸ “[a] hora Foucault se pregunta si la afirmación de Kant según la cual todas las ocupaciones de la filosofía están concernidas por la pregunta ¿Qué es el hombre?” (LOUDEN, 2013, p. 172).

2.1.2 A antropologia do discurso

A noção de antropologia que Foucault procura descrever a partir de Kant, no limite, pode ser lida como uma perspectiva do discurso, considerando que o filósofo francês não está preocupado em restringir, limitar ou enquadrar o discurso, sendo que, ao

invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo começo possível. Gostaria de perceber que no momento de falar uma voz sem nome me precedia há muito tempo: bastaria, então, que eu encadeasse, prosseguisse a frase, me alojasse, sem ser percebido, em seus interstícios, como se ela me houvesse dado um sinal, mantendo-se, por um instante, suspensa. Não haveria, portanto, começo; e em vez de ser aquele de quem parte o discurso, eu seria, antes, ao acaso de seu desenrolar, uma estreita lacuna, o ponto de seu desaparecimento possível (FOUCAULT, 1996, p. 05-06).

Desse modo, os estudos que Foucault realiza sobre a antropologia de Kant podem ser apreendidos como enunciados discursivos, em razão de que ele se propõe a operar importantes deslocamentos linguísticos nos enunciados textuais do filósofo alemão. Logo, observa-se que, dentre outros intuitos, o “principal objetivo de Foucault é agora estabelecer conexões entre ‘as relações do poder...’ e da antropologia” (LOUDEN, 2013, p. 168, grifos do autor, tradução nossa)⁹ Esses procedimentos analíticos que Foucault realiza na antropologia de Kant podem ser sintetizados da seguinte maneira:

- a) Foucault apropria-se da antropologia do pensador alemão e a lê como um discurso atual, enunciado do sujeito moderno;
- b) as condições de produção desses enunciados antropológicos de Kant são consideradas por Foucault enquanto exercício de análise da linguagem;
- c) os domínios, os efeitos, as regras, os procedimentos analíticos da linguagem e seus deslocamentos são analisados pelo filósofo francês.

Na reflexão que Foucault apresenta ao *Was ist Aufklärung?*, ele interroga as circunstâncias, ou seja, as condições do presente. Por essa razão, tem-se, de maneira

⁹ “El principal objetivo de Foucault es ahora establecer conexiones entre ‘Acerca del poder...’ y la Antropología” (LOUDEN, 2013, p. 168, grifo do autor).

bastante pontual, que “[...] é preciso evidentemente dar um conteúdo mais positivo ao que pode ser um êthos filosófico consistente em uma crítica do que dizemos, pensamos e fazemos, através de uma **ontologia histórica de nós mesmos**” (FOUCAULT, 2008, p. 347, grifo nosso). Ele chama de ontologia do presente e ontologia de *nós mesmos* a essas estratégias metodológicas utilizadas por ele para operar, investigar e problematizar de forma analítica as questões vivenciadas pelos indivíduos na atualidade,

em outros termos, a ontologia histórica de nós mesmos deve responder a uma série aberta de questões; ela se relaciona com um número não definido de pesquisas que é possível multiplicar e precisar tanto quanto se queira: mas elas responderão todas à seguinte sistematização: como nos constituímos como sujeitos de nosso saber; como nos constituímos como sujeitos que exercem ou sofrem as relações de poder; como nos constituímos como sujeitos morais de nossas ações (Foucault, 2008, p. 350).

De acordo com Arnold Davidson e Daniele Lorenzini (2015), o tema da *Aufklärung* provocou em Foucault distintas sensações e percepções do sujeito pesquisador, incitando-o a pensar os percursos do *Iluminismo* no século XVIII e as condições e nuances para interpelar esse tema a partir do momento presente, de maneira muito atenta e cuidadosa e enquanto materialidades de linguagem advindas de diferentes matizes reflexivas. É a partir da interrogação da *Aufklärung* que surgem elementos de análises importantes no pensamento de Foucault, tais como: I) a articulação da crítica inter-relacionada com a temporalidade do presente; II) quem somos nós nos dias de hoje?; III) a questão da ética do presente que busca entender as atitudes do indivíduo na atualidade.

Interessa a Foucault estudar as questões do presente, interrogar-se sobre os temas da atualidade e perceber as formas de poder e saber contidas nessas condições do momento aqui e agora. Por essas razões, Foucault atenta-se muito ao texto *Was ist Aufklärung?* (KANT, 1985),

Mas, se evoco essa generalidade não é para dizer que é preciso retrazá-la em sua continuidade metaistórica através do tempo, nem tampouco acompanhar suas variações. O que é preciso apreender é em que medida o que sabemos, as formas de poder que aí se exercem e a experiência que fazemos de nós mesmos constituem apenas figuras históricas determinadas por uma certa forma de problematização, que definiu objetos, regras de ação, modos de relação consigo mesmo. O estudo (dos modos) de problematizações (ou seja, do que não é constante antropológica nem variação cronológica) é, portanto, a maneira de analisar, em sua forma historicamente singular, as questões de alcance geral (Foucault, 2008, p. 350-351).

Conforme pontuam Arnold Davidson e Daniele Lorenzini (2015), Kant foi um autor que exerceu um papel importante para o pensamento de Foucault, tendo em vista que este escreveu sua tese complementar a partir dos estudos sobre Kant. No entanto, Foucault pontua que a atitude crítica não é só um modo de ser histórico, é uma maneira de agir na história, uma alternativa à razão kantiana. Nesse aspecto, a *Aufklärung* estende-se como uma necessidade individual e também coletiva, pois é

preciso também enfatizar que essa saída é apresentada por Kant de maneira bastante ambígua. Ele a caracteriza como um fato, um processo em vias de se desenrolar; mas a apresenta também como uma tarefa e uma obrigação. Desde o primeiro parágrafo, enfatiza que o próprio homem é responsável por seu estado de menor idade. É preciso conceber então que ele não poderá sair dele a não ser por uma mudança que ele próprio operará em si mesmo (FOUCAULT, 2008, p. 338).

Para Foucault, a *Aufklärung*, além de fazer uma descrição dos acontecimentos do tempo presente, também faz uma prescrição, no sentido de que impulsiona um assunto, uma norma, um mote, retomado por Foucault, “*Sapere aude*”, isto é, tenha coragem de ousar saber.

Como ressalta Louden (2013), Foucault percebe uma categoria de pensamento de viés antropológico nos textos de Kant. Essa maneira de Kant raciocinar e expressar as suas ideias, que Foucault discute no livro *Gênese e estrutura da Antropologia de Kant*, é a sua tese complementar:

A tradução de Foucault da Antropologia foi publicada pela primeira vez em 1964, porém seu ensaio interpretativo, Introdução a Antropologia de Kant, que é o objetivo principal deste texto, não foi publicado oficialmente até 2008. Esta publicação de 2008 é a declaração mais detalhada de Foucault sobre a filosofia de Kant, na qual explora com alguns detalhes não somente A Antropologia, mas também muitos outros escritos deste pensador (LOUDEN, 2013, p. 164, tradução nossa).¹⁰

Além do mais, Michel Foucault observa que, no texto da Antropologia de Kant, não é possível ascender ou expandir-se no indivíduo nenhum raciocínio saído da dedução, exceto os temperamentos, logo a “Antropologia é comandada por uma

¹⁰ La traducción de Foucault de la Antropología se publica por primera vez en 1964, pero su ensayo interpretativo, Introducción a la Antropología de Kant, que es el objetivo principal de este texto, no se publicó oficialmente hasta 2008. Esta publicación de 2008 es la declaración más detallada de Foucault sobre la filosofía de Kant, en la que explora con algún detalle no sólo la Antropología, sino también muchos otros escritos de este pensador (LOUDEN, 2013, p. 164).

espécie de dedução dos temperamentos, a partir da tensão e da distensão da atividade e do sentimento” (FOUCAULT, 2011, p. 24). Isso posto, Foucault percebe que não é possível a ninguém apreender alguma coisa pela dedução, não a priori, diria Kant, mas, para o domínio dos fatos. Logo, os saberes que compõem esse domínio apenas possuem validade quando são provenientes da indução e fundados na experiência. À vista disso, no que concerne à Antropologia de Kant, Foucault diz que: “(...) a uma ideia cosmopolítica, que tem valor programático e na qual o mundo aparece antes como cidade a ser construída do que como cosmos já dado (FOUCAULT, 2011, p. 28).

Por essa razão, os limites particulares dos saberes humanos, por exemplo as vivências de cada sujeito, seriam apenas categóricos, formais, logo, incapazes de ser aplicados às situações ou feitos singulares reais e práticos na vida de cada pessoa. Seriam aplicáveis, tão somente, aos atos universais. Por isso, de acordo com Foucault e ainda refletindo acerca da Antropologia de Kant,

na outra extremidade da obra Kantiana, a Antropologia é contemporânea de alguns outros textos que, juntos, permitem como que demarcar o ponto de chegada ou pelo menos a contribuições mais recentes. Sustentando assim as duas pontas da corda, estaremos talvez menos desarmados para abordar este fato, ao mesmo tempo histórico e estrutural, este fato duplamente presente na cronologia dos textos e arquitetônica da obra que é a contemporaneidade entre o pensamento crítico e a reflexão antropológica (FOUCAULT, 2011, p. 28).

Assim, ao ler Kant, Foucault chama a atenção para o fato de que os limites exteriores aos saberes humanos, de acordo com o pensamento kantiano, somente podem ser estabelecidos pela indução, a partir dos conjuntos de saberes prévios e efetivos que cada ser humano já possui e que são concernentes a diversidades de objetos que ele conheceu pelo acúmulo de informações que cada indivíduo possui. Tais saberes humanos não são incondicionalmente necessários porque nem todos nós sabemos as mesmas coisas e há uma disparidade considerável entre o que cada ser humano sabe. Sendo assim, a relação entre os sujeitos e os saberes só podem ser de ordens ocasionais porque os próprios objetos de saberes são acidentais e contingentes. Entretanto, é a Antropologia que tende a interligar os sujeitos às esferas dos saberes ou sustentar, assim, as duas pontas da corda, como fala Foucault.

2.1.3 Análise do discurso

José Guilherme Merquior (1985) propõem-se a explicar o processo da análise foucaultiana ao potencializar a caracterização do filósofo francês como pensador moderno. Essa elaboração aparece também em Jürgen Habermas (2000) e, cada um a seu modo, promove uma reflexão em face da crítica ontológica do presente elaborada por Michel Foucault. Reforço que meu objetivo aqui é realizar um breve recorte sobre o conciso estudo que Merquior efetua no decorrer de seu livro *Foucault ou o Niilismo de Cátedra*, acerca de alguns textos de Foucault, destacando a maneira que o estudioso considera a vinculação entre crítica do presente e modernidade: “historiador do presente” (MERQUIOR, 1985, p. 19).

Merquior (1985) demonstra que Foucault, em seus textos, faz um recorte histórico-metodológico para analisar os discursos do presente, sendo que “[discurso] é a palavra com que ele [Foucault] designa o pensamento como prática social” (MERQUIOR, 1985, p. 22). De acordo com o autor, Foucault é lido por ele como o pensador do presente, dos acontecimentos da atualidade, sendo relevante enfatizar esse ponto porque é exatamente dele que se desenvolverá a crítica de Merquior acerca dos livros de Foucault.

A presença kantiana nos textos de Foucault, se há e quando isso surge, é sempre complexa de se observar a partir do olhar discursivo. *O que são as Luzes?* (2008) é o texto que tende a aparar algumas arestas Foucault – Kant a partir do instante em que se tem a ontologia do presente e, uma vez que, segundo Merquior,

Foucault aludiu à conveniência de se considerar seu projeto de uma história do presente como uma espécie de síntese entre as duas linhas de investigação a francesa e a alemã derivadas da indagação kantiana sobre o Iluminismo, quer dizer, sobre a natureza da razão moderna (MERQUIOR, 1985, p. 23).

Para tecer as suas observações sobre o *Iluminismo*, Foucault precisou conceber de alguma maneira a razão do *Século das Luzes* não só no sentido de criticá-la, mas também de procurar entendê-la enquanto acontecimento histórico, “como uma tentativa de conduzir uma investigação da moderna racionalidade, uma investigação exigindo sondagem dos fundamentos da ciência social” (MERQUIOR, 1985, p. 27).

Ao propor-se a refletir sobre as iniciativas de Michel Foucault como crítico do sistema racional e universalista de Immanuel Kant, Merquior situa Michel Foucault como um pensador da linguagem no presente e Kant, como o filósofo que se utiliza da linguagem de maneira a instrumentalizá-la, a imprimir sobre ela um aparato verbal centrado no *eu* universal que deve emitir juízos de caráter válidos e lógicos. Isso implica dizer que, ao instituir a ontologia crítica, Foucault tende a assumir em seus posicionamentos analíticos dadas resignações ou atitudes críticas que são bem próximas de práticas iluministas como, por exemplo, sua atitude crítica, ou seja, do esclarecimento.

Das relevâncias fundamentais de Foucault acerca do *Iluminismo* está “a problemática do modo de inserção social dos discursos. Foucault concebe um razoável grau de autonomia à formação do discurso” (MERQUIOR, 1985, p. 47). Têm-se os silenciamentos produzidos pelas ciências modernas a partir dos regimes de verdades, bem como outros contornos e outras maneiras singulares de conhecer que são suprimidas e desautorizadas pelos protocolos das ciências modernas¹¹. Percebe-se, portanto, que a prerrogativa foucaultiana é promover, na medida do possível: ontologia crítica do presente *versus* a crítica da razão moderna kantiana, na qual há o protagonismo da linguagem autônoma, utilitária, instrumental, universal. Contudo, essa ontologia crítica do presente, ainda que de modo contrastante, aproxima os dois pensadores, uma vez que, ao buscar entender o discurso contido em *Was ist Aufklärung?* (KANT, 1985), Foucault aprofunda os seus estudos sobre o que ele propõe como atitude crítica para investigar o presente da *Aufklärung*.

Foucault empregou o rótulo de “arqueologia” para denotar “a história daquilo que torna necessário uma certa forma de pensamento”. A “arqueologia” lida com formas de pensamento necessárias, inconsciente e anônimas, a que Foucault chama de “epistemes”. Uma “episteme” é o “a priori histórico” (MERQUIOR, 1985, p. 50, grifo do autor).

A respeito dessas epistemes foucaultianas, entende-se que “uma episteme, por conseguinte, pode ser chamada de paradigma, desde que não seja concebida como um padrão, um modelo de trabalho cognitivo” (MERQUIOR, 1985, p. 54), assim, considerando a ontologia do presente, pode-se dizer que Foucault diferencia-se de

¹¹ Essa relação específica de Foucault com as ciências modernas é muito interessante, mas será objeto de pesquisa de uma investigação futura, porque o que anima os estudos nessa dissertação é a interrogação Foucault leitor de Kant na perspectiva da linguística, na análise do discurso.

Kant pelas epistemes. Enquanto o filósofo alemão propõe a crítica descrita pela razão universal, o filósofo francês propõe as epistemes, ou seja, Foucault passa a historicizar os saberes de maneira singular, fortalecendo, portanto, as condições práticas nas suas especificidades, afastando-se do *a priori* histórico universal kantiano. Isso porque a razão procede em Foucault de maneira pulverizada, fragmentada num horizonte temporal de perspectiva, bem diferente da razão unitária de Kant. Em Foucault, as epistemes não devem ser confundidas, adverte ele, com a história das ciências ou mesmo a história das ideias (MERQUIOR, 1985, p. 55).

Foucault, entretanto, observa, entre outros pontos, dois que me parecem essenciais: 1) a ontologia do presente, em que ele faz uma detalhada análise do que Kant escreveu sobre o momento presente e do *Iluminismo*; 2) observa com bastante perspicácia que é possível ler Kant em *Was ist Aufklärung?* (KANT, 1985), e fazer uma análise crítica do *Iluminismo* sem que, para isso, necessariamente, seja preciso romper por completo com o pensamento da modernidade. É possível, diz Foucault, utilizar o próprio texto de Kant para efetuar a crítica do *Iluminismo*, sendo necessário atentar-se aos elementos intrínsecos ao texto e fazer a crítica interna deles, uma vez que Kant propõe o saber a partir dos elementos intrínsecos aos indivíduos, ou seja, proveniente de cada um na sua individualidade, não na exterioridade, sendo a autonomia e a insubmissão que lhes conduzem à maioridade, portanto, ao esclarecimento.

Pode-se dizer, ainda, que Foucault não está apenas lendo Kant, mas também utilizando esse imaginário presente no texto kantiano para projetar, no momento atual, a sua crítica do presente, mostrando que a pergunta “quem somos nós?”, bem como as reflexões sobre o *Die Aufklärung*, “esclarecimento”, *Die Unmündigkeit*, “menoridade” e *Die Schuld*, “culpa” estão atreladas à interrogação da atualidade. Quem somos nós nos dias atuais? Isso que interessa a Foucault.

Definidas as abordagens primordiais das teorias que ancoram esta pesquisa e viabilizam o avanço de outras reflexões e outras análises críticas, nos próximos capítulos, o foco está em apontar elementos de semelhança e disparidade entre Foucault e Kant, tensões e inquietações que podem aparecer na escrita foucaultiana sob o ponto de vista das marcas de enunciação.

3 MICHEL FOUCAULT: O QUE SÃO AS LUZES?

Neste capítulo nosso foco está em apresentar uma síntese analítica acerca dos discursos de Immanuel Kant em Michel Foucault, isto é, analisar os enunciados de Kant apropriados por Foucault para desenvolver seu diagnóstico em torno da *Aufklärung* ou do *Iluminismo*, os quais são fundamentais para a realização deste estudo. Para essa reflexão, prosseguiremos pela via da exposição de recortes de alguns cursos ministrados por Michel Foucault nos anos 1980, principalmente *Governo de si e dos outros* (2010) de sua tese *Gênese e Estrutura da Antropologia de Kant*, e do texto “O que são as Luzes?” (2008). A escolha desses textos deve-se ao fato de neles Foucault apresentar Kant como o moderno no que se refere à crítica do presente dentro dos estudos da linguagem.

3.1 FOUCAULT LÊ KANT: ILUMINISMO

A resposta à pergunta *Was ist Aufklärung?*, ou seja, “o que é o Iluminismo?”, foi escrita por Immanuel Kant (1724-1804), filósofo alemão, notabilizado no meio histórico-filosófico como o pensador da crítica, no sentido de que essa concepção de crítica é entendida nos seus textos, de modo sumário, isto é, como o próprio fundamento do conhecimento científico. Segundo análise de Celso Kraemer (2011), em *Ética e Liberdade em Michel Foucault. Uma leitura de Kant*, a crítica nos escritos kantianos é uma ferramenta que serve para especular as diferentes possibilidades de manifestação da verdade e não um recurso para interrogar a presença do ser. Ainda, na condição de filósofo crítico, Kant dá por pressuposto em seus argumentos não somente a validade da ciência física, como também a aptidão da razão para o ser humano alcançar os próprios limites do conhecimento.

Então, nessas circunstâncias de saberes, surge na Europa, durante o século XVIII, em países como Alemanha, França, Inglaterra e Itália, um movimento histórico-cultural e filosófico conhecido como *Iluminismo* ou *Século das Luzes*. A saber, o ideário kantiano foi muito importante para o *Iluminismo* europeu, especialmente marcado pela presença do texto publicado em 1784, cujo título é *Was ist Aufklärung?* Nesse sucinto, porém, fundamental artigo, o filósofo alemão marca a tarefa do sujeito conforme o

domínio do conhecimento, em que, conhecer de maneira racional é algo inerente à vida humana de acordo com o entendimento desse filósofo.

Nesse aspecto, Michel Foucault relembra que “[...] um periódico alemão *Berlinische Monatsschrift*, em dezembro de 1784, publicou uma resposta à pergunta: *Was ist Aufklärung*, e essa resposta era de Kant” (FOUCAULT, 2008, p. 335), na qual o autor alemão trata de definir o que ele compreende por *Iluminismo*, não apenas fazendo uma descrição desse movimento do saber, mas usufruindo das bases de compreensões racionais provenientes da ideia de razão esclarecida que configura mais que um período demarcado de tempo, mas um processo contínuo de esclarecimento que se estenderá ao longo dos séculos.

A partir desses argumentos de Kant, o filósofo lança as seguintes questões: a) O que significa fazer uso do próprio conhecimento? b) Quais são os obstáculos que dificultam o sujeito de fazer uso de seu próprio entendimento? c) como o sujeito pode usufruir da sua liberdade apropriando-se dos domínios de seu próprio saber? Ainda nessa perspectiva de análise, conforme argumenta Kant (1985), apropriar-se do próprio domínio de conhecimento, quer dizer que os indivíduos devem pensar por si mesmos, fazer uso prático da própria razão no intuito de exercer autonomia para a finalidade intrínseca da razão em aspectos tanto individuais quanto coletivos.

Mas, há obstáculos que dificultam o desenvolvimento absoluto do conhecimento, como a preguiça, a covardia e o dogmatismo que contribuem para que os indivíduos permaneçam na menoridade e não busquem exercer sua condição natural de fazer uso de seu próprio entendimento, ou seja, pensar por si mesmos, tornar-se sábios. De modo que, fazer uso da própria liberdade envolve sair da menoridade, a qual, para Kant (1985) acarreta não na renúncia de conhecimento, mas na capacidade da qual cada sujeito dispõe para orientar-se no uso de seu próprio entendimento. Por sua vez, a concepção de maioridade caracteriza, justamente, o contrário. Define-se pela aptidão natural que todo o indivíduo possui de utilizar-se do próprio entendimento, da emancipação e do autoconhecimento para tomar as decisões lúcidas. Dessa maneira, os indivíduos apropriam-se da educação formal para desenvolver suas potencialidades racionais e o professor deve fornecer as instruções necessárias para que o aluno, por meio de seu esforço pessoal, adquira autonomia no uso da razão e aprenda a pensar por si mesmo, a elaborar seus próprios

pensamentos e, assim, sair do estágio de menoridade para tornar-se um sujeito esclarecido.

A concepção de esclarecimento pleno junto à autonomia é indispensável não apenas para os sujeitos na sua condição particular, mas também em uma conjuntura coletiva, pois o ideário iluminista no *Século das Luzes* é composto pela busca contínua do saber. A denominação da expressão *Aufklärung* nas pesquisas kantianas, particularmente em *Was ist Aufklärung?*, pressupõe aos sujeitos o conhecimento. Portanto, para chegar a alcançar a iminência desse saber, conforme Kant (1985), é preciso superar os obstáculos ao conhecimento, como pensar por iniciativa própria, o que não configura uma iniciativa espontânea, mas exige de cada sujeito um ato de superação, uma saída do estado de menoridade que é uma condição cômoda. Assim, é preciso aprender a andar sem o auxílio de outros, contudo, é mais confortável aos sujeitos permanecerem na condição de menoridade, já que o indivíduo tem uma receita pronta que não lhe exige pensar por iniciativa própria, bem como tem um diretor espiritual que lhe fornece as regras a serem seguidas, um médico que lhe prescreve a dieta e assim por diante.

Nesse sentido, por que o sujeito deve esforçar-se uma vez que não se faz necessário pensar por si mesmo, além disso, tem ao seu dispor pessoas a quem ele poderá pagar para que elas realizem as suas tarefas pessoais? É, principalmente, nessa situação que o ser humano é totalmente culpado pelo seu estado de menoridade. Em tal caso, falta-lhe convicção e coragem para sair do estado de menoridade do qual ele é o próprio culpado, pois a causa dessa menoridade não está na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem para ele servir-se de seu próprio entendimento. Por último, Kant (1985), ressalta que, os indivíduos devem utilizar-se da sua capacidade racional para tomar decisões, sem precisar recorrer para isso a opiniões alheias. Diante do exposto, é vital deliberar usufruindo-se dos próprios juízos em que o essencial é ousar a pensar.

Immanuel Kant, no texto que é resposta à pergunta: O que é o esclarecimento, *Aufklärung?*, inicia-o dizendo que

Esclarecimento [*“Aufklärung”*] é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outros indivíduos. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. Sapere aude! Tem coragem e fazer uso de teu

próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento ["Aufklärung"] (Kant, 1985, p. 100, grifo do autor).

Observa-se, nesse fragmento, que a abordagem do autor alemão acerca da temática do esclarecimento, *Aufklärung*, inclina-se para uma proposição centrada no sujeito, especificamente no *eu* como parâmetro da enunciação linguística. Não há contrastes ou fissuras para outras possibilidades da ação enunciativa, para o transpasse de outros olhares sobre o objeto de análise. Nesse sentido, os argumentos de Kant, na visão de Foucault, uma vez lidos na perspectiva analítico-discursiva, são de viés universal.

A nossa tarefa aqui é analisar o percurso dessa resposta kantiana alicerçando-nos no que Foucault descreve em seus estudos sobre ela e considerando que ele se dedicou a tecer um comentário analítico, promovendo uma articulação crítico-discursiva entre a ideia de *Aufklärung* kantiana e a atitude ética dos sujeitos na temporalidade do presente. Seu objetivo era lançar luz sobre as adversidades a que estamos submetidos na atualidade enquanto sujeitos, considerando que o momento presente impulsiona as nossas atitudes de coragem para escavar o cotidiano.

É diante desse estatuto da razão iluminista que Michel Foucault, em *O que é a crítica?* (1990), propõe uma forma de desenvolver esse argumento ao analisar os seus objetos de trabalho, especialmente *Aufklärung*, que agencia, desse modo, um recurso emancipador do ponto de vista ético-político, "[...] uma certa maneira de pensar, de dizer, de agir igualmente, uma certa relação com o que existe, com o que se sabe, o que se faz, uma relação com a sociedade, com a cultura, uma relação com os outros também, e que se poderia chamar, digamos, de atitude crítica [...]" (FOUCAULT, 1990, p. 01-02).

A crítica é, portanto, o exercício de não ser governado dessa maneira, em que a capacidade racional se assemelha à superação da condição de saída da minoridade dos indivíduos, a respeito da qual fala Kant ao trabalhar a noção de *Aufklärung* como um gesto crítico de esclarecimento que liberta o sujeito do seu estado de minoridade, seguindo para a busca de seu próprio conhecimento. Para isso, basta que o ser humano tenha coragem de alcançar o saber e queira fazer uso legítimo da sua razão sem precisar submeter-se a qualquer autoridade. Desse modo, *a atitude crítica é*

o movimento que fez revigorar o empreendimento da *Aufklärung* no projeto crítico que era de fazer com que o conhecimento pudesse se fazer de si próprio uma justa ideia, é esse movimento de gangorra, é esse deslocamento, a maneira de desviar a questão da *Aufklärung* para a crítica, não seria preciso tentar fazer agora o caminho inverso? Não se poderia tentar percorrer esta via, mas num outro sentido? E se é preciso colocar a questão do conhecimento na sua relação com a dominação, seria de início e antes de tudo a partir de uma certa vontade decisória de não ser governado, esta vontade decisória, atitude ao mesmo tempo individual e coletiva de sair, como dizia Kant, de sua menoridade. *Questão de atitude*. Vejam vocês porque eu nunca pude dar, ousaria dar um título à minha conferência que tivesse sido: "o que é a *Aufklärung*?" (FOUCAULT, 1990, p. 19, grifo nosso).

Michel Foucault, ao ler a pergunta *Was ist Aufklärung?* e o que propõe Kant: “Para este esclarecimento [*Aufklärung*] porém nada mais se exige senão liberdade” (KANT, 1985, p. 104, grifo nosso), reconhece a saída da menoridade, assim como uma iniciativa crítica, pois para sair da menoridade, segundo já havia dito Kant, é necessário afastar-se da apatia, da preguiça, da inércia, do medo, da covardia, situações limitadoras do ser humano e que lhes impedem de alcançar emancipação e autonomia individual e conseqüentemente impossibilita o ser humano de adquirir sua plena autonomia racional.

A partir desse olhar analítico sobre o que consiste a *Aufklärung* é que Foucault coloca a questão da atualidade, uma vez que, de fato “a questão que, parece-me, surge pela primeira vez nos textos de Kant – não digo a única vez, encontraremos outro exemplo um pouco depois – é a questão do presente, é a questão da atualidade, é a questão de: o que acontece hoje? O que acontece agora?” (FOUCAULT, 2010, p. 12). Desse modo, a relação que envolve o passado dos indivíduos, o ontem em relação ao hoje, ou a resposta de Kant possibilitou à filosofia indagar-se acerca do momento presente, pondo a questão da atualidade como um problema filosófico.

Essa tendência universalista, em termos de análise discursiva, é algo que não acontece no itinerário de leitura de Foucault em seus estudos em torno do *Século das Luzes*. A conjuntura analítica tecida a respeito do *Iluminismo*: Foucault decompõe o seu processo de entendimento pelas nuances, pelas tessituras, pelas vozes construídas em diferentes tonalidades:

Eu queria apenas situar para vocês esse texto de Kant sobre a *Aufklärung*. Na hora que vai se seguir, procuraremos lê-lo mais em detalhes. Mas eu queria portanto situar esse texto para vocês, ao mesmo tempo quanto ao contexto no qual ele se encontra, sua relação com o público, sua relação com a *Aufklärung* mendelssohniana, quanto ao tipo de questões que ele coloca e quanto ao fato de que está, de certo modo, no ponto de partida de toda uma

dinastia de questões filosóficas. Porque me parece que essas duas questões (o que é a *Aufklärung* e o que é a Revolução?), que são as duas formas nas quais Kant colocou a questão da sua própria atualidade, não pararam de rondar, se não toda a filosofia moderna desde o século XIX, pelo menos uma grande parte dessa filosofia. Afinal, a *Aufklärung* ao mesmo tempo como acontecimento singular que inaugura a modernidade europeia e como processo permanente que se manifesta e se barganha na história da razão, o desenvolvimento e a instauração das formas de racionalidade e de técnica, a autonomia e a autoridade do saber, tudo isso, essa questão da *Aufklärung* – vamos dizer, também da razão e do uso da razão como problema histórico – perpassou, me parece, todo o pensamento filosófico de Kant até hoje (FOUCAULT, 2010, p. 20-21, grifo nosso).

É de notar aqui o emprego da primeira pessoa do singular e da primeira pessoa do plural, pela qual se marca a si como enunciador do pensamento e inclui o outro implicado no mesmo processo. Destaquemos as sequências frasais, em que jogo pronominal de pessoa tem uma importante função: “Eu queria apenas situar para vocês esse texto de Kant”; “Na hora que vai se seguir”; “procuraremos lê-lo mais em detalhes”; “Mas eu queria, portanto, situar esse texto para vocês”. Vê-se que o emprego do tempo futuro – “na hora que vai se seguir” – e o uso inclusivo dos pronomes pessoais em primeira pessoa do singular e do plural, podem não ter sido planejados, mas também não é casual. No ato oral de enunciação, são marcadores linguísticos de uma ontologia do presente que se atualiza no próprio discurso que desenvolve o filósofo em sua aula.

Essa é a maneira de Foucault exercer o seu ato crítico, articulando as interrogações em torno do presente com as elaborações dos sujeitos durante os percursos históricos. Assim, ele problematiza justamente a condição que comporta um outro processo de racionalização que visa, sobretudo, enunciar a temporalidade do agora pela via da ontologia do presente, de modo a demarcar o que nós somos hoje e o que deixamos de ser em se tratando de atitudes da modernidade.

Foucault não é o estudioso que usa das vias das razões históricas para justificar o presente, mas utiliza o imaginário histórico para refletir acerca do que envolve as tensões atuais. Partindo desse olhar, no ensaio *O que são as Luzes?* (2008), Foucault entende que a concepção kantiana sobre a *Aufklärung* não está ao todo equivocada, de sorte que constitui uma descrição universal do sujeito no uso de sua razão. No entanto, a perspectiva kantiana de elevar o sujeito à universalidade em termos de autonomia e liberdade não pode servir de parâmetro aplicável a todos os

indivíduos nas suas condições materiais de experiências éticas, ontológicas e de transformações históricas, políticas e sociais que ocorrem na atualidade.

O processo de constituição de sujeito para Foucault, trabalhado em *A hermenêutica do sujeito* (2004) a partir da historicidade do sujeito, situa-o em uma categoria particular. Nessa ordem de entendimento, cada recorte de observação implicaria em uma categoria de sujeito que age de maneira singular. Percebe-se, com isso, que a razão de ser dos sujeitos nessas configurações dos indivíduos não é de natureza universal porque o que realmente importa é a modalidade de constituição da categoria de sujeito como efeito de processos de elaboração de si mesmo enquanto pessoa. Desse modo,

não importa mais para Foucault, as práticas normalizadoras que produzem sujeitos, mas sim investigar o modo de relação que os indivíduos entretêm consigo mesmo, o qual chamou de relação ética. Trata-se de saber como o indivíduo constitui-se como o sujeito de suas próprias ações. (...) Foucault propõe um modo de pensar que rompe com as filosofias voltadas para o sujeito, ou para o ser em si e para si (SOUZA, 2003, p. 38-39).

Logo, em Foucault, não há um *eu* universal. Ele é o efeito de um processo de subjetivação, de elaboração de si mesmo em que a sua constituição é gerada em diferentes momentos do tempo e pelos mais diversos acontecimentos e experiências históricas.

Émile Benveniste, em seu *Problemas de Linguística Geral I* (1976), trabalha a associação constitutiva do sujeito em relação ao ato temporal no processo de enunciação linguística. Para ele, o sujeito atua na cena enunciativa por meio do processo de subjetivação assinalado na apropriação das categorias do enunciado na linguagem, ou seja,

Todos os caracteres da linguagem, a sua natureza imaterial, o seu funcionamento simbólico, a sua organização articulada, o fato de que tem um conteúdo, já são suficientes para tornar suspeita essa assimilação a um instrumento, que tende a dissociar do homem a propriedade da linguagem (BENVENISTE, 1976, p. 285).

A configuração dos enunciados como materialidades da língua edifica-se nos esforços de produções, tanto para Émile Benveniste quanto para Michel Foucault, de modo que, o primeiro expressa o enunciado por meio da semiologia da língua e o segundo propõe a arqueologia como acesso à forma do ter lugar do enunciado. Basicamente, o que diferencia a abordagem dos dois estudiosos, no que se refere ao procedimento

dos enunciados, é o entendimento que cada um deles possui acerca da implicação do sujeito no discurso. Para Foucault, a arqueologia promove as noções rudimentares que abrangem os discursos, os modos de saberes intercalando as circunstâncias de subjetividades e as suas ações, os seus feitos, distanciamentos e dissoluções. Nesse sentido, para Foucault, não é tão mais importante quem toma a palavra, mas o ato enunciativo como um valor composto de expressão linguística mais ou menos acabado. Por sua vez, Benveniste dedica à semiótica da língua esse arranjo de saberes: o ato da tomada da palavra na circunstância da enunciação é a expressão do sujeito de posse da língua, é a condição em que ocorre o ato da mobilização da linguagem.

Lemke (2017) ressalta que, em Benveniste, o pronome *eu* não se refere a nenhum objeto externo à linguagem, pois cada *eu* no entorno linguístico possui a sua própria referência que designa o falante na instância do discurso. Esse falante marca a sua inserção no ato do discurso no instante em que toma a palavra e impulsiona a linguagem pelo pronome *eu*. Dessa maneira, o *eu*, no discurso, remete diretamente à pessoa que está de posse da palavra, que profere o discurso. Ou seja, ao exprimir o discurso, o indivíduo sincronicamente passa a solicitar o *eu* na ocasião do ato da fala, no ato de mobilização da linguagem.

Ao pronunciar a palavra no ato da instância discursiva, o *eu* desperta a linguagem e atribui validade de modo a regular o estatuto do discurso por meio do agenciamento do enunciado emitido pelo *eu*, precisamente no recorte de tempo em que usufrui da palavra proferida, ou seja, no ponto em que ocorre o ato por excelência da enunciação, expressa pela força da palavra no campo do discurso. Esse ato do discurso, do qual a palavra é o agente instigante, o modo operante e a força animadora, dá-se no momento presente ao ato enunciativo e não necessariamente exige do enunciado um campo de ação totalmente composto ou já estabelecido pela correlação **significante + significado**. Isso não é primordial justamente porque aquele que toma a palavra não é proprietário do significado, é apenas o agente do ato da enunciação discursiva.

Nesse ponto, o *eu* universal do qual falava Kant perde completamente a sua força elucidativa, pois não há uma definição universal desse *eu* no ato de enunciação; ele contém a sua materialidade, tão somente, no ato de fala enquanto pronúncia.

Assim, esse *eu* somente possui existência em particular e na singularidade do ato enunciativo; ele é condicionalidade na voz de quem o emite, daquele que toma a palavra e limita-se à instância singular da enunciação, na sua condição absolutamente individual e expressa pelo pronome no ato de cada enunciado e na sua individualidade expressa no enunciado.

Flores (2005), em *O sintoma de linguagem. Por que gosto de Benveniste?*¹², pesquisa a relação de proximidade teórico-conceitual entre Benveniste e Kant sob o ponto de vista do entendimento discursivo. Flores argumenta que o

kantianismo aparece em Benveniste precisamente no momento em que há a recusa do *em si*. O sujeito não é uma coisa. Independentemente do lado que se olhe, ele é uma condição para que o homem exista. Mas para que exista como linguagem, porque opor o homem à linguagem é opô-lo a sua própria natureza. O sujeito é linguagem, e a intersubjetividade é a sua condição. Eis o *a priori* radical de Benveniste (FLORES, 2005, p. 04).

Em sua reflexão, Flores sugere mais aproximações que distâncias entre Benveniste e Kant e afirma que o sujeito em Benveniste é mais relevante de condições *a priori*, estando bem próximo ao que propõe Kant. Diferentemente, para Foucault, esse *a-priori* é histórico, incluindo a ordem da linguagem inscrita nesse *a priori* histórico. De modo que a possibilidade de ligar Foucault a Benveniste consiste justamente na problematização do lugar do sujeito na linguagem. Para um e para outro o sujeito não é constituinte. Contudo com a especificidade da linguagem não é abordada como sistema fechado, sim como sistematicidade inscrita na história.

Conforme observa Flores, “[...] as fontes de Émile Benveniste são muitas e que, através delas, o Benveniste diz muito sobre fonologia, sintaxe, semântica, morfologia, pragmática e sobre outros tantos níveis da língua e de sua relação com

¹² A respeito desse título e subtítulo, o autor explica que podem parecer inusitados ao leitor, pois não há pontuação convencional na ordem da sentença, a saber: “O subtítulo deste artigo faz referência a dois textos de Roland Barthes que estão reunidos no excelente *O Rumor da Língua* e foram escritos, respectivamente, em 1966 e em 1974, por ocasião da publicação de *Problemas de Linguística Geral I* (PLGI) e *Problemas de Linguística Geral II* (PLGII), de Émile Benveniste. Tais artigos estão no livro de Barthes (1984) sob o título *Por que gosto de Benveniste* (sem a interrogação) e, como o próprio enunciado sugere, expõem as razões que levam o seu autor a confessar simpatia por Benveniste” (FLORES, 2005, p. 01, grifos meus). Na sequência, Flores (2005) explica que ele não deseja comparar-se com o estilo já consagrado de Barthes, entretanto, faz esse trocadilho no título e subtítulo de seu artigo no intuito justamente de agenciar a obra do escritor francês Roland Barthes. Por último, em uma breve nota de rodapé, Flores (2005) diz: “Pode parecer estranho, mas o subtítulo deste texto é condição *sine qua non* para que se entenda o título” (FLORES, 2005, p. 01).

outras áreas” (FLORES, 2005, p. 04). Apesar de Benveniste não operar divisões de ordem puramente pragmática no que concerne às apropriações materiais dos enunciados discursivos, ele pontua observações por intermédio de combinações entre a linguagem e marcas de expressividades no sujeito. Concomitantemente ao ato linguístico da enunciação, há marcas de subjetividade no entorno da linguagem que merecem atenção pelo próprio registro da enunciação enquanto força expressiva advinda de reverberações singulares nos enunciados, nomeadamente assinalados pela presença do sujeito no ato de mobilização da linguagem.

Mas a materialidade da língua não importa a Michel Foucault, a não ser o que o falante faz com ela ao converte-la em discurso. Paul Veyne (2011), em *Foucault: seu pensamento, sua pessoa*, afirma que, ao apropriar-se da língua como um plano material da fala, Foucault mostra que, justamente por meio dessas materialidades, conseguimos conhecer a expressividade do discurso, não como um conjunto de palavras soltas ou desconexas entre si, mas como uma formação histórica composta de atualizações e composições modulares que se realizam na ação individual de cada sujeito particular. Penso que essas descrições, denominadas como discursos por Veyne, são fundamentais para expressar as propriedades materiais da fala, uma vez que os conceitos de linguagem, trabalhados por ele, contribuem para solidificar a análise do discurso e servem de processo metodológico nessa dissertação.

Louden (2013), em seu artigo *El Kant de Foucault*, descreve alguns elementos presentes no estudo feito por Foucault e observa que o filósofo francês, ao estudar o texto kantiano, sempre atua numa tensão exposta por um contraste entre a crítica de Foucault e a crítica transcendental. É por meio dessa estratégia que Foucault verifica, em sua investigação, dois Kants e cinde um ao outro. Um é o Kant da crítica universalista, outro é o Kant das vivências práticas, das experiências históricas do momento da sua produção:

Kant declara claramente aqui que a antropologia não se ocupa do a priori, e se desculpa com os leitores por utilizar esse termo em um trabalho dedicado ao estudo empírico da natureza humana. Por que, então, Foucault persiste em falar de uma presença do a priori na Antropologia? De novo, temo que esteja projetando assuntos sobre o texto que não estão nele (LOUDEN, 2013, p. 163, tradução nossa).¹³

¹³ Kant declara claramente aquí que la antropología no se ocupa del a priori, y pide disculpas a los lectores por usar el término en un trabajo dedicado al estudio empírico de la naturaleza humana. ¿Por qué, entonces, Foucault persiste en hablar de una presencia del a priori en la Antropología? De nuevo, temo que esté proyectando temas sobre el texto que no están en él (LOUDEN, 2013, p. 163).

Assim, pensando nessa vinculação possível entre Kant e Foucault, as pesquisas de Dreyfus e Rabinow (1995), publicadas em *Michel Foucault, uma trajetória filosófica*, indicam a presença de discursos kantianos em alguns escritos de Foucault, especialmente nos livros que compõem a ética e a genealogia. Essas anotações de Dreyfus e Rabinow baseiam-se em suas análises e na observação do *Was ist Aufklärung?* (KANT, 1985), porém, sem investigações minuciosas para dar conta, de forma detalhada, dessa temática.

Ao estudarem os escritos de Michel Foucault, Dreyfus e Rabinow procuram observar as formulações discursivas de Foucault em relação aos textos de Kant, especialmente, *O que são as Luzes?* (2008), inter-relacionando o conciso artigo do filósofo alemão com algumas referências históricas a que o texto se relaciona para situá-lo à realidade do discurso no presente. Nesse aspecto, os autores salientam que na base filosófica presente no texto de Immanuel Kant, de modo geral, o pensador alemão tenta unificar filosoficamente à sua realidade discursiva, ao seu modo de articular as suas falas. Isso ocorre no decorrer do projeto de escrita do filósofo alemão, que não está interessado em organizar uma doutrina absoluta, mas em transcrever o presente de um modo bastante pessoal. Nesse aspecto, há alguma semelhança com a maneira como Michel Foucault costuma explorar os dados da realidade, estando os dois concentrados nos acontecimentos do mundo, nos acontecimentos do presente, em todos os seus detalhes ao mesmo tempo, mesmo que eles não tenham condições práticas e objetivas para narrar a ocorrência desses processos.

Dreyfus e Rabinow escavam, portanto, essa grande tensão entre Foucault e Kant na ordem do discurso, principalmente no que envolve o tema da atualidade: porque ao postular *Aufklärung* como ponto existente entre a atualidade, aquilo que ocorre hoje, o que se vive aqui agora: mas o que é este aqui agora? Aí, justamente, se vê a tensão, que se dá principalmente entre a experiência do individual versus o universal, envolvendo falar do presente, do discurso do presente. Desse modo, o que é este agora que nos individualiza no momento em que estamos? Será que nos individualiza de maneira totalmente autônoma? Penso que não, pois não nos individualizamos nem mesmo acima da ordem social. Observamos que, até mesmo

investigação científica toma por base experimental de dados os elementos do presente, ou seja, aquilo que já se sabe a respeito de alguma coisa, ou aquilo que, pelo menos, acreditamos saber.

Parece-me que o que realmente inquieta os autores e lhes faz escavar essa tensão Foucault – Kant é uma dúvida metódica de outra ordem, justamente da ordem dos acontecimentos mais importantes, implicando não apenas o questionamento acerca do presente, *Was ist Aufklärung?*, mas também questionar o que no presente faz sentido? Essa talvez seja uma averiguação foucaultiana acerca de Kant, até porque a pergunta pelo presente, apenas pelo presente, seria uma pergunta da ordem da lógica, e a lógica, por sua vez, configura, tão somente, a coerência interna do discurso. O domínio do instrumental lógico da linguagem por si não abrange a complexidade integral da análise do discurso. Então, é interessante perceber que a interrogação suscitada por Kant – *Was ist Aufklärung?* –, em Foucault, ressoa como possibilidade potencial da manifestação de um novo discurso. Não o discurso de antes, mas o que é ato e efeito do próprio discurso: porque não há o discurso do antes e o discurso do depois, há o discurso do presente, do aqui agora. Assim, de Michel Foucault, apreendemos que discurso é uma forma prática e que, na ação dos sujeitos, esse discurso possui a sua história própria, sendo esses sujeitos os do presente, que podem questionar a si mesmos numa atitude crítico-discursiva na atualidade.

A *Aufklärung* em Kant proporcionou-nos a reflexão de que o acontecimento discursivo é hoje, singular. E o mais importante, pertence a este presente, a *nós*, ao momento da atualidade enquanto ato discursivo dessa modernidade. Em vista disso, em *O governo de si e dos outros*, Foucault (2010) explica que os acontecimentos mais importantes na ordem da humanidade não ocorrem precisamente por meio de grandes embates ou revoluções, eles acontecem diante de efeitos quase imperceptíveis que se realizam pela ação dos indivíduos e suas iniciativas pessoais, atrelados ao *nós* como fator de mobilização. A ação da atualidade não se restringe aos valores doutrinários, às grandes tradições humanísticas, mas à comunidade humana integralmente.

Em relação ao estatuto antropológico em *Gênese e estrutura da antropologia de Kant* (2011), Foucault elabora uma análise acerca da antropologia de Kant, esboçando a sua tese complementar e, logo nas primeiras páginas, lembra que se

costuma relacionar a Immanuel Kant todos os protocolos da crítica da racionalidade ocidental, ressaltando que sempre nos foi dito que os indivíduos criaram as ciências. Foucault tende a assegurar, nesse texto, que quem criou os sujeitos, foi a ciência e não o contrário. Isso quer dizer que as bases conceituais das teorias científicas não são universais e as elaborações dessas teorias são hipotéticas. Sabe-se bem que os métodos científicos são melhorados pela permanente autocorreção das teorias e não é razoável aceitar que uma teoria científica qualquer corresponda à realidade ou critério de veracidade em sentido absoluto. Às teorias científicas correspondem testes e probabilidades, tendo uma validade limitada e relativa sempre. Nesse aspecto, Foucault (2011) entende que a construção dos indivíduos ocorre pelas iniciativas das ciências modernas, apesar de que a noção de ciência universal é um princípio bastante vago e absolutamente utópico. A própria elaboração da antropologia moderna conceitualmente carece de significações e detém-se em formas lógicas ou hipotéticas. Em princípio, não há e não pode haver ciência ou saberes científicos plenos sem a própria intervenção humana e, em última análise, todo o conjunto de saberes, toda a ciência depende de fatores humanos.

Assim, ao estudar alguns pesquisadores de Michel Foucault acerca do discurso, como Daniele Lorenzini e Arnold Davidson (2015); Guillaume Paugam (2008); Stéphane Mosès (2001); Émile Benveniste (1976); Flores (2005); Paul Veyne (2011); Loudon (2013) e Dreyfus e Rabinow (1995), é possível verificar que Foucault tende, a todo momento, a diferenciar-se de Kant, intensificando a sua incursão crítica e tomando por regra a indagação das singularidades em contraste às convenções universais presentes nas abordagens teóricas kantianas. Foucault também se propõe a fazer a crítica racional das racionalidades e deixar transparente a relação de obstáculos e adversidades presentes em seus fazeres críticos. Além do mais, esses autores pontuam que Foucault absorve de Kant a noção de experiência, compreendendo-a enquanto ficção e não como probabilidades de verdade ou falsidade, porque ele não atua nas entrelinhas dessas variáveis, mas busca em Kant um modo de transgressão para além do ato do aqui e agora.

Foucault não deseja repetir Kant. Ele busca, na crítica kantiana, um outro olhar acerca do presente, uma outra forma de estruturar a condição da atualidade que não a tradicional proposta por Kant, para quem as estruturas são gerais e universais,

idênticas em todos os seres humanos, e apenas submetem-se a adaptar-se às formas dadas pelos enunciados em particular porque o enunciado, na sua condição individual, harmoniza-se pela ação da sua constituição intrínseca. Benveniste enfatiza que, sob o ponto de vista do enunciado, a Kant não seria prudente afirmar que o enunciado seja pura expressão material, sem limites formais próprios, porque daí os seus únicos limites seriam impelidos nele pelo observador.

Benveniste reforça o argumento kantiano de que, no limite, as categorias da enunciação são geradas em uma ordem de possibilidades e impossibilidades articuladas entre uma e outra, mas não configuram formas a priori projetadas sobre apenas um enunciado, sendo dados constitutivos da sua condição atual da língua. Emitir um enunciado, segundo Benveniste e Kant, implica instaurar na sua forma uma articulação determinada de possibilidades e impossibilidades. Essa maneira de pensar de Benveniste é importante para esta pesquisa por demarcar um horizonte crítico reflexivo entre Michel Foucault e Immanuel Kant no que diz respeito à crítica do presente ou à ontologia crítica.

Essas relações expressivas, alçadas pelos enunciados, assinalam dois momentos caros de absorção de linguagem que forjam entrecruzamentos distintivos entre o passado e o futuro na esfera da enunciação discursiva. Essa teia discursiva desencadeia alguma vinculação no campo do discurso. Assim, observa-se que Benveniste não opera divisões de ordem puramente pragmática no que concerne às apropriações materiais dos enunciados discursivos, atuando justamente ao contrário disso, pontuando observações por intermédio de combinações entre a linguagem e marcas de expressividades no sujeito. Concomitantemente ao ato linguístico da enunciação, há marcas de subjetividade no entorno da linguagem que merecem atenção pelo próprio registro da enunciação enquanto força expressiva advinda de marcas singulares do enunciado, nomeadamente assinaladas pela presença do sujeito no ato de mobilização da linguagem em uso. Essas diferenças entre a categoria do sujeito do diálogo e do tempo na enunciação, a partir de Immanuel Kant e Émile Benveniste, mostram-se bastante relevantes quando se observa a análise realizada por Foucault, especialmente acerca da *Aufklärung*:

Não pretendo resumir nesses poucos traços o acontecimento histórico complexo que foi a *Aufklärung* no fim do século XVIII, nem tampouco as diferentes formas que a atitude de modernidade pôde assumir durante os dois últimos séculos. Gostaria, por um lado, de enfatizar o enraizamento na

Aufklärung de um tipo de interrogação filosófica que problematiza simultaneamente a relação com o presente, o modo de ser histórico e a constituição de si próprio como sujeito autônomo; gostaria de enfatizar, por outro lado, que o fio que pode nos atar dessa maneira à *Aufklärung* não é a fidelidade aos elementos de doutrina, mas, antes, a reativação permanente de uma atitude; ou seja, um êthos filosófico que seria possível caracterizar como crítica permanente de nosso ser histórico (FOUCAULT, 2008, p. 344-345).

3.1.1 As condições materiais da linguagem e a ontologia do presente

Michel Foucault, através de seu procedimento analítico, possibilita aos sujeitos observarem as condições materiais da linguagem e perceberem nela que o entendimento que nós temos das pessoas e de suas condições potenciais de realidade concreta, constituintes de um mundo físico, o qual, ao que tudo indica, é conhecido de maneira imediata e é efeito de um jogo de poder, cujas circunstâncias de poder podem ser compreendidas pela ontologia do presente. É por intermédio dessa ontologia da atualidade que podemos identificar esses efeitos de poder que nos circundam no momento aqui e agora, ou seja, aquilo que ele chamou ontologia do presente é uma ferramenta analítica que serve para os sujeitos entenderem as suas próprias representações na cultura atual, o conjunto de nós mesmos, diz Foucault, nos é oferecido como uma realidade física dentro da qual nós estamos. Esse mundo físico, por sua vez, é composto por forças de poder. Então, para que não acreditemos cegamente nessas representações físicas do mundo sem antes questioná-las, Foucault propõe-nos a ontologia do presente para que possamos ter a justa medida entre as condições objetivas da realidade, expressas pelo mundo físico, e, no limite, a hostilidade dos indivíduos viventes nesse mundo, os quais exercem também forças de poder.

Para isso, vejamos como as formulações de Benveniste (1976), no quadro do que se estabeleceu como sua teoria da enunciação, pode guiar uma analítica que leve em conta a base enunciativa tanto da escrita de Kant como de Michel Foucault. É preciso averiguar a maneira com que Foucault faz aparecer, em sua escrita, o presente que estrutura linguisticamente uma ontologia discursiva do presente. Isso tem a ver com os índices adverbiais e pronominais, de forma a coincidir aquele que escreve com o tempo em que escreve.

Em relação a esse assunto, Guillaume Paugam (2008), em *Benveniste, le je et la langue: des déictiques et de la subjectivité*, realizou uma análise demonstrando como Émile Benveniste trabalha a questão do uso dos dêiticos no enunciado linguístico. Dêiticos, como sabemos, são elementos marcadores, sobretudo, de tempo, espaço e pessoa no campo dos enunciados e que também sinalizam os registros de subjetividade na linguagem do sujeito no ato da enunciação. Nesse aspecto, a subjetividade da linguagem é instituída não pela condição transcendental, inerente ao ser humano, como ressaltava Kant, mas por meio de suas propriedades fundamentais, que são principalmente os pronomes demonstrativos, instigantes da linguagem no ato da enunciação.

Desse modo, amparado nos argumentos de Benveniste, é possível sustentar que se o sujeito tomar o termo (o), por exemplo, durante determinado processo verbal e o empregar como artigo, ele não se refere precisamente a um objeto, mas a certa maneira que o sujeito tem de se referir a ele. Nesse sentido, se o sujeito diz (o) carro e/ou (um) carro, ele está se referindo ao mesmo elemento. Assim, a diferença entre (o) e (um) consiste simplesmente na ordem de um determinante. Se analisarmos melhor a questão, vamos constatar que (o) carro individual é o mesmo que dizer (o) carro geral? Se o sujeito diz (um) carro, é um carro qualquer; e se o sujeito diz (o) carro, é um carro em particular? Vamos pensar também na hipótese seguinte: um carro significa (um) carro em individual e (o) carro significa o carro de modo geral. Será que daí o termo carro em si mesmo compreende essas distinções? Evidente que não. Concluo que a diferença entre o artigo definido e o artigo indefinido mostra a distinção radical que há entre os elementos, pois um carro em específico não compõe a ordem em geral dos carros. Isso implica dizer que, embora eles, por si mesmos, não correspondam a nenhuma realidade particular, eles se referem a elementos específicos quanto ao modo de indicação.

Ainda no que concerne a essa relação do referente com a coisa referida na ordem do discurso, Stéphane Mosès (2001), em *Émile Benveniste et la linguistique du dialogue*, investiga algumas das diferenças fundamentais que há entre Immanuel Kant e Émile Benveniste a respeito da categoria do sujeito do diálogo e do tempo na enunciação. Para ele, o “essencial aqui é ressaltar essa faculdade que a linguagem

possui para expressar a noção de significado, que está fundamentalmente ligada ao exercício do discurso [...]” (MOSÈS, 2001, p. 511, tradução nossa)¹⁴.

No campo da temporalidade discursiva, tem-se o primeiro artifício do discurso em que o *eu* é aquele que fala, aquele que toma a palavra e a segunda pessoa, o *tu*, é a negação desse ato discursivo. Essas duas conversações entre pessoas impõem-se à condição linguística exposta pela relação entre o *eu* e o *tu*, necessária para os fundamentos do discurso. Há uma aproximação estabelecida por Mosès (2001) entre Benveniste e Kant, especialmente naquilo que se refere a uma superfície linguística de referência em que estão contidos os pronomes pessoais o *eu* e *tu*. Nesse ato lógico discursivo da linguagem, elencado por Benveniste, está incutida uma transcendência lógica, de alguma forma ancorada em um *tu*, que é validada na enunciação discursiva pela voz do falante, um *eu*, que estimula esses dois sujeitos, durante o ato discursivo, pela fundamentação desses pronomes pessoais durante o exercício de performance do ato enunciativo.

De acordo com Mosès,

Dizer que o Eu estabelece o Tu, é de fato considerar que ele o constitui a partir de sua própria “instância de discurso”, nesse caso, o Eu seria efetivamente “transcendente” em relação ao Tu. Dizer contrariamente que o Eu “descobre” o Tu significa que a exterioridade do Tu é primeira e que ela se impõe ao Eu, de certa forma apesar dele, como uma realidade nova e imprevista; nesse caso, é o Tu que seria transcendente em relação ao Eu (MOSÈS, 2001, p. 518, tradução nossa, grifo do autor).¹⁵

Dessa maneira, a linguagem impele a relação enunciativa entre os falantes, porém, não é tão somente a linguagem que constitui o discurso no campo da enunciação. Ele é forjado pelas experiências da subjetividade, uma vez que é através do exercício do discurso que a subjetividade projeta uma ordem para o mundo e a torna inteligível, aplicando-se isso, antes de tudo, à experiência humana do tempo. De fato, para Benveniste, e isso em oposição a toda tradição filosófica decorrente de Kant, a

¹⁴ Ce qui est essentiel, ici, c'est que cette faculté que possède la langue d'exprimer, pour ainsi dire, la signifiante de la signifiante, est fondamentalement liée à l'exercice du discours [...] (MOSÈS, 2001, p. 511).

¹⁵ Dire que le Je pose le Tu, c'est impliquer en effet qu'il le constitue à partir de sa propre « instance de discours » ; dans ce cas, le Je serait bien « transcendant » par rapport au Tu. Dire au contraire que le Je « découvre » le Tu signifie que l'extériorité du Tu est première et qu'elle s'impose au Je, en quelque sorte malgré lui, comme une réalité nouvelle et imprévue ; dans ce cas, c'est le Tu qui serait transcendant par rapport au Je (MOSÈS, 2001, p. 518).

temporalidade não é uma estrutura inata de pensamento, mas é produzida na realidade e pela enunciação. Da enunciação procede o estabelecimento da categoria de presente e dessa surge a categoria do tempo.

Ora, que verdade esse sujeito evoca se não a da língua-discurso? Em outras palavras, o kantianismo aparece em Benveniste precisamente no momento em que há a recusa do sujeito em si, posto que o sujeito não é uma coisa. Independentemente do lado que se olhe, é o discurso uma condição para que o sujeito exista, e essa existência como linguagem, porque opor o sujeito à linguagem é opô-lo a sua própria natureza, afinal, o sujeito é linguagem e a intersubjetividade é a sua condição. Eis o a priori radicalismo de Benveniste.

Retomando Foucault, ele trabalha com a noção da temporalidade crítica enquanto experiência, a respeito do que ele diz: “A modernidade não é um fato de sensibilidade frente ao presente fugidio: é uma vontade de ‘heroificar’ o presente” (FOUCAULT, 2008, p. 342, grifo do autor). Desse modo, estabelece um olhar reflexivo acerca da tradição da atividade do presente, uma forma de resistir ao pensamento apriorístico antropológico, demarcado pelo conceito estabelecido pelo etnocentrismo europeu determinante na filosofia kantiana. Sendo assim, há na composição da analítica da verdade em Foucault uma ontologia do presente preocupada com a história da atualidade, portanto, insubmissa à cultura de perspectiva universalista

Stéphane Mosès (2001) defende que o exercício da linguagem tende a ancorar-se nos enunciados discursivos ou se estabilizar na imaginação produzida pelos discursos. Isso implica em dizer que, conforme o sujeito avança nas abstrações da linguagem, mais obtêm-se conclusões. Ocorre que, quanto mais o sujeito extrai respostas, e mais respostas, e mais respostas, mais ele aumenta seus saberes e consolida seus pontos de vistas. Assim sendo, quanto mais saberes o sujeito adquiriu com as respostas obtidas, quanto mais elaboradas foram as respostas alcançadas, mais convicção o sujeito terá em seus argumentos, portanto, mais chances de incutir-se ao engano porque ele distancia-se das probabilidades iniciais das análises e molda-se às possibilidades imaginativas. Assim, a linguagem, de acordo com Mosès (2001), presta-se, primeiramente, às condições intrínsecas à própria vida, ou seja, o sujeito utiliza a linguagem, basicamente, para compor as atividades elementares à vida, valendo-se dela para viver. Esse fim, portanto, é o fator essencial da linguagem

no mundo, antes de qualquer perspectiva teórica que se ocupe em desenvolver condições materiais de sua funcionalidade. Isso porque não há designações de expressões humanas sem linguagem, pois o ser humano é enquanto fala, e a linguagem torna o ser humano tanto mais humano quanto ele se lança, se manifesta pela linguagem.

Ao explicar algumas noções de Benveniste a respeito do entendimento de linguagem, Mosès (2001) ressalta que é, por meio dos enunciados, que o ser humano acessa os demais sistemas semióticos e os interpela, no sentido de imprimir neles alguma ordem de execução, alguma articulação entre os seus elementos cristalizados, a fim de compreendê-los. Essa crítica do entendimento da linguagem que Mosès faz a respeito de Benveniste implica que, na instância enunciativa, a nossa percepção não apreende os objetos como tais. Isso é quase impossível. Nesse espaço discursivo, nenhum objeto relaciona-se com outro diretamente, ele precisa sofrer alterações, passando inevitavelmente pelos processos de referenciação. Exemplo: um lápis está sobre a mesa e abaixo do teto, portanto, ele ocupa duas posições diferentes, a relação que ele tem com o chão é uma e a que ele tem com a mesa é outra. Será possível restringir uma dessas relações à outra? Ou desfazê-las? Não. Porque não podemos fundir a relação que os objetos mantêm um com o outro no espaço de referenciação. O que Mosès (2001) destaca de Benveniste é que a nossa linguagem movimenta os discursos e demarca as relações que os objetos têm uns com os outros. É por meio da linguagem que os objetos podem tocar um ao outro e se relacionarem em um espaço limitado de tempo. Nós podemos conceber os aspectos, possibilidades e direções dos objetos por intermédio das propriedades indicativas da linguagem.

Essas relações entre a linguagem, os domínios semióticos e os entendimentos de assimilação devem ocorrer, sobretudo, na esfera da metalinguagem e no espaço de ordem enunciativa, de modo que contrastem diferentes condições de singularidades.

Dessa maneira, as próprias condições de atuação da linguagem desenvolvem as suas condições de uso mais apropriadas no campo do discurso. Isso ocorre devido, sobretudo, à maleabilidade da linguagem, pois ela consegue se adequar facilmente às mais variadas circunstâncias de falas possíveis, uma vez que, enquanto condição

do falante, a linguagem comporta, na materialidade de seus enunciados, recursos expressivos potenciais desenvolvidos no signo linguístico. No campo do signo, há artifícios, engenhos, apropriações e principalmente marcas de subjetividade que atuam consoantes às condições materiais da fala, por exemplo, as línguas de sinais, gestos, mímicas, etc.

Esclarecemos, porém, que essas materialidades não se restringem somente à fala, afinal, esses recursos materiais da linguagem são itens que operam no campo da expressão verbal como verdadeiros utensílios no espaço discursivo. Eles não assumem a proeminência semântica nos enunciados, eles são elementos distintos e essenciais aos enunciados: “No ponto central da teoria da linguagem de Benveniste está o ato individual, pelo qual, o sujeito falante mobiliza a língua por si mesmo e assume suas categorias em uma ‘instância de discurso’ [...]” (MOSÈS, 2001, p. 513, tradução nossa)¹⁶.

O interesse de Foucault acerca da razão iluminista não é fazer uma interpretação da *Aufklärung*, mas tomá-la como circunstância discursiva de um acontecimento histórico que gerou resultados importantes em uma parcela da população daquele tempo e ocasionou, com isso, efeitos práticos na vida das pessoas. Portanto, sobre *Was ist Aufklärung?* (KANT, 1985), diz Foucault: “A reflexão sobre ‘a atualidade’ como diferença na história e como motivo para uma tarefa filosófica particular me parece ser a novidade desse texto” (FOUCAULT, 2008, p. 341). Com efeito, Foucault não nega o *Iluminismo* enquanto produção de um saber na história, porém, não a concebe como preâmbulo de uma analítica da verdade. Bem diferente disso, ele procura posicionar a sua crítica no limite da *Aufklärung* e busca outras concepções analíticas para os nossos saberes críticos, durante o *Século das Luzes*. Essas outras possibilidades buscadas por Foucault são, sobretudo, “os entremeios” do conhecimento, instauradas nas atividades de poder e de saber materializados nas produções e sujeitos.

Para explicar o estatuto da temporalidade, voltemos a Benveniste, a partir de um olhar pragmático sobre o discurso no campo da linguagem. Oportuno agora

¹⁶ “Au centre de la théorie du langage de Benveniste se trouve cet acte individuel par lequel le sujet parlant mobilise la langue pour son propre compte et en assume les catégories dans une ‘instance de discours’ [...]” (MOSÈS, 2001, p. 513).

observar o que diz o linguista quando discorre sobre a noção de “tempo”, expresso nos enunciados pelas marcas linguísticas Benveniste reporta-se à condição que ele chama de *mensurativa*, constituída a partir de um conjunto de elementos de mediação adequados para formar os ciclos correspondentes dos fenômenos cósmicos. Trata-se dos modos de expressar a temporalidade na cultura. Por exemplo: a aparição e o desaparecimento do sol em duas posições diferentes no horizonte, o que acarretam os intervalos, estabelecendo-se facetas dos dias, do mês, do ano sucessivamente.

Émile Benveniste mostra que em

todas as formas de cultura humana e em todas as épocas, constatamos de uma maneira ou de outra, um esforço para objetivar o tempo crônico. É esta uma condição necessária da vida das sociedades, e da vida dos indivíduos em sociedade. Este tempo socializado é o calendário. Todas as sociedades humanas instituíram um cômputo ou uma divisão do tempo crônico baseada na recorrência de fenômenos naturais: alternância do dia e da noite, trajeto visível do sol, fases da lua, movimentos das marés, estações do clima e da vegetação, etc. Os calendários possuem traços comuns que indicam a que condições necessárias eles devem responder. Eles procedem de um momento axial que fornece o ponto zero do cômputo: um acontecimento muito importante que é admitido como dando às coisas uma nova direção (nascimento de Cristo ou de Buda; ascensão de certo soberano, etc.). É esta a condição primeira, que denominamos *estativa* [stative]. Depois decorre a segunda condição, que é *diretiva*. Ela se enuncia pelos termos opostos “antes.../depois...” relativamente ao eixo de referência. A terceira condição será dita *mensurativa*. Fixa-se um repertório de unidades de medida que servem para denominar os intervalos constantes entre as recorrências de fenômenos cósmicos. [...] Tais são as características do tempo crônico, fundamento da vida das sociedades (BENVENISTE, 1989, p. 72).

Percebe-se que Guillaume Paugam (2008) trabalha, justamente, a maneira pela qual Émile Benveniste desenvolve a questão do uso dos dêiticos no enunciado linguístico, ou seja, aqueles elementos marcadores, sobretudo, de tempo, espaço e pessoa no campo dos enunciados que também sinalizam os registros de subjetividade na linguagem enquanto situam o sujeito no ato da enunciação, no momento da mobilização da linguagem pelo falante.

Nesse aspecto, a subjetividade da linguagem é instituída não somente pela condição transcendental, inerente ao ser humano, como ressaltava Kant, mas por meio de propriedades fundamentais à linguagem, seja pelos pronomes demonstrativos, seja pelo *eu* enquanto vestígio de autoria em relação ao sujeito que instiga a linguagem no ato da enunciação. De acordo com Guillaume Paugam (2008),

Benveniste comenta de maneira clara as Categorias de Aristóteles, tendo o cuidado de preservar o que está implícito no texto, o que visa manter de maneira indireta os registros das categorias na Crítica da razão pura, em que

se mostra o modo de pensar na filosofia kantiana (PAUGAM, 2008, p. 1-2, tradução nossa)¹⁷.

Especialmente no capítulo “Da subjetividade na linguagem”, Benveniste desenvolve a ideia de *eu* no procedimento enunciativo concomitante à formação do *eu* pelo meio do ato da enunciação, deixando transparecer, com isso que

Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem (BENVENISTE, 1976, p. 285).

Esse posicionamento de Benveniste contrasta diretamente com a base transcendental kantiana, pois, nas formulações de Kant, o *eu* configura, na materialidade da linguagem, um papel de ordem que comportam um sujeito universal. O linguista francês opõe-se ao *eu* transcendental defendido por Kant: enquanto, nas formulações de Kant, o *eu* demarcado na materialidade da linguagem constitui um sujeito universal, elevando esse *eu* a uma unidade da linguagem e sendo retratado nela mesma, na sua condição instantânea e universal, projetado da percepção humana por meio de estruturas, do modo como percebemos as coisas e, usando, para isso, a nossa razão. Essas estruturas da linguagem, segundo Kant, são gerais e universais, portanto, próprias e idênticas em todos os seres humanos.

Ao fazer isso, Kant não prioriza o esforço da análise pessoal, uma vez que, ele só se vale de atos mais gerais da linguagem que possam ser descritos e documentados. Tem-se aí um modelo de materialidade linguística que se desenvolve considerando apenas os usos mais usuais e mais tradicionais dos acontecimentos diários na vida dos indivíduos, sem singularizar os sujeitos que pensam, refletem, decidem, realizam diferentes atos, etc. O foco kantiano está sobre a couraça descritiva universal do discurso porque, ao não considerar prioridade os atos dos sujeitos das suas singularidades, Kant opera na linguagem em relação ao sujeito, esquivando-se das motivações deste sujeito, logo, em se tratando de tomadas de decisões pessoais, permanecerá o discurso universalista.

¹⁷ Benveniste commente explicitement les Catégories d'Aristote en prenant soin de ménager le sous-texte qui vise indirectement la table des catégories contenue par la Critique de la raison pure, on peut penser que c'est à nouveau la philosophie kantienne (PAUGAM, 2008, p. 1-2).

Essas construções apropriadas por Kant fazem sentido porque os acontecimentos do mundo interpõem-se aos seres humanos durante o percurso dos tempos, por exemplo: apesar de todos os seres humanos diferenciarem-se uns dos outros por suas capacidades potenciais individuais; todos eles, porém, no conjunto das iniciativas humanas, possuem estágios de desenvolvimento bastante parecidos. Haja vista que os períodos de aquisição da linguagem são muito similares entre os indivíduos, o tempo de existência da vida humana é muito semelhante a todos. Assim, conforme o pensador alemão, é possível construir uma materialidade discursiva que dê conta dessas constantes, mas não é possível afirmar que desse discurso sairão ações pessoais, e sim acontecimentos de ordem discursivas universais. Isso implica uma condição expressiva, uma forma a priori da própria experiência humana.

Quanto a Benveniste, ele não opera na distinção entre o procedimento do *eu* em uso universal e uma categoria linguística do *eu* individual; ele procede por meio da constituição de sujeito, propondo que, no estatuto material da linguagem, há, inevitavelmente, constituições de sujeito no ato da enunciação das pessoas de posse da língua em uso. Segundo Benveniste, essa construção do sujeito é inerente à linguagem e acontece na linguagem, a qual está associada à presença do *eu-tu* de maneira imanente ao proferimento do discurso.

Por sua vez, Michel Foucault, ao pensar a questão do *esclarecimento*, no final do século XVIII, propõe que “Detenhamo-nos por alguns instantes nesse texto de Kant sobre (*Was ist Aufklärung?*). Por muitas razões, ele merece reter a atenção” (FOUCAULT, 2008, p. 336, grifo nosso). É possível perceber que Foucault trabalha na perspectiva do presente, ele é o historiador do presente, o pensador moderno, que propõe uma análise prática do tempo atual. Ao fazer isso, indica um outro modo de fazer a crítica da atualidade, diferente daquela padronizada pelas regras tradicionais, comuns no *Século das Luzes*.

Ao identificar, no artigo de Kant, os efeitos e possibilidades nele contidos e que servem para pensar a modernidade, Foucault propõe olhar a própria subjetividade enquanto efeito prático. Esse procedimento analítico é a forma pela qual Foucault opera para realizar o seu ato reflexivo, é uma maneira de efetuar a análise que pode não estar precisamente em Foucault, nem na descrição que ele faz do seu procedimento crítico, mas na própria materialidade do texto do autor alemão.

O que está absolutamente visível no ato crítico foucaultiano é a cena analítica, o exercício da provocação. No texto escrito por Foucault, basta prestar atenção à indagação do filósofo francês para que se percebam as marcas textuais. Diz Foucault acerca do artigo de Kant: “Por muitas razões, ele merece reter a atenção” (FOUCAULT, 2008, p. 336). Há, nesse artigo do pensador francês interposições de vozes mobilizadas por ele, as quais são possíveis de perceber por meio das subjetividades linguísticas presentes neste artigo.

Porque, no limite, são invisibilidades bastante evidentes que não requerem descrições objetivas, são as subjetividades trabalhadas por Benveniste. Para compreender, um exemplo simples seria a situação em que um sujeito, por acidente, bate o dedo mindinho do pé em algum móvel da casa. A compreensão desse fato é inteiramente subjetiva, intransmissível e pessoal, uma vez que, o que quer que o indivíduo perceba está limitado à fronteira de seu corpo e, como tal, não é transmissível. É possível transmitir, por exemplo, sua dor através de um gesto, um sinal, uma informação a respeito, uma explicação a respeito da sensação subjetiva da dor e não a percepção, ou seja, o ato em si mesmo, a experiência viva da subjetividade que ali houve pertence apenas ao sujeito.

Então, conforme evoca Foucault, “À questão: ‘O que é a Aufklärung e em que ponto estamos nesse processo da Aufklärung?’”, ele se contenta em dar como resposta: “estamos na era da Aufklärung” (FOUCAULT, 2010, p. 36, grifo do autor). Essa invocação que Foucault faz ao esclarecimento kantiano provoca em cada sujeito uma relação de aproximação com um jeito de ser atual, uma iniciativa crítica voltada para o presente, em que cada um de nós é interpelado a responder para si mesmo. Assim, o que significa ser moderno diante de cada um de nós?

Nos estudos de Foucault, é possível atentar-nos para o tempo de compreender e interrogar a nossa atualidade, levando em conta alguns recursos materiais de linguagem elencados pelo próprio autor, em que ele sinaliza e exemplifica a seguinte reflexão sobre a temática iluminista e os efeitos possíveis de reverberações da crítica da atualidade:

Mas, esquematicamente, pode-se dizer que, até então, essa reflexão tinha tomado três formas principais: - pode-se representar o presente como pertencendo a uma certa época do mundo, distinta das outras por algumas características próprias, ou separada das outras por algum acontecimento dramático. Assim, em *O político*, de Platão, os interlocutores reconhecem que eles pertencem a uma dessas revoluções do mundo em que este gira ao

contrário, com todas as consequências negativas que isso pode ter: - pode-se também interrogar o presente para nele tentar decifrar os sinais que anunciam um acontecimento iminente. Temos aqui o princípio de uma espécie de hermenêutica histórica, da qual Agostinho poderia dar um exemplo; - pode-se igualmente analisar o presente como um ponto de transição na direção da aurora de um mundo novo. É isso que descreve Vico no último capítulo dos *Principes de la philosophie de l'histoire*: o que ele vê “hoje” é a “mais completa civilização propagando-se entre os povos, na maioria subjugados por alguns grandes monarcas”; é também “a Europa resplandecente de uma incomparável civilização”, abundante enfim “de todos os bens que compõem a felicidade da vida humana” (FOUCAULT, 2008, p. 336-337, grifo do autor).

Assim, são três as ponderações que observei a partir da leitura cerca das circunstâncias críticas do presente: I) Foucault escreve intensamente suas pesquisas sobre o tempo presente, a análise do presente como uma forma de pertencimento específica em relação aos demais momentos históricos; II) ele dedica-se a investigar os acontecimentos do presente para, dessa maneira, tentar localizar neles, vestígios, traços, indícios e travessias que tornem viáveis as buscas por outros acessos que possam, eventualmente, nos constituir como sujeitos nos processos de atualidade. Entretanto, investigar indícios no presente, não é o mesmo que procurar causas do presente. Nesse aspecto, quem sabe, a *Aufklärung* possa servir de orientação para explorar as condições do presente, as superfícies das inscrições da atualidade; III) Foucault indica que examinemos o presente como um itinerário de uma nova jornada que se inaugura, nela a vida é potencialmente possível: porque as práticas enquanto modos de subjetivação e dessubjetivação são possíveis. Assim, Foucault (2008), de algum modo, sugere, ao comentar o texto de Kant sobre o *Iluminismo*, que a *Aufklärung* é uma atitude que provoca uma tomada de posição crítica dos sujeitos diante da tarefa apresentada pelo *Iluminismo* no final do século XVIII.

Desse modo, Foucault problematiza que

a maneira pela qual Kant coloca a questão da *Aufklärung* é totalmente diferente: nem uma época do mundo à qual se pertence, nem um acontecimento do qual se percebe os sinais, nem a aurora de uma realização. (...) Em seus outros textos sobre a história, ocorre a Kant colocar questões sobre a origem ou definir a finalidade interior de um processo histórico. No texto sobre a *Aufklärung*, a questão se refere à pura atualidade (FOUCAULT, 2008, p. 337).

Diferentemente de Kant, Foucault anuncia que a *Aufklärung* implica em um relato do

passado no momento presente, um enunciado¹⁸ do que acontecia, expresso no que acontece atualmente, envolvido a *Sapere aude* enquanto força discursiva do presente.

Assim, Foucault alerta que

É preciso também enfatizar que essa saída [*Aufklärung*] é apresentada por Kant de maneira bastante ambígua. Ele a caracteriza como um fato, um processo em vias de se desenrolar; mas a apresenta também como uma tarefa e uma obrigação. Desde o primeiro parágrafo, enfatiza que o próprio homem é responsável por seu estado de minoridade. É preciso conceber então que ele não poderá sair dele a não ser por uma mudança que ele próprio operará em si mesmo (FOUCAULT, 2008, p. 338, grifo nosso).

Essa busca kantiana em relação a melhor forma para expressar o que ele entende por conhecimento está bastante atrelada ao sentido de *fato*, pois para Kant *Aufklärung* é um *fato* da ordem dos estudos das ciências modernas. A origem da palavra *fato*, conforme o dicionário Abbagnano (2007, p. 396), advém do vocábulo latino *factum*, que significa um ato que, apesar de ser dinâmico, é um evento concluído, algo realizado e que não pode ser desfeito e, apesar de estar sujeito a alterações, não pode ser extinto no decorrer dos processos em que os discursos são proferidos. Logo, Kant, em *Was ist Aufklärung?* (1985), apropria-se do vocábulo *Aufklärung* e o elege por *factum* histórico, cuja ação ocorre para além do próprio tempo considerado como uma sucessão de acontecimentos, sejam esses acontecimentos contínuos ou descontínuos.

Então, quando Michel Foucault coloca a questão:

Quando, nos dias de hoje, um jornal propõe uma pergunta aos seus leitores, é para pedir-lhes seus pontos de vista a respeito de um tema sobre o qual cada um já tem sua opinião: não nos arriscamos a aprender grande coisa. No século XVIII, se preferia interrogar o público sobre problemas para os quais justamente ainda não havia resposta. Não sei se era mais eficaz; era mais divertido (FOUCAULT, 2008, p. 335),

ele problematiza essa permanência analítica estabelecida por Kant no apagar das *Luzes* do século XVIII, propondo deslocamentos, mudanças das constâncias sugeridas nas críticas racionalistas kantianas, isto é, “é preciso considerar que a *Aufklärung* é ao mesmo tempo um processo do qual os homens fazem parte coletivamente e um ato de coragem a realizar pessoalmente. Eles são simultaneamente elementos e agentes do mesmo processo” (FOUCAULT, 2008, p.

¹⁸ A noção de *enunciado* empregada aqui é semelhante à utilizada por Dominique Maingueneau: “uma sequência verbal” (2004, p. 21).

338). Assim, essas mudanças trabalhadas por Foucault acerca da crítica da modernidade configuram processos ontológicos inseridos-na realidade do presente. É no instante do tempo, no aqui agora, que o filósofo francês opera seus deslocamentos críticos e que tanto a permanência quanto a mudança fazem algum sentido.

Para Kant, o conceito de *Aufklärung* corresponde a um *factum* porque possui poder de ação em si mesma, é, portanto, imutável ao movimento do tempo porque só o que existe no tempo pode permanecer ou mudar. Por isso, Foucault atém-se de forma precisa à pergunta do jornal alemão porque, apesar de a interrogação ser feita em um jornal e direcionada para determinado público, possivelmente aos leitores daquele mesmo diário e talvez nem todos eles conhecedores dos escritos desse filósofo alemão, o jornal existe no tempo. Portanto, o próprio jornal é um *factum*. Agora, a definição conceitual de jornal, ela tanto pode permanecer quanto pode mudar porque é um conceito, é um artifício extratemporal e não permanente.

De acordo com Rogério Luís da Rocha Seixas (2009), no artigo *O trabalho crítico da ontologia histórica do presente e a relação entre poder e liberdade em Michel Foucault*, a análise foucaultiana acerca da resposta de Kant à pergunta *Was ist Aufklärung?* pretende promover a mudança em nós próprios por meio da crítica radical ao que nos tornamos hoje. Essa crítica kantiana, segundo Seixas (2009), busca examinar o que somos atualmente, porque nos tornamos súditos de nossa menoridade, de nossa falta de coragem para buscar pensar por *nós mesmos*, buscar o conhecimento. Assim, o que faltaria ao sujeito é

Ter a coragem de conhecer e pensar por si mesmo é a atitude para se atingir a maturidade, para tomar e assumir as próprias decisões, sem recorrer aos dogmas ou às determinações da autoridade. Esta atitude expressa no texto kantiano parece ser interpretada por Foucault como um modo de relação com o presente, onde o indivíduo não é um mero espectador, mas sim um ator do momento presente do qual faz parte (Seixas, 2009, p. 51).

Seixas reforça, ao dizer que a coragem ou a vontade de enfrentar os desafios da vida encontra-se no tempo presente, que é preciso refazer a análise de *nós mesmos*, do que possamos vir a ser no momento presente. Nesse sentido, a *Aufklärung* exerce em nós essa constante interrogação em relação ao que vamos nos tornar.

Para Michel Foucault (2008), o conciso artigo de Kant, *Was ist Aufklärung?* (1985), inaugura um novo olhar sobre o pensamento filosófico e, principalmente, sobre

o modo de filosofar no ocidente, despertando nele próprio sérios questionamentos e fazendo com que ele teça considerações em relação as experiências de vida de cada sujeito no mundo atual. Certamente este artigo de Kant não é exclusivo, não é o único, nem é inédito em relação à abordagem das questões históricas envolvendo o tempo presente e situando-o em um percurso filosófico. Entretanto, esse ponto que Foucault destaca, o da relação sugerida por Kant entre a razão iluminista e a atualidade, é de suma importância não apenas para esta pesquisa, como também para pensarmos as práticas de racionalidade ocidental.

Em *Was ist Aufklärung?* (1985), Kant discute aspectos histórico-culturais de modo bem peculiar e muito específicos, problematizando inclusive, aspectos históricos bem consolidados pela doutrina filosófica daquele momento histórico, finais do século XVIII. Ao fazer isso, Kant suscita diversos questionamentos filosóficos e situa-os no tempo presente. Essa, certamente, é a maior das novidades forjadas por Kant em seu artigo. Partindo disso, Foucault radicaliza a dúvida kantiana sobre o esclarecimento:

Será preciso compreender que é o conjunto da espécie humana que está envolvido no processo da Aufklärung? E, nesse caso, é preciso conceber que a Aufklärung é uma mudança histórica que atinge a vida política e social de todos os homens sobre a superfície da Terra. Ou se deve entender que se trata de uma mudança que afeta o que constitui a humanidade do ser humano? E se coloca então a questão de saber o que é essa mudança. Ali, também, a resposta de Kant não é desprovida de certa ambiguidade. Em todo caso, sob uma aparência simples, ela é bastante complexa (FOUCAULT, 2008, p. 338).

É justamente porque Kant não é o pensador das individualidades, mas o filósofo das universalidades que analistas como Foucault podem se perguntar: por que um filósofo dos juízos universais, tal qual, Kant, está disposto a interrogar-se acerca do presente? E ainda utilizar-se para fazer essa crítica de elementos singulares, como a vida dos sujeitos em particular? Por que o momento presente passou a ser algo tão importante para a análise filosófica? Essas interrogações incitadas por Foucault são de extrema relevância para nossa análise, uma vez que a filosofia não costumava se deter nas questões cotidianas, tidas como questões menores. É quase jargão da filosofia defender que o filósofo se dedicasse mais preeminentemente às questões maiores da humanidade, aos grandes temas e não centrasse a sua atenção no aqui

agora. Em *Was ist Aufklärung?* (1985), não é isso que Kant faz, ao contrário, ele utiliza o momento presente para forjar um arcabouço material de suas análises críticas.

Foucault propõem o seguinte cenário à análise do artigo kantiano em questão aqui:

A hipótese que eu gostaria de sustentar é de que esse pequeno texto se encontra de qualquer forma na charneira entre a reflexão crítica e a reflexão sobre a história. É uma reflexão de Kant sobre a atualidade de seu trabalho. Sem dúvida, não é a primeira vez que um filósofo expõe as razões que ele tem para empreender sua obra em tal ou tal momento. Mas me parece que é a primeira vez que um filósofo liga assim, de maneira estreita e do interior, a significação de sua obra em relação ao conhecimento, uma reflexão sobre a história e uma análise particular do momento singular em que ele escreve e em função do qual ele escreve. A reflexão sobre “a atualidade” como diferença na história e como motivo para uma tarefa filosófica particular me parece ser a novidade desse texto (FOUCAULT, 2008, p. 341).

Assim, partindo da proposta de Foucault, entendemos que é em *Was ist Aufklärung?* que a temática do presente passa a figurar como subsídio para a reflexão filosófica e esta passa a ser gerada mais na voz do filósofo e menos no sistema doutrinal da filosofia. Nisso, a atividade crítico discursiva é manifestada, emergindo a partir dos objetos de análise do cotidiano e das experiências práticas do próprio pensador na condição de filósofo, haja vista que o efeito de linguagem dos próprios pensamentos é oriundo dos sujeitos na esfera de percepção pessoal.

Kant, nesse artigo, é instigado a responder à interrogação *Was ist Aufklärung?* e sua resposta ao jornal compõe um acontecimento, não qualquer acontecimento, mas o acontecimento do dia a dia das pessoas, uma vez que essa resposta, endereçada ao periódico alemão, passa a constituir o processo de atribuição de sentido para o tempo presente. Esse tempo presente não está completo de sentido, pois, *nós*, enquanto sujeitos, não estamos prontos, acabados, mas em constante movimento de subjetivação e esse acontecimento será produzido no fluxo e na contingência das práticas diárias.

A razão iluminista não é uma atribuição de sentido plena, afinal, seus propósitos são gerados pela sucessão de adaptações a que nós, enquanto sujeitos, estamos inseridos nesse cenário do presente e dele, portanto, passam a ser irresolúveis à realidade em que estamos situados hoje: “E, encarando-o assim, me parece que se pode reconhecer nele um ponto de partida: o esboço do que se poderia chamar de atitude de modernidade” (FOUCAULT, 2008, p. 341).

Em relação a essa emergência dos sujeitos, de *nós mesmos* no tempo presente, Foucault afirma que

É preciso tentar fazer a análise de nós mesmos como seres historicamente determinados, até certo ponto, pela Aufklärung. O que implica uma série de pesquisas históricas tão precisas quanto possível; e essas pesquisas não serão orientadas retrospectivamente na direção do “núcleo essencial da racionalidade” que se pode encontrar na Aufklärung e que se poderia salvar inteiramente no estado de causa; elas seriam orientadas na direção dos “limites atuais do necessário”: ou seja, na direção do que não é, ou não é mais, indispensável para a constituição de nós mesmos como sujeitos autônomos (FOUCAULT, 2008, p. 345, grifo do autor).

Foucault atribui ao pronome pessoal *nós* uma relação de proximidade e simultaneidade de indivíduos agentes que exercem suas forças, suas vivências historicamente construídas de modo a compor os diferentes e complexos processos discursivos dos quais todos nós fazemos parte enquanto seres humanos. Ele observa que em *nós* ocorre o processo da análise crítica do presente, do tempo presente, visto que, nas ações dos sujeitos viventes, a modernidade é o lugar privilegiado para situar a ontologia do presente, a ontologia do que somos ou ainda seremos. Por isso, podemos dizer que,

Na avaliação de Foucault, se a modernidade apontada por Kant, nesse ambiente de maturidade, se inaugurou com um trabalho crítico, isto é, com uma reflexão sobre os limites do conhecimento e da ação, o estabelecimento da crítica consiste em seguir trabalhando e refletindo sobre os limites, mas não com a intenção de legitimar sua condição de estruturas transcendentais, dadas a priori, e consequentemente invariáveis, mas com o propósito de mostrar sua historicidade, sua contingência com o objetivo de tornar viável algum tipo de transformação dos indivíduos. (...) O que Foucault destaca então de essencial é que, depois de Kant, o papel da filosofia é o de impedir a razão de exceder os limites do que é dado pela experiência (SEIXAS, 2009, p. 52).

Nesse aspecto, Foucault compreende que o pensador do presente é o crítico da sua própria condição de realidade e, por meio desse diagnóstico de Michel Foucault, vê-se que, no texto *Was ist Aufklärung?*, Immanuel Kant apropria-se do pronome pessoal *nós* como traço visível de abordagem crítica do presente.

De maneira que a questão do presente é observada como a produção dos discursos da atualidade, não sendo esta entendida em sentido universal, mas como nossa atualidade, a atualidade do que nos tornamos diariamente, por meio dos atos particulares de que somos efeito. Entretanto, o que se deve fazer para ser atual? O que significa ser atual? Quando nós dizemos que estamos no mundo presente, o que

nós queremos dizer? Que estamos nele apenas fisicamente? De algum modo, Foucault responderia não especialmente à essa última interrogação. Porque se estivéssemos nele só fisicamente, talvez não seria possível nem mesmo expressar isso por meio da linguagem. A nossa condição de sujeitos, nos diferencia dos animais, por exemplo, não há animal algum que saiba anunciar por meio de palavras a sua existência no mundo, o animal não é e nem se constitui enquanto atualidade, ele só possui uma completude de estímulo-resposta que estão nele contidos, para além desses estímulos, não há mais nada para ele. Já nós sujeitos, não; nós, pela capacidade de uso da linguagem que temos, conseguimos estabelecer diversos e diferentes procedimentos discursivos com todos os demais seres, e não estamos no mundo só fisicamente. Estar nele implica pensá-lo, refleti-lo.

Por isso Foucault diz que também somos parte da *Aufklärung*. Agora, isso não acarreta que necessariamente somos parte nesse todo racional que abrange as ideias iluministas, pois não nos cabe sermos universalidades, e sim particularidades nesse todo. Assim, os próprios efeitos de sentido do que somos hoje ou do que nos tornamos, constitui para Foucault a força dos sujeitos na modernidade. Pois não há linearidade terminadas entre períodos históricos, por exemplo, ir do período antigo à modernidade em linha reta. Um período não constitui o aperfeiçoamento do outro, a diferença entre os períodos históricos não é de atributo, mas de natureza.

Referindo-me ao texto de Kant, pergunto-me se não podemos encarar a modernidade mais como uma atitude do que como um período da história. Por atitude, quero dizer um modo de relação que concerne à atualidade; uma escolha voluntária que é feita por alguns; enfim, uma maneira de pensar e de sentir, uma maneira também de agir e de se conduzir que, tudo ao mesmo tempo, marca uma pertinência e se apresenta como uma tarefa. Um pouco, sem dúvida, como aquilo que os gregos chamavam de *êthos*. Consequentemente, mais do que querer distinguir o “período moderno” das épocas “pré” ou “pós-modernas”, creio que seria melhor procurar entender como a atitude de modernidade, desde que se formou, pôs-se em luta com as atitudes de “contramodernidade” (FOUCAULT, 2008, p. 341-342, grifo do autor).

Nesse cenário da ideia de atualidade, Foucault percebe, nos enunciados analíticos de Kant, especialmente, naqueles em que o filósofo alemão desenvolve o conceito de *Aufklärung* enquanto exame crítico da modernidade, que a forma do pensamento discursivo racional, apreendida pelo pensador alemão, é estabelecida pela materialidade da linguagem. Foucault é o moderno nesse espaço de reconhecimento discursivo, em que a linguagem constitui a materialização do

pensamento. Talvez por ser moderno, ele consiga operar discursivamente dentre os modernos de um jeito mais plácido, porém, não menos astuto e ousado. Assim,

Penso que a *Aufklärung*, como conjunto de acontecimentos políticos, econômicos, sociais, institucionais, culturais dos quais somos ainda em grande parte dependentes, constitui um domínio de análise privilegiado. Penso também que, como empreendimento para ligar por um laço de relação direta o progresso da verdade e a história da liberdade, ela formulou uma questão filosófica que permanece colocada para nós. Penso, enfim – tentei mostrá-lo a propósito do texto de Kant –, que ela definiu uma certa maneira de filosofar (FOUCAULT, 2008, p. 345, grifo nosso).

Michel Foucault, verdadeiramente, não está preocupado em escrever a história da humanidade, não é esse o seu projeto intelectual. Sua grande obstinação é tomar os desígnios da história e submetê-los a temáticas do tempo presente e, para isso, ele se dispõe a cingir os assuntos da história à matéria do presente, de sorte que, para ele, as experiências humanas e as relações interpessoais não são alheias ao tecido que formam a trama da história.

No diagnóstico de Foucault, portanto, *O Século das Luzes* deve traduzir-se em uma experiência do passado e do presente, atuando concomitantemente na materialidade da linguagem, no entrelugar dos discursos. Desse modo, a pergunta pelo *esclarecimento* é a suma intensificação de seu próprio julgamento, em que as atitudes críticas dos sujeitos na modernidade estão de alguma maneira atreladas à radicalização da *Aufklärung*. É por isso que Foucault ressalta que, para todos os efeitos, nós contemporâneos somos produtos da *Aufklärung*, haja vista que a razão iluminista é um *factum* e, por isso, nos atinge; seus entornos, suas vozes, seus preceitos compõem cenas enunciativas que envolvem a todos nós na modernidade. Não há outra *Aufklärung* senão essa postulada por Kant no ano de 1784.

É no próprio projeto discursivo da *Aufklärung* que há interposição de vozes, por sua vez, estas são ancoradas nas capacidades humanas racionais de elaborar diferentes conjuntos de saberes analíticos e tendem a expressar-se como acontecimento presente, estando circunscritas no ato mesmo desse acontecimento. É no próprio enunciado da *Aufklärung* que há a materialização da linguagem durante os processos históricos, seja pelas iniciativas individuais dos sujeitos, seja pelas iniciativas coletivas. Foucault observa, ainda, que a *Aufklärung* expõe não só os acontecimentos, mas a própria face dos sujeitos do tempo presente, os quais são igualmente expostos, por meio dessa crítica racionalista kantiana, aos elementos

culturais, tais como: as crenças, os sentimentos, os desentendimentos, as incoerências, as hostilidades, etc.

Em síntese, a *Aufklärung* explica-se, por um lado, pelos gestos produzidos enquanto esfacelamento das *Luzes* no final do século XVIII e, por outro lado, por meio de um pensamento, de um recurso de linguagem que os indivíduos aprenderam a dominar no final do *Iluminismo* Europeu e resolveram fazer uso desse expediente de saberes culturais para questionar, sobretudo, as condições expressas pelo momento presente. É Michel Foucault, em seu procedimento analítico, quem se aproxima dessa estratégia kantiana de interrogar-se acerca do presente e acerca de *nós mesmos*. Foucault solicita-nos que nos demoremos com atenção nesse sintético, porém, muito preciso artigo de Kant, *Was ist Aufklärung?* (1985), talvez não para responder a essa interrogação de maneira direta, mas sim para testemunhar, meditar e refletir sobre essa temática suscitada pelo filósofo alemão, em 1784, e que acompanhará bastante a nossa atualidade. Desse modo, Foucault provoca-nos:

Imaginemos que a Berlinische Monatsschrift ainda existe em nossos dias e que ela coloca para seus leitores a questão: “O que é a filosofia moderna?” Poderíamos talvez responder-lhe em eco: a filosofia moderna é a que tenta responder à questão lançada, há dois séculos, com tanta imprudência: Was ist Aufklärung? Detenhamo-nos por alguns instantes nesse texto de Kant. Por muitas razões, ele merece reter a atenção (FOUCAULT, 2008, p. 335-336).

Foucault propõe a reflexão considerando o próprio sujeito nas suas condições intrínsecas e, talvez por isso, ele tenha se impressionado bastante com a perspectiva analítica de Kant, sobretudo porque os enunciados de Kant parecem ser extremamente austeros ao que diz respeito à razão iluminista. Essa insistência de Foucault em afirmar o sujeito particular, consoante o argumento ontológico, é um procedimento analítico que ele utiliza para colocar a sua reflexão em outra perspectiva discursiva que não a de Kant, uma vez que a concepção do autor alemão é salvaguardada pela tradição filosófica crítica cética do conhecimento e esse comportamento kantiano não interessa ao diagnóstico foucaultiano.

Foucault não está preocupado apenas com a argumentação kantiana em prol da *Aufklärung*. Sua inquietude é para com a estrutura inteira da abordagem de Kant que tende a encobrir uma parte considerável do problema, ou seja, a elaboração do sujeito e suas vivências materiais, suas potencialidades e possibilidades, sua expressão política e de linguagem inerentes ao próprio sujeito, o que Kant não faz.

Por isso, quando Foucault coloca a pergunta “quem somos nós?”, uma interrogação fundamental sobre o que um sujeito precisa para ele ser um sujeito, tanto para ser sujeito do nosso saber quanto para ser sujeito de quaisquer relações com outros sujeitos, percebe-se que Foucault desloca o eixo analítico kantiano para outros pontos de vista.

Nas palavras do próprio Foucault, ele reforça as diversas potencialidades do sujeito e a sua correlação política:

Compreende-se que o uso universal da razão (fora de qualquer fim particular) é assunto do próprio sujeito como indivíduo; percebe-se também que a liberdade desse uso pode ser assegurada de maneira puramente negativa pela ausência de qualquer acusação contra ele; mas, como assegurar um uso público dessa razão? A *Aufklärung* - vemos aqui — não deve ser concebida simplesmente como um processo geral afetando toda a humanidade: ela não deve ser concebida somente como uma obrigação prescrita aos indivíduos: ela aparece agora como um problema político. Em todo caso, coloca-se a questão de saber como o uso da razão pode tomar a forma pública que lhe é necessária, como a audácia de saber pode se exercer plenamente, enquanto os indivíduos obedecerão tão exatamente quanto possível (FOUCAULT, 2008, p. 340, grifo nosso).

Essa indagação de Foucault – quem somos nós? –, exige de nós uma reverberação de que em sentido político, a maneira pela qual o sujeito está sendo abordado de acordo com a problematização do texto kantiano sobre *Aufklärung* em face da análise crítica foucaultiana a qual considera o momento em que vivemos. De modo que essa interrogação sobre quem nós somos, para ser respondida por Foucault, exigiu dele algum reconhecimento prévio do que seria um *arquê*, uma substância do que somos ou do que somos feitos. Verdadeiramente, essa não é a tônica da problematização elencada por Foucault.

Aufklärung, no limite, implica na total radicalização, na fragmentação, na fratura, na descontinuidade de uma trajetória marcada por estados de saberes assegurados na tradição da humanidade, provinda, sobretudo, das antigas heranças teleológicas herdadas dos padrões culturais, dos costumes e dos ideários sócio-históricos.

Dito isso, passamos à apresentação concisa dos argumentos de Kant discutidos por Foucault a respeito da pergunta *Was ist Aufklärung?*

4 FOUCAULT LÊ KANT: O QUE É O ESCLARECIMENTO?

Observei, nesta pesquisa, que nos ideários racionalistas advindos das proposições kantianas, a partir de *Was ist Aufklärung?*, a razão iluminista é compreendida em uma condição de base universalista, gerando a ideia geral de que o *Iluminismo* representou, no fim século XVIII, especialmente europeu, o apogeu da racionalização. Estabeleceu-se dessa maneira o estatuto da era da racionalidade, demarcado pelo poder-saber cujo centro forte e atuante foi o sujeito de posse de seu conhecimento preponderante, valorizando a hegemonia da razão em detrimento das individualidades pessoais. É por meio do discurso do *Século das Luzes* que a razão é legitimada e assume o tom autossuficiente entre os indivíduos, principalmente os grupos específicos de sujeitos que possuem habilidades e saberes tecnicamente mais desenvolvidos e passam a dominar os protocolos dos conhecimentos operacionais.

4.1 DAS ANÁLISES DO SUJEITO FOUCAULTIANO

Michel Foucault (2011) apropria-se do sujeito enquanto um efeito, em um procedimento crítico, a partir da tomada da palavra no ato enunciativo na linguagem. Nesse sentido, Foucault é moderno também em relação a Kant, pois “(...) Para Foucault, o pensamento era, a seus olhos, eminentemente uma rebelião sem uma causa” (MERQUIOR, 1985, p. 243). Nesse sentido, o autor identifica em Foucault um pensador de significativa originalidade no trato com as questões da atualidade, um autêntico crítico do presente e preocupado com os acontecimentos que circundam os sujeitos nos dias de hoje.

O filósofo francês fez a análise prática do tempo atual e, ao fazer isso, indicou outro modo de fazer a crítica do presente diferente aquela padronizada pelas regras tradicionais comuns no *Século das Luzes*. Toda essa concepção regular dos modelos de racionalização do *Iluminismo* acarretou um jeito único e universal de conceber a história, dissociando-a das subjetividades individuais, de maneira que o mais valorizado foi a hegemonia da razão em detrimento das individualidades pessoais, conspirando para desenvolver a ideia geral de que o *Iluminismo* representou no século

XVIII o apogeu da racionalização: estabelece-se dessa maneira o estatuto da era da racionalidade demarcados pelo poder-saber assujeitado pelo momento iluminista.

Immanuel Kant atribui um sentido ético ao conceito de modernidade, de modo que, conforme sustenta Merquior (1985), Kant confere valor às subjetividades da vida humana a partir de um conjunto de normas, as quais ele denomina de lei moral, presente nas subjetividades de todos os seres humanos. Esses sujeitos são submetidos a essas leis gerais por meio da universalização da condição do *eu* o qual é atribuído a todos os indivíduos uma categoria imperativa. Ainda, segundo Kant, essa condição imperativa implica dizer que se os sujeitos não se submeterem, eles irão se arruinar enquanto sujeitos.

Por sua vez, essa força ou o imperativo moral kantiano é intrínseca ao ser humano, de modo que este tem o impulso de agir segundo uma lei moral que, de certo modo, lhes transcende, mas que está em suas próprias subjetividades. Já, os regulamentos dessa lei moral consistem em agir de tal modo que, no ato de sua ação, esteja contida uma norma universal; ou melhor, cabe aos sujeitos agirem de uma maneira que seria prescrita para todos os indivíduos que convivem dentro dos mesmos espaços sociais.

No discurso proferido em *O governo de si e dos outros*, Aula de 5 de janeiro de 1983 – primeira hora, cujo título é “Questões de método. - Estudo do texto de Kant: O que é o esclarecimento?”, Foucault afirma que para ele, o texto de Kant trata-se de

um texto um pouco emblemático, um pouco fetiche, de que já lhes falei várias vezes, e que gostaria de examinar mais detalhadamente hoje. Esse texto, podemos dizer, tem relação com aquilo de que falo, e ao mesmo tempo eu gostaria que a maneira como falo dele tenha certa relação com ele. Esse texto é, evidentemente, o de Kant, *Was ist Aufklärung?* [O que é o esclarecimento?] (FOUCAULT, 2010, p. 08 grifo do autor).

Nessa aula, Michel Foucault refere-se a *Was ist Aufklärung?* não como uma condição consagrada, mas como um aparecimento, uma iniciativa do presente, uma atitude da modernidade que, a partir dessa interrogação sobre o esclarecimento, a *Aufklärung* passa a ser entendida como a tomada de posição dos sujeitos, uma expressão de conduta em que colocamos sob suspeita da crítica os nossos próprios procedimentos históricos desempenhados no decorrer dos anos. Tratava-se, portanto,

de deslocar o eixo da história do conhecimento para a análise dos saberes, das práticas discursivas que organizam e constituem o elemento matricial desses saberes, e estudar essas práticas discursivas como formas reguladas de verificação. Do conhecimento ao saber, do saber às práticas discursivas e

às regras de veridicção – foi esse deslocamento que procurei fazer por um certo tempo (FOUCAULT, 2010, p. 06).

Nesse momento de reflexão crítica, Foucault afasta-se da noção de êthos filosófico e não pensa ser interessante a ele posicionar-se a favor ou contra o *Iluminismo*. Isso porque ele não aceita a chantagem intimidatória de que se põe: ou aceita o acontecimento e nega a tradição racionalista ou recusa e reivindica o irracionalismo. Assim,

Substituir a história dos conhecimentos pela análise histórica das formas de veridicção, substituir a história das dominações pela análise histórica dos procedimentos de governamentalidade, substituir a teoria do sujeito ou a história da subjetividade pela análise histórica da pragmática de si e das formas que ela adquiriu, eis as diferentes vias de acesso pelas quais procurei precisar um pouco a possibilidade de uma história do que se poderia chamar de “experiências”. Experiência da loucura, experiência da doença, experiência da criminalidade e experiência da sexualidade, focos de experiências que são, creio eu, importantes na nossa cultura. Eis portanto, vamos dizer, o percurso que procurei seguir e que era necessário, honestamente, que eu tentasse reconstituir para vocês, nem que tão só para fazer um balanço (FOUCAULT, 2010, p. 06-07, grifo do autor).

Esse argumento de ascendência da própria capacidade racional, podemos dizer assim, assemelha-se à superação da condição de menoridade dos indivíduos que Kant trata em *Was ist Aufklärung?* Por menoridade, entende-se como a infância do conhecimento, é aquele estado em que os indivíduos ainda não decidiram claramente pela sua consciência diante dos fatos da vida. Por sua vez, a *Aufklärung*, conforme defende Kant, caracteriza um deslocamento contínuo que desprende os sujeitos do estado de menoridade, instruindo-os a fazer uso e domínio da aprendizagem e dos saberes junto aos limites da razão.

Do mesmo modo, cabe aos sujeitos, por iniciativa pessoal, buscar o propósito da emancipação de saberes advindos de quaisquer autoridades, uma vez que essa compreensão analítica de Foucault acerca do texto de Kant propõe o diálogo em torno da atividade crítica, do exame analítico, de uma “ontologia crítica de nós mesmos” (FOUCAULT, 2008, p. 351) como alternativa à falta de coragem, à ociosidade de pensar por *nós mesmos*, à falta de autonomia que nos impede de agir com força e convicção em prol do uso de nossa razão no sentido ético e moral.

Tomando como base o olhar analítico e a reflexão bem apurada, considerando as modulações históricas e as atitudes investigativas de Foucault, bem como os comentários de especialistas das mais diferentes áreas do conhecimento humano.

Ainda que de forma cautelosa, foi-nos possível detalhar, com alguma precisão, a tomada de posição de Foucault diante dessa situação da *Aufklärung* como tema da atualidade, como questão do presente, exceto, a problematização discursiva posta pelo autor francês. É no final da década de 70 em diante que Foucault concentra-se mais nesses estudos correlacionados à crítica da *Aufklärung* e às definições de conduta e às iniciativas do próprio sujeito enquanto crítico de si mesmo.

Foucault retoma essa temática em diversos momentos de suas análises a respeito do tema do presente, uma vez que esse assunto da atualidade é relevante para o pensador. Entretanto, seu esforço de pesquisa volta-se, a partir de 1983, para a questão da convergência entre o governo de si e dos outros, cuja enunciação principal do foco de suas análises está em pensar a relação com *nós mesmos*, sobre o que buscamos interpelar nas nossas atitudes críticas que possa, de algum modo, se interpor na constituição de si e forjar os limites da relação de saber e poder.

É a partir desse horizonte de entendimento de conduta que Foucault coloca o tema da atitude crítica do presente, elevando-a à categoria de análise da atualidade como um problema para os indivíduos e propondo o questionamento que virá a nos assombrar: qual a diferença do hoje em relação ao ontem, ao nosso tempo primitivo não tão distante de nós? Ou melhor, o que é o *esclarecimento* como questão do presente? Numa hipótese de análise, é bem provável que, de fato,

a questão que, parece-me, surge pela primeira vez nos textos de Kant – não digo a única vez, encontraremos outro exemplo um pouco depois – é a questão do presente, é a questão da atualidade, é a questão de: o que acontece hoje? O que acontece agora? O que é esse “agora” dentro do qual estamos todos, e que é o lugar, o ponto [do qual] escrevo? Claro, não é a primeira vez que encontramos, na reflexão filosófica, referências ao presente, referências ao presente pelo menos como situação histórica determinada e que pode ter valor para a reflexão filosófica (FOUCAULT, 2010, p. 12-13, grifo do autor).

Os procedimentos analíticos de Michel Foucault em relação às ideias que Immanuel Kant proferiu a respeito de *Aufklärung* tornaram-se o termo moderno quando Foucault articulou a atitude do presente e as construções históricas dos indivíduos, perguntando-se pela atualidade.

O discurso tem de levar em conta sua atualidade para, [primeiro], encontrar nela seu lugar próprio; segundo, dizer o sentido dela; terceiro, designar e especificar o modo de ação, o modo de efetuação que ele realiza no interior dessa atualidade. Qual é a minha atualidade? Qual é o sentido dessa atualidade? E o que faz que eu fale dessa atualidade? É nisso, parece-me, que consiste essa nova interrogação sobre a modernidade. Tudo isso é muito

esquemático. É, mais uma vez, uma pista que seria preciso explorar um pouco mais detalhadamente. Parece-me que seria preciso tentar fazer a genealogia, não tanto da noção de modernidade; mas da modernidade como questão (FOUCAULT, 2010, p. 15).

De acordo com Foucault, buscar as diferenças para constituir os sujeitos autônomos para além dos jogos e apropriações que impliquem configurações racionalistas e irracionais, afinal, o que está em disputa é a crítica de *nós mesmos* diante do procedimento da *Aufklärung*, estando esta composta por uma multiplicidade de eventos e sucessões históricas, culturais, políticas e sociais e inter-relacionando todos esses acontecimentos às reflexões críticas do presente.

Desse modo, Dianna Taylor (2003), em “*Practicing politics with Foucault and Kant: toward a critical life*” (“Praticando política com Foucault e Kant: em direção a uma vida crítica”), observa o quanto Foucault enaltece a concepção de crítica com um recurso próprio que ele utiliza para abordar os seus objetos de estudo:

Foucault era de fato cauteloso com a função normalizadora que ele acreditava que as normas frequentemente serviam, mas seu questionamento crítico às normas não é meramente negativo ou destrutivo. Em vez disso, Foucault pretende identificar sob quais condições as normas se tornam normalizadoras, esclarecer a natureza opressora da normalização, e criar oportunidades para o desenvolvimento de modos de existência não-normalizadores e, portanto, emancipadores. Eu argumento que, através de sua apropriação da noção de crítica de Kant, Foucault reconceitualiza conceitos políticos normativos como obrigação, liberdade, autonomia e publicidade em não-normativos e, portanto, de maneiras politicamente atraentes. Eu também questiono a atual confiança na normatividade como uma fonte de legitimação na teoria e ação política. Submeter as normas, incluindo a norma da normatividade, para análises críticas pode levar a suas reformulações de maneira que as privam do status fundacional, mas isso não precisa resultar em sua destruição ou abandono. Entretanto, por uma perspectiva Foucaultiana, tais análises críticas aumentam as possibilidades para a prática da liberdade (TAYLOR, 2003, p. 260, tradução nossa).¹⁹

¹⁹ Foucault was indeed wary of the normalizing function that he believed norms frequently serve, but his critical interrogation of norms is not merely negative or destructive. Rather, Foucault intends to identify conditions under which norms become normalizing, clarify the oppressive nature of normalization, and create opportunities for developing non-normalizing and therefore emancipatory modes of existence. I argue that, through his appropriation of Kant's notion of critique, Foucault reconceptualizes normative political concepts such as obligation, freedom, autonomy and publicity in non-normalizing and therefore politically compelling ways. I also question the current reliance upon normativity as a source of legitimation in political theory and action. Subjecting norms, including the norm of normativity, to critical analysis may lead to their reformulation in ways that deprive them of foundational status, but it need not result in their destruction or abandonment. Indeed, from a Foucauldian perspective, such critical analysis increases possibilities for the practice of freedom (TAYLOR, 2003, p. 260).

Nessa atividade crítica que Foucault desenvolve, ao analisar seus objetos de trabalho, especialmente a *Aufklärung*, ele agencia um recurso emancipador do ponto de vista ético-político: trata-se do argumento de ascendência da própria capacidade racional, que se assemelha à superação da condição de minoridade dos indivíduos que Kant (1985) fala em *Was ist Aufklärung?*.

4.2 A EXPERIÊNCIA VERSUS AO RACIONALISMO KANTIANO

Segundo Lemke (2017),

Em seus cursos no Collège de France em 1976, Michel Foucault argumenta que a **Crítica contemporânea é caracterizada por um paradoxo perturbador**. A) Por um lado, desde os anos 1960, novos movimentos sociais e grupos políticos têm colocado em pauta, com sucesso, uma série de questões que tinham sido vistas anteriormente como não políticas. B) Por outro lado, ele nota que as fundações, os instrumentos e os objetivos da crítica estavam sendo cada vez mais enfraquecidos (LEMKE, 2017, p. 81, grifo nosso).

Foucault (2010) põe em debate, justamente, o posicionamento desconexo no sentido de não politizado ou quase alheio por parte dos indivíduos que compõem a sociedade nos dias atuais, sobretudo quando essas causas são, precisamente, de cunho social e devem demandar alguma tomada de posição política. Como ponto consistente desse viés de cunho político para o engajamento dos indivíduos, Foucault cita como exemplo o movimento constituído pelo ato de uma revolução, em que o

importante na Revolução, portanto, não é a própria Revolução, que, de todo modo, é um desperdício, mas o que acontece na cabeça dos que não fazem a Revolução, ou em todo caso que não são seus atores principais. É a relação que eles próprios têm com essa Revolução que eles não fazem, ou de que não são os atores essenciais. O significativo é o entusiasmo pela Revolução. E esse entusiasmo pela Revolução é sinal de quê?, pergunta Kant. É sinal, primeiro, de que todos os homens consideram que é do direito de todos se dotar da constituição política que lhes convém e que eles querem. Segundo, é sinal de que os homens procuram se dotar de uma constituição política tal que evite, em razão dos seus próprios princípios, toda guerra ofensiva (FOUCAULT, 2010, p. 19).

Consoante a isso, aos olhos de Foucault, esse posicionamento dos sujeitos parece ser bastante contraditório, dado que o discurso pressupõe vivências inseridas e práticas discursivas atuais, legítimas e consistentes com as proposições que se está desenvolvendo numa perspectiva ousada, destemida, corajosa que não se permite o esvaziamento de conteúdo crítico. Desse modo, o momento específico para o

fortalecimento das ações e não de seu desvanecimento, mesmo que os esfacelamentos venham, até mesmo, dos componentes de resistências, que segundo defende Foucault, podem ser impulsionados aos sujeitos por meio da Revolução.

Thomas Lemke (2017) defende que a crítica no âmbito da sociedade deve partir dos sujeitos, eles devem alçar essa crítica apoiando-se na noção de experiência, a qual

é concebida como estrutura dominante e força transformadora, como pano de fundo existente nas práticas e evento transcendente, como o objeto de investigação teórica e o objetivo de mover-se além dos limites históricos (LEMKE, 2017, p. 82).

Essa noção de experiência que Lemke suscita está nos textos de Foucault bastante associada aos aspectos de resistência e às relações de poder emergida das práticas históricas. Mas, sobretudo, esse conceito de experiência ou focos de experiência está associado à maneira pela qual Foucault articula os seus próprios pensamentos analíticos:

E por "pensamento" queria dizer uma análise do que se poderia chamar de focos de experiência, nos quais se articulam uns sobre os outros: primeiro, as formas de um saber possível; segundo, as matrizes normativas de comportamento para os indivíduos; e enfim os modos de existência virtuais para sujeitos possíveis. Esses três elementos - formas de um saber possível, matrizes normativas de comportamento, modos de existência virtuais para sujeitos possíveis -, são essas três coisas, ou antes, é a articulação dessas três coisas que podemos chamar, creio, de "foco de experiência" (FOUCAULT, 2010, p. 04-05, grifo do autor).

A partir do entendimento de Foucault, a crítica aqui é absorvida como condição ampla e distinta da noção de experiência em si mesma, pois Foucault amplia esse horizonte elevando a designação de experiência para além de si e das subjetividades limites.

Compreendemos que Foucault (2010) apropria-se da temática da experiência e a toma com um olhar prático em conciliação às suas lutas, seus enfrentamentos, principalmente, na esfera de atuação intelectual no final da década de 1970. Nesse aspecto em particular, há uma íntima associação, proposta por Foucault, entre elementos provenientes da "experiência" capturados por ele enquanto "experimento", enquanto gesto crítico, ato crítico que se efetivava por meio do "fazer" da crítica ali mesmo, nas circunstâncias da ação. Nesse procedimento analítico de Foucault em relação à experiência é que se mostra o momento em que ele realiza o seu diagnóstico, a forma como ele organiza o seu discurso crítico no tempo presente: "Era,

isso sim, procurar estudar a loucura como experiência no interior da nossa cultura [...]” (FOUCAULT, 2010, p. 05).

De acordo com Lemke (2017), Foucault opera um recorte bastante particular sobre as ordens dos elementos que ele denomina de experiência, sendo possível depreender que ele concebe a experiência como uma interação dinâmica entre jogos da verdade, formas de poder e relações consigo. Dessa maneira, Foucault destaca, em três momentos distintos, mas não isolados entre si, os principais domínios da experiência que ele tende a explorar em seus textos e, a partir da exposição dessas breves definições de experiência, busca estabelecer a crítica como a figura que possibilita ao sujeito interrogar-se acerca dos efeitos de poder e sobre os discursos de verdade gerados durante o movimento de seu ato crítico. Assim, a crítica é posta pelo filósofo como um fator de “transgressão ao êthos”, o que implica dizer que a concepção de crítica desenvolvida é de grande valor discursivo e está fortemente inter-relacionada à concepção de experiência, algo próximo de uma verdadeira “experiência crítica”.

Essa ideia transita em sua obra, como acontece em *História da Loucura*, de 1960, na qual a experiência é tomada como fator ressoante da loucura, da desobediência aos modelos socialmente postos, dos domínios expostos pelos nossos fatores de ordem cultural. É nesse cenário da desrazão que a experiência-limite suscita reflexões; em *O nascimento da Clínica* (FOUCAULT, 2001), de 1963, em que o filósofo francês analisa as práticas em torno das vivências médicas na modernidade; e em *As palavras e as coisas* (FOUCAULT, 2000), de 1966, no qual analisa a ordem manifesta das coisas e as experiências e ilustrações no mundo atual. Apesar de haver abordagens conceituais enormemente distintas nos textos de Foucault, pode-se ousar dizer que o fio condutor que anima e/ou potencializa os tecidos textuais na escrita foucaultiana advém, justamente, do discernimento de experiência que o filósofo francês utiliza para produzir o seu trabalho ao decorrer de seus procedimentos críticos. Na década de 1980, Foucault retoma a matéria relativa à experiência que ele já trabalhara em textos anteriores.

A esse respeito, Lemke (2017) assinala que:

O termo “experiência” reemergiu no trabalho de Foucault por volta do final da década de 1970, mas a esta altura estava completamente transformado. A experiência agora não é mais entendida em termos de regularidades epistêmicas ou de efeitos regimes de poder; ao invés disso, ela serve como

um conceito com muitas demandas, que articula formas de conhecimento, mecanismos de poder e as relações consigo. [...] Foucault concebe a crítica de forma diferente não mais procura definir as referências críticas (por exemplo, a exterioridade, a transgressão ou o corpo), mas aborda explicitamente a atividade da crítica. Em uma conferência intitulada *O que é a crítica?*²⁰ Foucault investiga a experiência específica da crítica: como opera a crítica? Como é executada? Como é definida a prática da crítica? (LEMKE, 2017, p. 85- 86 grifo do autor).

Foucault, ao tratar a crítica na condição de experiência e experiência, por sua vez, enquanto experimento, ele desenraíza da crítica a possível ideia fixa de que ela deve dar conta do objeto de investigação de maneira irrestrita e universal, fazendo da crítica um ato de pensar, de gerar práticas e ações e, concomitantemente, um procedimento de trocas, de intercâmbios de saberes e de esvaziamentos da própria noção de crítica.

Isso porque a crítica é tomada, por Foucault, como uma atividade, uma iniciativa, uma atitude, tendo em vista que,

de acordo com este modelo, a crítica requer a determinação dos critérios racionais de avaliação e a aplicação desses critérios à realidade social. Nesta perspectiva, a teoria crítica deve esclarecer e justificar as diretrizes normativas por meio das quais as sociedades deveriam ser criticadas a fim de confrontar esses princípios com as práticas sociais e institucionais (LEMKE, 2017, p. 86).

A partir dessa reflexão, Lemke (2017) elenca três tipos que, segundo ele, geram uma condição extremamente negativa à crítica:

- a) Déficit – esse modelo de crítica consiste em atribuir ao discurso um estatuto corretivo, em que são agenciadas proposições da ordem dos conceitos. Algo proveniente de um dispositivo estatutário que se resigna a correções baseadas em critérios de verdades e/ou falsidades;
- b) Dependência – a crítica tende a restringir o seu domínio, sua autonomia na busca de novos e diferentes saberes e submete-se à ordem das coisas já postas, permanecendo cativa pelos mecanismos normatizadores do poder estabelecido;

²⁰ Thomas Lemke refere-se à conferência de Foucault: *Qu'est-ce que la critique? Critique et Aufklärung*. Bulletin de la Société Française de Philosophie, Vol. 82, nº 2, p. 35 - 63, avr/juin 1990 (Conferência proferida em 27 de maio de 1978). Tradução de Gabriela Lafetá Borges e revisão de Wanderson Flor do Nascimento.

- c) Distância - que compõe a crítica como prática epistemológica e as possibilidades da crítica enquanto expressões éticas reais que atuam na vida dos indivíduos socialmente estabelecidos. Percebendo, entretanto, os distanciamentos entre os sujeitos e suas práticas cotidianas, afastando-se dos sujeitos tradicionais para legitimar os sujeitos nos seus jogos de verdade.

No livro *A espécie humana* (2013), o escritor francês Robert Antelme narra as suas memórias vividas nos horrores dos campos de concentração nazistas e quando, em 1943, com 26 anos de idade, ele ingressou para a unidade da Resistência Francesa em Paris, naquele momento liderada pelo ex-presidente francês François Mitterrand. O escritor narra as rotinas cruéis em um campo de concentração, a partir de suas vivências absolutamente práticas, mostrando, com isso, que os confrontos e opressões ocorrem igualmente no campo da linguagem, no espaço do discurso que disputa espaços de poder: “[...] desde os primeiros dias, parecia impossível superar a distância que descobríamos entre a linguagem de que dispúnhamos e essa experiência que, na maior parte dos casos, ainda operava em nossos corpos [...] (ANTELME, 2013, p. 09). Assim, Antelme descreve que, no espaço de poder, a linguagem também é afetada pelas condições dissonantes entre as vivências práticas e as experiências exequíveis, ainda que essa mesma linguagem, no limite, permita-nos falar dos acontecimentos, por mais desproporcionais que eles possam ser.

Nesses momentos complexos e distintos, Foucault propõe, em relação à crítica, uma abordagem de cunho ético pessoal para inferir e atribuir significações. Diferente da crítica tradicional, ele busca refazer a trajetória dos mecanismos de confecção da própria crítica enquanto modelo a ser observado, posto que entende a crítica como um gesto ético, uma força transformadora da experiência e não trabalha a crítica a partir da ideia de *esclarecimento*, mas, a partir da *análise da verdade*.

Segundo Foucault, crítica não se refere a uma falta de conhecimento, mas aos limites que os regimes da verdade impõem à autonomia e à democracia. Ela não se apoia na diferença entre verdade e ideologia, mas segue o princípio da raridade (LEMKE, 2017, p. 88).

Isso porque o filósofo francês evita pensar a crítica numa perspectiva dualista, no sentido de pensar racional versus irracional, ao contrário, ele conjectura seu estilo de fazer crítica semelhante a Mallarmé, ou seja, a proposição crítica como o lugar

privilegiado da experiência do possível. Ou ainda, como a história da verdade adjunta ao questionamento: que verdade se quer produzir? Que problematizações se quer mover ao movimento da história como acontecimento?

A partir disso, Foucault elabora concisamente o foco de suas investigações analíticas, não se restringindo em concentrar as suas averiguações apenas às questões já postas pelos regimentos da crítica costumeira, habitual, já assegurada tradicionalmente. O estudioso francês vai bem além desses estatutos estabilizados pela crítica convencional, ampliando e situando as suas investigações, o seu modo de perscrutar. Isso porque o seu interesse de estudo reside, justamente, em observar como se formam as práticas das subjetivações, como se organizam e deliberam os jogos de força em torno do poder que, são seguramente, engendrados, delineados pelas sistematizações de poder.

É, precisamente, nas esferas de atuação do poder que ocorrem os arranjos de forças e as aceitações, por meio das inclinações políticas de caráter individuais e coletivos. É justamente nesse espaço preenchido pelo poder, nesses meandros e domínios que os sujeitos enquanto agentes do processo de condução intensificam os seus gestos individuais e legitimam coletivamente as nuances do poder como um verdadeiro efeito crítico.

Nesta perspectiva, os universais não são mais o ponto de partida da análise, mas, ao invés disso, os efeitos de práticas históricas. Eles não são entidades monolíticas que foram moldadas historicamente, mas um sistema de elementos heterogêneos que não pode ser reduzido a uma essência fundadora ou à individualização de uma espécie (LEMKE, 2017, p. 91).

Assim, Foucault, diferentemente de Kant, procura intensificar a sua incursão crítica tomando, por regra de indagação, as singularidades em contraste às convenções universais presentes das abordagens teóricas kantianas. Além disso, Foucault propõe-se a fazer a crítica racional das racionalidades e deixar transparente a relação de ambivalência presente nos gestos críticos. Segundo Lemke, os estudos de Foucault

cumpram os critérios tradicionais de um trabalho historiográfico: eles argumentam com base em documentos, contam com a evidência textual etc. Como resultado, é possível comparar seu trabalho com interpretações divergentes, a fim de verificar ou falsificar sua abordagem histórica. A reconstrução de Foucault pode ser refutada e é perfeitamente possível criticar o uso dos argumentos ou a escolha do material [...] por outro lado, seus livros diferem dos topos clássicos do trabalho histórico: *História da loucura* não é uma história das instituições psiquiátricas, *Vigiar e punir* não é uma história

da prisão, e *História da sexualidade* não é uma história das práticas sexuais. O ponto decisivo nestes livros não é a reconstrução histórica em si; pelo contrário, a verdade histórica é um “meio indispensável” para alcançar um objetivo mais ambicioso: a produção da experiência (LEMKE, 2017, p. 91-92, grifo do autor).

Ainda de acordo com Lemke, os escritos de Foucault que tratam das noções de experiência não se destinam a sustentar a possibilidade de uma verdade histórica tão somente, mas eles apropriam-se desses movimentos de verdade para alicerçar as suas reflexões analíticas, para problematizar a forma como nos apropriamos e conjecturamos determinados objetos e, de imediato, passamos a julgá-los sem mesmo desatualizá-los. Às vezes, temos a impressão de que esses objetos da análise já são produtos de nossas experiências particulares, como se eles não fossem elementos de uma prática coletiva, portanto, não individual.

Foucault (1984) apropria-se da temática da experiência a partir dos jogos de verdade, das relações de poder e das formas de subjetividade, “mas uma análise dos ‘jogos de verdade’, dos jogos entre o verdadeiro e o falso, através dos quais o ser se constitui historicamente como *experiência*, isto é, como podendo e devendo ser pensado” (FOUCAULT, 1984, p. 13, grifo nosso). Nesse aspecto em particular, há uma íntima associação, proposta por Foucault, entre elementos provenientes da *experiência* e capturados por ele enquanto “experimento”, gesto crítico ou ato crítico que se efetiva por meio do “fazer” a crítica dos acontecimentos e das ações.

Nesse procedimento, Foucault trabalha a experiência histórica enquanto apropriação dos sujeitos no seu modo de ser individual e de agir no decorrer do tempo histórico, em que há, de modo expresso, os limites da história, como história do presente e o próprio estatuto das experiências demarcado pela temporalidade histórica. O que rarefaz essas iniciativas históricas são justamente os interditos dos sujeitos e suas ações individuais, suas experiências de subjetivação, que se rarefazem porque, segundo Foucault, as experiências históricas e as experiências de discurso são práticas descontínuas, não possuem jogos de significações prévios ao ato de proferimento do discurso. Por isso, explica o autor que as

noções fundamentais que se impõem agora não são mais as da consciência e da continuidade (com os problemas que lhes são correlatos, da liberdade e da causalidade), não são também as do signo e da estrutura. São as do acontecimento e da série, com o jogo de noções que lhes são ligadas; regularidade, casualidade, descontinuidade, dependência, transformação (FOUCAULT, 1996, p. 56-57).

É exatamente sobre esse conceito foucaultiano de experiência enquanto gesto, expresso pelos sujeitos por meios de suas ações individuais, que Foucault fala a Hubert Dreyfus e Paul Rabinow, em uma entrevista no ano de 1983:

Eu gostaria de dizer, antes de mais nada, qual foi o objetivo de meu trabalho nos últimos vinte anos. Não foi analisar o fenômeno do poder nem elaborar os fundamentos de tal análise. Meu objetivo, ao contrário, foi criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se sujeitos. Meu trabalho lidou com três modos de objetivação que transformam os seres humanos em sujeitos. O primeiro é o modo da investigação, que intenta atingir o estatuto de ciência, como, por exemplo, a objetivação do sujeito do discurso na *gramaire générale*, na filologia e na linguística. Ou, ainda, a objetivação do sujeito produtivo, do sujeito que trabalha, na análise das riquezas e da economia. Ou, um terceiro exemplo, na objetivação do simples fato de estar vivo na história natural e na biologia. Na segunda parte de meu trabalho, estudei a objetivação do sujeito naquilo que eu chamarei de “práticas divisoras”. O sujeito é dividido no seu interior e em relação aos outros. Este processo o objetiva. Exemplos: o louco e o são, o doente e o sadio, os criminosos e os “bons meninos”. Finalmente, tentei estudar – meu trabalho atual – o modo pelo qual um ser humano torna-se um sujeito. Por exemplo: eu escolhi o domínio da sexualidade – como os homens aprendem a se reconhecer como sujeitos de “sexualidade”. Assim, não é o poder, mas o sujeito, que constitui o tema geral de minha pesquisa (DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 231-232, grifo dos autores).

A concepção de experiência para Foucault não corresponde a um momento linear de seu pensamento crítico. Bem ao contrário, essa noção passa por diferentes instâncias reflexivas durante os textos do filósofo. Podemos dizer que o seu entendimento de experiência está bem atrelado à ficção e não aos jogos de verdade ou falsidade. Ele pensa a experiência como o domínio do ilimitado, do inexequível, do impraticável. É aquilo que ousa importunar os limites da própria realidade enquanto prática possível a todos nós. A experiência transgride o espaço da linguagem em que “os seres humanos tornaram-se sujeitos” porque o filósofo não atua nas entrelinhas dessas variáveis. Ela está para além da condição temporal do presente ou futuro, é a ação que transgrediu o momento, o ato do aqui e agora, uma vez que Foucault atribui à concepção de experiência uma ação em particular, ou melhor, um modo de ação individual assegurada por uma iniciativa coletiva.

De um lado, a experiência é particular na medida em que ela é identificável entre os sujeitos que compartilham de um mesmo acontecimento singular. Por exemplo, os leitores que leem um mesmo livro e usufruem da mesma narrativa seria uma experiência bastante limitada porque a força analítica obtida dessa leitura, ainda que ela seja individual, tende a insinuar algo que está muito além da experiência

individual do leitor. Essa capacidade potencial de entendimento está no próprio texto, uma vez que a própria elaboração do texto já condensa uma série de elementos que transgridem o valor das experiências individuais. De outro lado, a experiência é coletiva no instante em que ela está para além dos sujeitos individuais, para além das subjetividades, ou seja, ela está disponível a ser experimentada, vivenciada, transgredida. Ela é um tecido de pontos muito variáveis que está na linguagem, nas narrativas orais, nos textos, está potencialmente acessível. Por exemplo, ao ler um livro e tentar reescrever as cenas ali percebidas, por mais que se busque reproduzi-las fielmente, tal como aparecem no livro, não se consegue. E mesmo que consiga, haverá algo ali que transgredirá as cenas de origem. Por isso, as experiências são mais interessantes da ordem coletiva, conforme diz Foucault, porque as falas, de certo ponto, às vezes superpõem-se aos próprios acontecimentos da vida dos sujeitos. Daí provém o que se denomina de experiência crítica, que é tomada como “ontologia da crítica” ou a crítica das experiências históricas do presente. De acordo com Lemke,

Finalmente, a ambiguidade da experiência tanto como *background* histórico quanto como força transformadora também é responsável por uma certa tensão no uso do termo “problematização”. Por um lado, Foucault indica claramente que a problematização (da sexualidade, loucura etc.) é uma estrutura dada e um objeto de análise. É algo a ser investigado para determinar sua emergência e suas condições de existência. Por outro lado, há um outro sentido de problematização que se refere à atividade do observador que se envolve no processo de problematização. Ele ou ela problematiza experiências específicas e, ao fazer isso, tenta mover-se além dos limites que elas impõem. Aqui, a problematização não é mais o objeto, mas o objeto da investigação crítica (LEMKE, 2017, p. 93, grifo do autor).

4.2.1 Análise dos enunciados

Michel Foucault concebe, então, a *Aufklärung* como um gesto, uma atitude crítica, uma emancipação de *nós mesmos*, enfim, como uma postulação de nossa autonomia que busca, a cada instante, o surgimento de um novo indivíduo. Porém, de alguma forma, essa busca constante do *Iluminismo*, acompanhada da ideia de esclarecimento, alimenta uma tensão constante entre esse novo sujeito e a ideia clássica de humanismo. Então, acerca da *Aufklärung* enquanto estatuto da modernidade, Foucault diz o seguinte:

A reflexão sobre “a atualidade” como diferença na história e como motivo para uma tarefa filosófica particular me parece ser a novidade desse texto. E, encarando-o assim, me parece que se pode reconhecer nele um ponto de

partida: o esboço do que se poderia chamar de atitude de modernidade (FOUCAULT, 2010, p. 341).

Foucault, ao se lançar à instância do discurso, proporciona alguma maleabilidade nesses espaços discursivos, nesses fluxos de saberes em que os integrantes podem admitir outras referências de racionalidade para além daquelas fornecidas a eles pelas técnicas valorativas do humanismo de viés universal; técnicas essas que corroboram no sentido de caracterizar de maneira otimista o ideal de êthos filosófico. Assim, o filósofo esclarece que

Gostaria, por um lado, de enfatizar o enraizamento na *Aufklärung* de um tipo de interrogação filosófica que problematiza simultaneamente a relação com o presente, o modo de ser histórico e a constituição de si próprio como sujeito autônomo; gostaria de enfatizar, por outro lado, que o fio que pode nos atar dessa maneira à *Aufklärung* não é a fidelidade aos elementos de doutrina, mas, antes, a reativação permanente de uma atitude; ou seja, um êthos filosófico que seria possível caracterizar como crítica permanente de nosso ser histórico. É esse êthos que eu gostaria de caracterizar muito resumidamente (FOUCAULT, 2010, p. 344-345).

As considerações de Foucault reafirmam o legado da *Aufklärung* como um modo de pensar transgressor que reitera uma forma da ontologia histórica de *nós mesmos* a fazer a crítica do que dizemos, julgamos e pensamos. Ou seja, trata-se de uma outra possibilidade de efetuar a descrição do êthos filosófico e um outro jeito de entender o esboço humanista, dessa vez demarcado por diversidades de valores e capacidades que, desde o século XVIII, se utilizou para resguardar diversos entendimentos das pessoas e geral. O que depreendemos nesse trecho citado é que Foucault faz-nos refletir às margens, nos limites da discussão sobre a temática da *Aufklärung*, não em uma posição de neutralidade em se tratando de poder, mas nos limites em termos de posicionamento crítico diante do legado empregado pela razão iluminista, pondo o olhar nas bordas, diante das posições universais assumidas pelas descrições históricas. O que Foucault preconiza é que a nossa maneira de pensar está atrelada ao nosso *ser* forjado pela história e não temos a definição total de nossos próprios limites, no espaço do qual, praticamos os atos básicos de nossas ações e expressões.

Nessa perspectiva, Foucault sugere a palavra *nós* como quebra de paradigma que está sendo falado enquanto efeito de análise:

É preciso tentar fazer a análise de *nós* mesmos como seres historicamente determinados, até certo ponto, pela *Aufklärung*. O que implica uma série de

pesquisas históricas tão precisas quanto possível; e essas pesquisas não serão orientadas retrospectivamente na direção do “núcleo essencial da racionalidade” que se pode encontrar na *Aufklärung* e que se poderia salvar inteiramente no estado de causa; elas seriam orientadas na direção dos “limites atuais do necessário”: ou seja, na direção do que não é, ou não é mais, indispensável para a constituição de nós mesmos como sujeitos autônomos (FOUCAULT, 2008, p. 345, grifo nosso).

O pronome pessoal *nós* foi esboçado por Foucault justamente para agenciar uma outra opção ao modo comum, ao modo tradicional de fazer a crítica de *nós mesmos*. Uma forma diferente de praticar o gesto crítico, uma alternativa ao que estava sendo proposto até o momento. O autor francês apresenta a análise de *nós mesmos* como um deslocamento interrogativo, constante e voltado para a questão da própria atualidade, pressupondo a interrogação constante: a respeito de quem ou o que é esse *nós*?

Em *O que são as Luzes?* (2008), Foucault não manifesta diretamente uma iniciativa crítica à institucionalização do poder de controle, mas sim contra um modelo de aparato racional oficializado, propondo alternativas a esse modelo governamental. Foucault trabalha um outro domínio de enfrentamento que pretende expor resistências e não a aceitação, não o comprometimento diante de iniciativas complexas, conforme se apresenta em *Was ist Aufklärung?* (1985), de Kant.

Em face do exposto, Foucault anuncia uma outra história do pensamento, que possui, precisamente no pensamento, um outro procedimento crítico, demonstrado no instante em que ele insiste na pergunta “quem somos nós?”. Ele aborda essa questão não em uma compreensão individualista, nem para desacreditar a ação desse *nós* provinda de um empreendimento gregário ou de uma questão identitária, mas sim como uma opção de conjunção provisória de nossas próprias ações enquanto sujeitos críticos do que nos tornamos. Sobre isso, ele explica:

creio que justamente se pode opor a essa temática, tão frequentemente recorrente e sempre dependente do humanismo, o princípio de uma crítica e de uma criação permanente de *nós mesmos* em nossa autonomia; ou seja, um princípio que está no cerne da consciência histórica que a *Aufklärung* tinha tido dela mesma (FOUCAULT, 2010, p. 346 grifo nosso).

O filósofo francês enfatiza que essa crítica de *nós mesmos* não está diretamente subordinada ao *nós* edificado em anuências universalistas, atos consensuais, valores ou formas tradicionais que se deixam adequar a consentimentos gerais. Para Foucault, esse pronome é um problema no aspecto dos enunciados, pois

ele não se enquadra em nenhuma descrição objetiva de pensamento e discurso. Por enquanto, esse pronome *nós* só pode ser regulamentado provisoriamente para efeito de análise porque não conseguimos ainda designá-lo. Assim, a circunstância de atuação desse pronome *nós* no espaço do discurso não deve ser algo anterior às problemáticas, ele deve ser o seguimento, o desfecho de uma ação de carácter transitório e inacabado que constitui o procedimento discursivo. Isso se observa quando Foucault faz a indicação desse *nós* no enunciado do discurso, demarcando o pronome pessoal como elemento marcador discursivo, indicando que não há uma propriedade estável para acomodar este *nós* no entorno da materialidade da linguagem.

Conforme é possível ler em Foucault, a constituição discursiva desse *nós* deve surgir numa proposta intrínseca ao fazer filosófico, a tarefa da filosofia consiste em situar a inter-relação de quem nós somos no tempo presente. Nesse sentido, a iniciativa crítica ancora-se em gestos e atitudes críticas, em que a “homogeneidade dessas análises histórico-críticas é assegurada, portanto, por esse domínio das práticas, com sua versão tecnológica e sua versão estratégica” (FOUCAULT, 2010, p. 350). Assim, compete aos sujeitos atentar-se para as atribuições e problematizações, buscando a atitude crítica no presente, mesmo nos apagamentos históricos, e, por meio da atitude crítica, ressignificar as iniciativas das memórias e reverberar outras atitudes no tempo presente.

Em suma, parece-me que vemos aparecer no texto de Kant a questão do presente como acontecimento filosófico a que pertence o filósofo que fala sobre ela. Pois bem, se quisermos considerar a filosofia uma forma de prática discursiva que tem sua própria história, com esse jogo entre a questão “O que é a Aufklärung?” e a resposta que Kant vai lhe dar, parece-me que vemos a filosofia - e creio não forçar demasiadamente as coisas dizendo que é a primeira vez - se tomar a superfície de emergência da sua própria atualidade discursiva, atualidade que ela interroga como acontecimento, como um acontecimento do qual ela tem de dizer o sentido, o valor, a singularidade filosóficos, e no qual ela tem de encontrar ao mesmo tempo sua própria razão de ser e o fundamento do que ela diz. E, com isso, vê-se que a prática filosófica, ou antes, que o filósofo, ao fazer seu discurso filosófico, não pode evitar de colocar a questão do seu pertencimento a esse presente. Quer dizer que já não será simplesmente, ou já não será de modo algum, a questão do seu pertencimento a uma doutrina ou a uma tradição que vai se colocar a ele, já não será tampouco a questão do seu pertencimento a uma comunidade humana em geral, mas será a questão do seu pertencimento a um presente, vamos dizer, do seu pertencimento a um certo “nós”, a um “nós” que se refere, de acordo com uma extensão mais ou menos ampla, a um conjunto cultural característico da sua própria atualidade. É esse “nós” que deve se tomar, para o filósofo, ou que está se tomando para o filósofo, o objeto da sua reflexão. (FOUCAULT, 2010, p. 13 - 14).

A propósito da *Aufklärung*, configura uma proposta de raciocínio analítico em que Foucault lê Kant como o filósofo moderno, um filósofo que articulou, por meio do campo da linguagem, a filosofia e a história sob o amparo da atualidade. No entanto, essa caracterização de modernidade não é, contudo, a modernidade esboçada por Foucault, posto que ele não se sente participando desse jeito de ser moderno a Kant, ele se sente despropositado, inconstante em seus posicionamentos voltados a tal tomada de posição diante da narrativa kantiana acerca do *Iluminismo*. A enunciação *nós* sugerida por Foucault como recurso metodológico para pensar a ideia de modernidade deixa transparecer que este *nós* é uma reverberação, um ato de resistência contra a superposição do estatuto da razão iluminista.

De acordo com o que trabalha Foucault, na sua perspectiva e procedimento a respeito do objeto de análise, há um deslocamento da abordagem kantiana que estava, antes, centrada na universalização do *eu*, e passa ser o *nós*, ao qual Foucault atribui a ontologia crítica do presente como um artefato bélico de resistência para tratar as questões da modernidade. Essas questões da modernidade, sem dúvidas, estão atreladas à questão da razão esclarecida, razão iluminista.

Então, a compreensão de subjetividade trabalhada por Benveniste poderá, quem sabe, atuar no sentido de promover uma outra compreensão especulativa de análise para a noção de *Aufklärung* exposta por Kant e indagada e refletida por Michel Foucault, convidando-nos a pensar com mais cuidado acerca da *Aufklärung*.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A despeito de Foucault, busquei analisar em *O que são as Luzes?* (2008) onde Michel Foucault ressaltou que, de acordo com Kant, a *Aufklärung* implica em um procedimento de discernimento, em uma reflexão sobre o presente. Talvez seja possível sustentar que a *Aufklärung*, segundo Foucault, é compreendida como exposição formal dos sujeitos que reafirmam forçosamente uma relação de experiência com o *eu* no ato da enunciação; porém, Foucault propõem o *nós* enquanto estratégia enunciativa para a continuação de *nós mesmos* como agente de transformação das próprias ações individuais no processo de constituição de si mesmo.

Foucault não nega o processo de constituição do *eu* como agente da ação individual, como processo de subjetivação, mas ele indica o *nós* e, ao fazer isso, o autor reitera a questão da atualidade, recuperando o seu olhar sobre o presente, começando por essa categoria do pronome pessoal da primeira pessoa do plural, *nós*. Esse elemento pronominal desempenha um papel fundamental para Foucault porque é por meio dele que o filósofo reafirma a sua atitude crítica em relação ao tempo presente em um ato estratégico para reforçar a interrogação *quem somos nós?* Em uma materialidade discursiva, em que a atitude crítica reflete uma atitude política marcada por gestos e enfrentamentos nos espaços de lutas e de ausências, é nesse meio de construções e desconstruções dos sujeitos que a função crítica, o *nós*, implica a forma de interpelar os modelos críticos já postos e a interrogação constante no sentido de que não estamos prontos.

Ao elaborar o seu texto *O que são as Luzes?* (2008), Michel Foucault construiu uma cena enunciativa, vinculando, por meio do discurso, uma interrogação crítica acerca da relação sujeito consigo mesmo no intuito de promover articulações e outros movimentos *de nós mesmos*, outras maneiras de criarmos atitudes críticas e transgredirmos os velhos hábitos já cristalizados em nós que já não surtem efeitos e precisam ser problematizados. Por esse ponto de vista, ele ressignifica o artigo de Immanuel Kant, *Was ist Aufklärung?* (1985), vendo nele um novo modo de analisar a modernidade, propondo uma análise que possibilita um olhar assíduo e situado sobre o que se está fazendo e pensando acerca da modernidade. É um modo de fazer a

crítica do presente não voltado para o *eu* pensante, mas voltado, de modo particular, para o *nós* enquanto agente no campo da experiência possível. É esse modo especial de mexer com as coisas na contemporaneidade que Foucault chamou de ontologia do presente ou ontologia de *nós mesmos*.

Michel Foucault propõe a atividade crítica enquanto diagnóstico para analisar a condição do presente em que se considera para este fim as inflexões da atualidade. “A originalidade de Kant em ‘Was ist Aufklärung?’ está na clareza com que aí se esboça ‘a questão do presente’, pois o Iluminismo era então o próprio momento vivo da cultura ocidental” (MERQUIOR, 1985. p. 230 grifo do autor). Ele busca escavar as vozes da modernidade e faz isso analisando o texto de Kant. No seu modo de proceder, Foucault questiona-se acerca da realidade ao considerar a sua atitude crítica, entretanto, ele põe à prova o modo de ser histórico e a constituição do sujeito na condição em que ele é autônomo na sua realização individual, na condição de que a resposta dada por Kant em *Aufklärung* consiste em sair da menoridade e fazer desse movimento uma obrigação. Já que o homem é responsável pelo seu estado de menoridade, para sair dessa condição, para superar os seus atos, precisa agir por meio de uma atitude, de um gesto seu, ele não pode executar esse ato por meio de outros, somente através de si mesmo.

O empreendimento da *Aufklärung*, a partir da apropriação kantiana, tende a instituir um estatuto de verdade ao sujeito; isso ocorre a partir do instante em que há sujeitos para cumprir e executar as prerrogativas desses atos de verdade na sua ação diária, incorporando essa verdade à sua conduta de verdade no *Século das Luzes*. O *Iluminismo* instaurou a verdade da razão esclarecida e essa razão sobrepôs-se ao raciocínio, fazendo com que cada sujeito se convencesse de que o esclarecimento é a melhor atitude diante das vivências e das práticas na atualidade.

Em *O que são as Luzes?* (2008), Foucault atribui uma outra realidade histórica ao procedimento de elaboração de um *eu*. Essa atitude mobilizada por Foucault para operar esse efeito de subjetivação acarreta em um jeito próprio de construção de si mesmo, muito diferente de Kant. A forma de produzir sujeitos de Foucault é rara, é bastante distinta em relação a Kant. Foucault, a todo instante, utiliza-se das tecnologias de épocas diferentes, de atuações singulares para gerar diferentes práticas, gestos, formas e atitudes que atuam para a estruturação de si. Dessa

maneira, o sujeito enquanto propósito de si mesmo está edificado no próprio corpo, assumindo a responsabilidade por si mesmo em um ato de consistência ética, pois a noção de autonomia dos sujeitos é fortuita e o *eu* produzido no ato de si mesmo não é um dado universal da razão solipsista²¹. Em Michel Foucault, temos uma elaboração de sujeito produzido enquanto efeitos dos processos de subjetivação e dessubjetivação.

O próprio Michel Foucault já dizia que, nem mesmo a resposta kantiana à interrogação *Was ist Aufklärung?* seria suficiente para dar conta do “projeto iluminista” do final do *Século das Luzes*, uma vez que se trata de “uma questão que a filosofia moderna não foi capaz de responder, mas da qual ela nunca conseguiu se desembaraçar. E há dois séculos, de formas diversas, ela a repete” (FOUCAULT, 2008, p. 335).

Michel Foucault não desconsidera e nem desqualifica resposta kantiana publicada no jornal alemão *Berlinische Monatsschrift*, todavia, ele sinaliza para o fato de que, ainda que esse artigo menor de Kant seja muitíssimo relevante para se pensar a nossa ontologia do presente, não é ao todo suficiente para dar conta completamente dos discursos produzidos durante o período iluminista. Assim, enquanto Kant prioriza o sujeito elevando a universalidade, Foucault é o filósofo das margens, dos entornos, sendo ali, nas adjacências, que ele agencia a noção de sujeito crítico do presente demarcado por meio do pronome pessoal *nós*.

Desse modo e focando nesses procedimentos analítico-discursivos, observamos que temos, de um lado, o discurso kantiano focalizado no sujeito racional, no seu ideal de razão promovido na *Aufklärung*, e de outro, os enunciados foucaultianos marcados pelos diferentes efeitos de produção de sujeito a partir da leitura feita da razão esclarecida no final do *Século das Luzes*.

Michel Foucault insere ao movimento da crítica iluminista ou crítica ao esclarecimento do final do século XVIII a atitude crítica de *nós mesmos*, a coragem

²¹ O termo “solipsismo” ou a expressão “razão solipsista”, conforme o dicionário Abbagnano (2007), refere-se à “tese de que só **[eu]** existo e de que todos os outros entes (homens e coisas) são apenas ideias minhas” (ABBAGNANO, 2007, p. 929, grifo nosso), sendo empregado na filosofia kantiana para indicar a totalidade das inclinações que produzem a felicidade enquanto um ato plenamente realizável. Esse mesmo termo foi utilizado na obra do filósofo alemão para indicar egoísmo.

que precisamos ter para nos expressar enquanto sujeitos na modernidade. Essa forma de proceder de Foucault, envolvendo a noção de sujeito nos entornos da linguagem discursiva, diferencia-se radicalmente de Kant, pois o caminho pelo qual Foucault evoca o sujeito para a constituição de si próprio é diferente da maneira de Kant proceder.

Para o seu procedimento analítico, não há a figura de um sujeito universal regendo ou ordenando as marcas discursivas, por que quem articula a noção de linguagem discursiva e experiências humanas é o próprio sujeito enquanto efeito de produção de si mesmo que se constrói no ato de mobilização da linguagem como práticas de discurso.

Michel Foucault lê *Aufklärung* como uma ontologia do que somos ou viemos a ser no instante do presente e, nesse procedimento de análise, o autor absorve a *Aufklärung* como um recurso de saber que nos atinge e nos atravessa na modernidade. Penso que os textos de Foucault, principalmente, *O que são as Luzes?* (2008) e *O Governo de si e dos outros* (2010), acentuam a posição crítica e radical dele sobre os ideais dos discursos filosóficos suscitados pelos enunciados advindos do racionalismo europeu e promovidos e fortalecidos pela resposta de Kant. Há um contraste, nos textos de Foucault, sob o ponto de vista da linguagem e discurso, em relação ao próprio arquivo da *Aufklärung* enquanto idiossincrasia, pois ela não é uma fórmula a ser seguida, nem um roteiro histórico, mas um acontecimento discursivo.

Foucault apropriou-se da crítica racionalista kantiana no processo da *Aufklärung* para pôr em discussão a produção do próprio sujeito no espaço requisitado pela modernidade. No texto *O que são as Luzes?* (2008), há uma cena discursiva que marca as racionalidades do presente em relação ao tempo transcorrido, ressignificando por essa via a inserção da categoria de tempo presente e os acontecimentos dos sujeitos para exercerem os seus atos racionais, não mais centralizados no *eu* universal, mas na tomada da palavra em seu uso particular.

O artigo de Kant, *Was ist Aufklärung?* (1785), é analisado por Foucault como um acontecimento no presente, como marcas enunciativas que servem como hipótese discursiva para, a partir dessa possibilidade material de linguagem, pensar o momento presente. É nessas materialidades de linguagem expressas nos textos de Foucault

acerca do *Iluminismo* que há marcas intrínsecas entre a razão iluminista e os efeitos de racionalidades situadas a partir das condições práticas no presente.

Foucault inicia sua leitura de *Was ist Aufklärung?*, dizendo que ele está com Kant quando deseja tomar este artigo do filósofo alemão como objeto material de sua análise: (observemos essa citação de Foucault já mencionada nessa dissertação) “Quando, nos dias de hoje, um jornal propõe uma pergunta aos seus leitores, é para pedir-lhes seus pontos de vista a respeito de um tema sobre o qual cada um já tem sua opinião: não nos arriscamos a aprender grande coisa” (FOUCAULT, 2008, p. 335). E não está com Kant quando a circunstância da análise é retomar uma universalidade de linguagem em termos da própria *Aufklärung* enquanto razão esclarecida: “Deixemos de lado esse texto. Não pretendo absolutamente considerá-lo como podendo constituir uma descrição adequada da *Aufklärung*” (FOUCAULT, 2008, p. 340). Esse movimento de ora estar com Kant, ora não estar com Kant, converte-se em um diagnóstico interdiscursivo, uma técnica de entendimento que Foucault utiliza para ler *Aufklärung*.

O fato é que não há uma apropriação linear dos discursos de Kant em Foucault, bem ao contrário disso, há entre esses filósofos tensões, aproximações e assimilações. Há um distanciamento considerável no que se refere à tomada de posição na linguagem do sujeito em Foucault em relação a Kant e sob o ponto de vista das práticas racionais. Foucault atribui efeitos de razão aos sujeitos historicamente edificadas, Kant observa no sujeito um ponto de efetivação da razão esclarecida, ou seja, o sujeito é autor e portador da razão esclarecida e ele mesmo, na condição de sujeito, deve estabelecer os seus próprios atos e assumir a plena responsabilidade pelas suas atitudes por ele praticadas. No Brasil, a crítica foucaultiana em geral tende a distanciar, em termos de estratégias discursivas, os dois filósofos.

As referências demarcadas por estudiosos de Foucault e Kant abordadas neste estudo, na sua imensa maioria, sinalizam para um novo jeito de ser moderno diante das condições histórico-sociais tradicionais sustentadas pelos pressupostos racionalistas no final do século XVIII. De acordo com Merquior (1985), Michel Foucault observa de Kant a “problemática do presente”, a originalidade pela qual o filósofo alemão indaga-se em relação às condições histórico-filosóficas da atualidade em seu artigo, pois “Foucault acentuou que, desse modo, a filosofia cessava de inquirir a

respeito de sua própria inserção numa antiga tradição de exame e especulação, para ver a si própria, pela primeira vez, como uma atividade profundamente envolvida no destino da comunidade” (MERQUIOR, 1985, p. 230), ou seja, Foucault tende a situar as questões históricas acerca das práticas de saber e verdade no momento presente.

Assim, ainda segundo Merquior (1985), para Foucault o projeto da *Aufklärung* não nos define, entretanto, a maioria dos sujeitos experienciaram as ideias provindas do *Iluminismo* e esses pensamentos nos atingiram enquanto pessoas que ousam buscar saber por meio das práticas de racionalidade. Quem sabe a partir desses acontecimentos de discursos suscitados pelos pensamentos iluministas, possamos reorganizar as práticas discursivas e rever as práticas de verdade nos processos e análises interdiscursivas.

O esboço crítico-analítico dessa pesquisa de dissertação desenvolveu-se a partir da pergunta: o que há de Kant em Foucault acerca da noção de *Iluminismo* no final do século XVIII? Dentro do proposto para esta pesquisa, acreditamos ter alcançado uma resposta que não se esgota em si mesma, permanecendo em aberto como um convite e uma possibilidade de aprofundamentos e de novas pesquisas. Há muito ainda nesse diálogo entre os dois filósofos que não caberiam em uma pesquisa de Mestrado.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ANTELME, Robert. **A espécie humana**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. Tradução de Maria da Glória Novak e Luiza Neri. São Paulo: Ed. Nacional: Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.

_____. **Problemas de linguística geral II**. Tradução de Eduardo Guimarães et al. Campinas: Pontes, 1989.

CANDIOTTO, César. A genealogia da ética de Michel Foucault. **Educação e Filosofia**, Uberlândia-MG, v. 27, n. 53, jan./jun. 2013, p. 217-234. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/14365>. Acesso em: 01 out. 2022.

DREYFUS, Hubert. L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FLORES, Valdir do Nascimento. O sintoma de linguagem. Por que gosto de Benveniste? **Casa – Cadernos de Semiótica Aplicada**, Araraquara-SP, v. 3, n. 2, dez. 2005. Disponível em <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/575/495>. Acesso em: 02 dez. 2021.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Tradução de Maria Thereza da C. Albuquerque. 8.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

_____. O que é a crítica? [Crítica e *Aufklärung*]. Tradução de Gabriela Lafetá Borges. **Bulletin de La Société Française de Philosophie**, França, v. 82, n. 02, p. 35-63, 1990. Título original: Qu'est-ce que la critique? Critique et Aufklärung. Disponível em: <http://michel-foucault.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/critica.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2021.

_____. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de A. Sampaio. 2.ed. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. **As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **O nascimento da clínica**. Tradução de Roberto Machado. 5.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

_____. **A Hermenêutica do Sujeito**. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. A ética do cuidado de si como prática de liberdade. In: _____. **Ética, Política e Sexualidade**. Org. Manoel Barros da Motta. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 267-285. Ditos e Escritos V.

_____. O que são as Luzes? In: _____. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Org. Manoel Barros da Motta. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. p. 335-351. Ditos e Escritos II.

_____. **O governo de si e dos outros**: curso no Collège de France (1982-1983). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. **Gênese e estrutura da Antropologia de Kant**. São Paulo: Loyola, 2011.

_____. **L'origine de l'herméneutique de soi**: Conférences prononcées à Dartmouth College, 1980. Organização H.-P. Fruchaud e D. Lorenzini. Paris: VRIN, 2013.

FURTADO, Rafael Nogueira. A atualidade como questão: ontologia do presente em Michel Foucault. **Natureza humana**, São Paulo, v. 17, n. 01, p. 144-156, jan. 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302015000100007. Acesso em: 10 out. 2022.

GROS, Frédéric. Foucault e a questão do “quem somos nós?” **Tempo Social**, São Paulo, n. 7 (1-2), p. 175-178, out. 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/fWvSmWGk7mrHQMgc5T6SCNf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 fev. 2022.

HABERMAS, J. **O Discurso Filosófico da Modernidade**. Tradução de Luiz Sérgio Repa e Rodnei Nascimento. São Paulo, Martins Fontes, 2000.

KANT, Immanuel. **Resposta à pergunta: que é “Esclarecimento”? “Aufklärung”**. In: _____. **Immanuel Kant**: textos seletos. Tradução de Raimundo Vier e Floriano de Sousa Fernandes. 2.ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1985. p. 100-116.

KRAEMER, Celso. **Ética e Liberdade em Michel Foucault: uma leitura de Kant**. São Paulo: EDUC/ FAPESP, 2011.

LEMKE, Thomas. Foucault, governamentalidade e crítica. Tradução de Eduardo Altheman Camargo Santos. **Plural**, São Paulo, v. 24, n. 01, p. 194-213, 2017. Título original: Foucault, Governmentality, and Critique. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/137508/133168>. Acesso em: 05 out. 2021.

LORENZINI, Daniele e DAVIDSON, Arnold I. Introduction. In: FOUCAULT, Michel. **Qu'est-ce que la critique? Suivi de la culture de soi**. Paris: VRIN, 2015. p. 11-30.

LOUDEN, Robert B. El Kant de Foucault. **Estudos Kantianos**, Marília-SP, v. 1, n. 1, p. 163-182, 2013. Disponível em <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/ek/article/view/3070>. Acesso em: 01 mar. 2022.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília P. de Souza e Silva; Décio Rocha. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MERQUIOR, José Guilherme. **Michel Foucault ou o nihilismo de cátedra**. Tradução de Donaldson M. Garschagen. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

MOSÈS, Stéphane. Émile Benveniste et la linguistique du dialogue. **Revue de Métaphysique et de Morale**, v. 4, n. 32, 2001, p. 509-525. Disponível em: www.cairn.info/revue-demetaphysique-et-de-morale-2001-1-4-page-509.htm. Acesso em: 20 dez. 2021.

SOUZA, Pedro de. Resistir, a que será que se resiste? O sujeito feito fora de si. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, n. 03, p. 37-54, 2003. Edição especial. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/245. Acesso em: 05 set. 2021.

_____. A voz cantante e a partida material do discurso. **Laboratório de Estudos Urbanos**, Campinas, v. 01, n. 01, p. 01-03, 2010. Disponível em: https://www.labeurb.unicamp.br/site/web/publicacoes/1-99-conselho_edicoes_labeurb. Acesso em: 10 set. 2022.

PAUGAM, Guillaume. Benveniste, le "je" et la langue: des déictiques et de la subjectivité. **Texto! – Textes & Cultures**, Paris, v. XIII, n. 3, p. 01-09, jul. 2008. Disponível em: <http://www.revue-texto.net>. Acesso em: 16 nov. 2021.

SEIXAS, Rogério Luis da Rocha. O trabalho crítico da ontologia histórica do presente e a relação entre poder e liberdade em Michel Foucault. **Prometheus Filosofia**, São Cristóvão-SE, v. 2, n. 4, p. 50-61, dez. 2009. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/prometeus/article/view/743>. Acesso em: 10 out. 2021.

TAYLOR, Dianna. Practicing politics with Foucault and Kant: toward a critical life. **Philosophy**, n. 10, p. 259-280, 2003. Disponível em: <https://collected.jcu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1009&context=phil-facpub>. Acesso em: 26 mar. 2023.

VEYNE, Paul. **Foucault: seu pensamento, sua pessoa**. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.